

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DO PORTO**

MESTRADO DE PSICOLOGIA SOCIAL

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DA VIOLÊNCIA SOBRE AS CRIANÇAS**

ELABORADO POR:

SANDRA MARIA DE AZEVEDO PASCOAL ROQUE DOS SANTOS

MARÇO DE 2000

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DO PORTO**

MESTRADO DE PSICOLOGIA SOCIAL

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
DA VIOLÊNCIA SOBRE AS CRIANÇAS**

ELABORADO POR:

SANDRA MARIA DE AZEVEDO PASCOAL ROQUE DOS SANTOS

MARÇO DE 2000

Orientação da Professora Doutora Gabrielle Poeschl

"A todos, que com o seu apoio, dedicação e compreensão souberam estar sempre presentes por todos os momentos que passei, aquele carinho especial. Fica muito mais por dizer, mas a vossa presença está acima de qualquer sentido que as palavras possam transmitir".

Prof. Gabrielle

Ana e Belarmino (pais)

Carla (irmã)

Alfredo (marido)

Madalena e Paula (amigas)

Outros amigos e familiares

e tu pequenino João Pedro, (filho), por muito mais

Bem hajam e muito obrigada

ÍNDICE

Introdução	7
Capítulo 1	
A violência na família e sobre as crianças.....	11
1.1 - Introdução	12
1.1.1 - Elementos estatísticos	13
1.1.1.1 - Violência na sociedade Portuguesa - Família (cônjuges e filhos)	14
1.1.1.2 - Violência na sociedade Norte-Americana	15
1.1.2 - A violência na Família	17
1.1.2.1 - A representação da família, como sistema ideal	17
Produções legislativas – dos finais do séc XIX aos anos 50	18
1.1.2.2 - A representação da família, como lugar perigoso	19
Produções legislativas: anos 70 a 90	21
1.1.3 - Contextualização teórica	22
1.1.3.1 - Explicação psicopatológica	22
1.1.3.2 - Explicação sociológica	23
Classe social	23
Sexo	23
Idade	24
Contexto social	24
1.1.3.3 - Explicação da psicologia social	24
A Teoria da aprendizagem social	25
1.1.3.3.1 - O determinismo recíproco	25
1.1.3.3.2 - O controlo cognitivo	27
1.1.3.3.3 - Determinantes e consequentes da conduta Enquadramento das condutas agressivas/violentas sobre as crianças	29
1.1.4 - Resultados empíricos - Alguns estudos da violência sobre as crianças.....	32
1.1.4.1 - O alto nível de stress e o conflito nas famílias	32
1.1.4.2 - O treino da violência	33
A influência dos pais e a transmissão intergeracional	33
As raízes da violência na educação das crianças	35
1.1.4.3 - A não desaprovação da violência	36
1.1.4.4 - A justificação da violência	38
Capítulo 2	
O modelo teórico das representações sociais	40
2.1 - Introdução	41
2.2 - Significado de representação	42
2.3 - Significado de social	44
2.3.1 - A comunicação e as representações sociais	44
2.3.2 - A dinâmica das representações sociais	45

2.4 - Construção das representações sociais	47
2.4.1 - A objectivação	47
2.4.2 - A ancoragem	48
2.5 - Contextos sociais de referência	49
2.6 - Funções das representações sociais	54
2.7 - Representações sociais da violência	55
Capítulo 3	
Metodologia da investigação	57
3.1 - Planificação da investigação	58
3.2 - Grupos sociais seleccionados	59
3.3 - Estudos Preliminares	
3.3.1 - Recolha dos elementos representacionais	60
3.3.2 - Tratamento e análise de dados	61
3.4 - Estudo principal	
3.4.1 - Recolha de dados	62
3.4.2 - Tratamento e análise de dados	62
Capítulo 4	
Representações sociais da violência: Estudos preliminares	64
4.1 - Método	
4.1.1 - Amostra	65
Crianças	65
Adultos	66
4.1.2 - Questionário	66
4.1.3 - Administração	
Crianças	67
Adultos	67
4.2 - Resultados e discussão	67
Quadro 1 - Palavras evocadas com os dois estímulos, por, pelo menos 10% dos sujeitos	69
4.2.1 - Causas da violência	
4.2.1.1 - Factores estruturais	72
Quadro 2 - Justificação da violência sobre as crianças baseada em factores estruturais	72
4.2.1.2 - Factores Pessoais	74
Quadro 3 - Justificação da violência sobre as crianças baseada em factores pessoais	74
4.2.1.3 - Factores relacionais	75
Quadro 4 - Justificação da violência sobre as crianças baseada em factores relacionais	75
4.2.1.4 - Comportamento das crianças	76
Quadro 5 - Justificação da violência sobre as crianças baseada no comportamento das crianças	76
4.2.2 - Actos de violência	
4.2.2.1 - Violência física	77
Quadro 6 - Violência física	78
4.2.2.2 - Violência psicológica	79
Quadro 7 - Violência psicológica	79

4.2.2.3 - Negligência	80
Quadro 8 - Negligência	80
4.2.2.4 - Atentado à propriedade	81
Quadro 9 - Atentado à propriedade	81
4.2.3 - Cenários de violência	
4.2.3.1 - Formas de violência	81
Quadro 10 - Formas de violência	82
4.2.3.2 - Afectos e a expressão dos afectos	83
Quadro 11 - Afectos e a expressão dos afectos	83
4.2.3.3 - As vítimas da violência	83
Quadro 12 - Vítimas da violência	84
4.2.3.4 - Instrumentos de violência	84
Quadro 13 - Instrumentos de violência	85
4.2.3.5 - Locais de violência	85
Quadro 14 - Locais de violência	86
4.2.3.6 - Quadro de violência	87
Quadro 15 - Quadro de violência	87
4.2.3.7 - Iniciadores da violência	87
Quadro 16 - Iniciadores da violência	87
4.3 - Conclusão	88

Capítulo 5

Representações sociais da violência: Estudo principal	90
5.1 - Método	
5.1.1 - Amostra	92
Crianças	92
Adultos	93
5.1.2 - Questionário	94
5.1.3 - Procedimento	96
Crianças	96
Adultos	96
5.2 - Resultados e discussão	
5.2.1 - Dimensões da representação	96
Tolerância para com a violência	97
Quadro 17 - Tolerância para com a violência	97
Atribuição de culpa	98
Quadro 18 - Atribuição de culpa	99
Concepção da violência	100
Quadro 19 - Concepção da violência	101
Factores possibilitadores da violência	102
Quadro 20 - Factores possibilitadores de violência	103
5.2.2 - Diferenças entre grupos	104
Quadro 21 - Representação da violência sobre as crianças	
Médias por grupos e análise da variância	105
Tolerância para com a violência	106
Atribuição de culpa	107
Concepção da violência	107
Factores possibilitadores de violência	108

5.2.3 - Análise correlacional entre os factores possibilitadores de violência e a tolerância, a atribuição da culpa e a concepção da violência ..	110
5.3 – Conclusão	112
Conclusões gerais	115
Bibliografia	119
Anexos	123

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A violência sobre as crianças continua a ser uma realidade complexa, de difícil abordagem, dado as resistências, ainda vigentes na sociedade contemporânea, em associar-se este fenómeno social a todo um contexto familiar.

Durante décadas a relação entre o crime e a violência são associados a contextos exteriores ao dinamismo familiar, sendo a representação da casa e da família relacionada com um sistema autoregulado e sem quaisquer problemáticas disfuncionais. Será de acrescentar, que apesar das graduais produções legislativas, estas pouco tem contribuído para uma maior visibilidade pública sobre esta temática, atendendo a todo um conjunto de crenças e opiniões que continuam presentes no pensamento quotidiano e que dificultam a própria conceptualização do conceito de violência e de actos violentos associados a uma vertente familiar e de cariz criminológico.

A centralidade do tema no conjunto das questões sociais e das dúvidas que presentemente se colocam, nesta matéria, em diversas estruturas do poder (governamentais, de nível assistencial, etc.), torna pertinente a análise das representações sociais da violência sobre as crianças, focalizada em grupos sociais de diferentes gerações (pais e crianças), sexos e inserções sociais (bairro social e zona residencial). Considera-se que as crenças socialmente difundidas em relação à violência sobre as crianças e as formas de apreensão destes grupos se inscrevem no seio de determinações sociais, mediadas pela actividade construtiva do sujeito sobre o conjunto de informações recebidas dos diversos canais comunicacionais. Neste sentido, a investigação serve-se do modelo teórico das representações sociais formulado, inicialmente, por Moscovici (1976), relevando a especificidade psicossocial, decorrente da regulação socio-cognitiva do conhecimento, activada por uma dinâmica social complexa.

Contudo, neste enquadramento teórico, efectua-se uma incursão em algumas explicações acerca da violência na família e sobre as crianças, tais como a psicopatológica, a sociológica e finalmente a psicossocial. Nesta vertente

explicativa, aborda-se a teoria da aprendizagem social, formulada por Bandura (1982), que permite uma melhor apreensão dos processos inerentes à explicação das condutas agressivas, partilhando a assumpção de que o conhecimento social deriva da experiência da interacção social, focalizando o determinismo recíproco entre os factores individuais e ambientais. Procura-se, assim, empiricamente, dar conta da forma como a sociedade cria e se organiza simbolicamente em torno desta temática e a relação das diferentes inserções dos sujeitos com a forma concreta de organização dessas representações.

A investigação inclui dois objectivos: por um lado, constatar a forma como se objectivam as representações sociais da violência e de situações de violência sobre as crianças, e por outro lado, referenciar a eventual diversidade/diferenciação destas representações entre os grupos sociais referenciados, demonstrando o efeito do enraizamento social em diferentes contextos sociais de referência, (geracional, sexual e local de residência). Constituem as intenções deste estudo: a apreensão das dimensões de significação que estruturam as representações da violência sobre as crianças e a verificação das suas diferenças em função das diferentes pertenças grupais.

Para além desta parte introdutória e das conclusões gerais, este trabalho é dividido em duas grandes partes: na primeira, de carácter essencialmente teórico, procura-se no Capítulo 1, uma certa incursão estatística ao nível da realidade Portuguesa e Norte-Americana. A similitude de incidência deste fenómeno remete para o seio familiar e respectivas relações de parentesco, dando conta da evolução da representação da violência na família e respectivas produções legislativas. A contextualização teórica da violência na família e sobre as crianças, focaliza a importância da teoria da aprendizagem social, bem como alguns estudos empíricos, de vertente psicossocial, que demonstram os factores relacionados com a ocorrência da violência na família. O Capítulo 2, centrado no modelo teórico das representações sociais, procura referenciar esta proposta de compreensão da construção do pensamento social. Assim, após a delimitação do conceito, considerando o seu carácter construtivo e social, descreve-se a constituição e o funcionamento das representações sociais,

através de processos socio-cognitivos de objectivação e ancoragem, da interacção entre a realidade dos fenómenos e a sua representação. Posteriormente, apresenta-se a importância dos factores sociais na construção das representações sociais através de diversas contribuições teóricas. Finalmente, apresentam-se os estudos que se tem preocupado com uma abordagem psicossocial do fenómeno da violência sobre as crianças, delimita-se o racional teórico e a própria pertinência do estudo.

Na segunda parte, é apresentada a investigação empírica. No Capítulo 3, apresenta-se a planificação da investigação e os grupos sociais escolhidos para participar nos diferentes estudos, para além de descrever-se as técnicas de recolha e da análise dos dados utilizados nas duas fases de investigação. O Capítulo 4, descreve o método, apresenta os resultados e conclusões da primeira fase da investigação: os dois estudos preliminares. O Capítulo 5, apresenta as hipóteses de trabalho, o método, bem como os resultados da segunda fase da investigação: o estudo principal. São evidenciadas as tendências principais dos resultados e as diferentes organizações representativas, bem como a ancoragem em vivências particulares diferenciadas que definem as pertenças grupais dos sujeitos.

Por último, são sistematizadas algumas conclusões gerais com base nos principais resultados da investigação.

CAPÍTULO 1
A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA E SOBRE AS CRIANÇAS

CAPÍTULO 1

A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA E SOBRE AS CRIANÇAS

1.1 - INTRODUÇÃO

A violência sobre as crianças é um fenómeno social pouco esclarecido e de pouca visibilidade pública, visão que vai ser possível verificar-se ao longo das diferentes partes que compõem este Capítulo teórico.

Neste capítulo, começamos por uma certa incursão estatística, ao nível da realidade Portuguesa e Norte-Americana, onde a similitude de incidência deste fenómeno nos remete para o seio familiar, sendo na própria relação de proximidade (parentesco, afinidade, etc) entre os diferentes elementos familiares, a origem do ciclo vicioso de violência.

Num segundo momento, apresentamos a conceptualização de violência na família (a manutenção de certas crenças enraizadas nos pensamentos acerca do conceito de família e subsequentes dificuldades na definição dos próprios conceitos de actos violentos), bem como as diferentes produções legislativas, que ao longo da evolução histórica, pouco tem contribuído para uma melhor intervenção preventiva sobre os casos de violência sobre as crianças.

O desenvolvimento de explicações teóricas nestas últimas duas décadas, no âmbito da sociologia, dos modelos psicopatológicos, permite-nos contextualizar teoricamente este trabalho na vertente da psicologia social, nomeadamente na teoria da aprendizagem social. Nesta vertente teórica, salientamos a importância do processo de socialização das crianças na relação com os seus pais, o determinismo recíproco entre os factores individuais e ambientais, os processos cognitivos intermediários, a representação simbólica da informação e os mecanismos de autoreforço, entre outros.

Por último, apresentamos alguns estudos da violência sobre as crianças, focalizando a influência das normas culturais que toleram e aceitam a violência como meio de educar as crianças, a importância do conflito nas famílias, o

treino da violência, bem como a abordagem dos mitos sobre a agressão humana. Nestes estudos salienta-se a importância dos contextos de vida e a análise da influência dos pais (da transmissão intergeracional).

1.1.1 - ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

Fontinha (1996) aborda a violência infantil e familiar à luz das características das sociedades ocidentais contemporâneas revelando os factores responsáveis ou, pelo menos de influência, pela generalização do fenómeno. Subjacente à grande diversidade de motivos inerentes ao incremento de actos violentos, sobressai o papel dos factores sociais, culturais e relacionais.

Esta autora refere que a “cultura de violência” e a sociedade violenta geram e alimentam a própria violência, contra o qual não se tem conseguido oferecer perspectivas válidas, capazes de desenvolver entre os indivíduos e os grupos uma cultura de amor, de paz e bem estar físico e psicossocial. Esta autora menciona a falta de padrões de referência positivos e construtivos, proporcionadores de felicidade. Nas diversas dimensões da vida, na família, na escola, no trabalho e no lazer, os objectivos são hoje claramente competitivos e desvirtuados, tornando-se disfuncionais para aquilo que deveria ser a “sociedade dos homens”. A mudança que a própria dinâmica social gera vem sendo aproveitada como justificação dos desvios e das perdas sociais. A modernidade, segundo a autora, é confundida com modernismos que arrastam, pela intervenção dos meios de comunicação social, as crianças e os adultos para um mundo imaginário povoado de criaturas nocivas e geradoras de violência. Fontinha (1996) acrescenta que criticamos todo esse estado de coisas, contudo recusamo-nos a reconhecer que é a nossa concepção de Bem e Mal que está pouco clara.

A violência é, de forma abreviada e simplificada, a qualidade desintegradora de uma relação entre dois ou mais sistemas, quer estes sejam indivíduos, grupos ou simples objectos. Na sua simplificação, tal conceito chega, só por si, para

que a violência exibida pela sociedade e na família, deva ser combatida e se possível banida (Fontinha, 1996).

Santos (1996) privilegia os aspectos sócio culturais face à violência, e a respectiva necessidade em se reflectir sobre o paradigma relacional, recorrendo à mitologia como analisadora da violência, enquanto núcleo organizador de condição humana.

1.1.1.1 – VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE PORTUGUESA – FAMÍLIA (CÔNJUGES E FILHOS)

Na Reunião Médico-Legal de Portugal de 1996, são analisados pelo Instituto Médico Legal do Porto, casos de crimes contra a integridade física na criança com idades até aos 16 anos, durante o ano de 1992 a 1995 (n=221), sendo 57% das vítimas rapazes e 51,3% que tinham idades inferiores a 13 anos. As lesões apresentadas e mais frequentes são as equimoses, os hematomas e as feridas superficiais. Os casos graves são queimaduras (provocadas por ácido sulfúrico, água a ferver, sprays irritantes, fogão e cigarro), fracturas ósseas, traumatismos crânio encefálicos e uma perfuração ocular. Em 78,9% dos casos, as lesões são provocadas por murros, pontapés e armas de fogo.

O crime está relacionado em 43 % dos casos com motivos aparentemente fúteis, como discussões entre vizinhos por problemas de condomínios, nas quais as crianças acabam por ser incluídas; em 12,3% dos casos existem situações premeditadas de vingança, a maior parte das vezes dirigidas contra os pais. O divórcio dos pais ou o alcoolismo destes, que criam um ambiente de instabilidade e stress familiar no qual a criança é envolvida, são também motivos para a agressão em 44,7% dos casos.

Quanto aos agressores, em 36,2% dos casos, o crime é praticado pelos pais (homem e mulher), familiares ou educadores e em 26% pelos vizinhos; também efectuado pelo padrasto ou outro familiar com uma percentagem de cerca de 60%. Assim, entre agressor e vítima encontra-se na grande maioria dos casos,

estabelecido vínculo familiar, de júris ou de facto, ainda que por afinidade. Existem também homicídios resultantes da violência conjugal, sendo a mulher a principal vítima, assim como os filhos menores do próprio agressor, que caso fiquem magoados matam o agressor, na tentativa de socorrerem a vítima envolvida na conflituosidade.

A violência contra a mulher na relação conjugal tem consequências físicas, psíquicas e sociais de curto a longo prazo, que se repercute na própria mulher, no elemento agressor, nos filhos e na sociedade em geral. Neste enquadramento emergem problemáticas relacionadas com o alcoolismo, depressões, ansiedade, diminuição da auto estima, absentismo laboral e empobrecimento econ mico da família. É no entanto preocupante a questão dos filhos destas mulheres que revelam perturbações de comportamento, dificuldades de integração social e escolar e muitos deles acabam por fugir de casa para escapar ao ciclo vicioso da violência familiar, incrementando, no entanto, outro tipo de problemáticas relacionadas com a delinq ncia e criminalidade juvenil.

1.1.1.2 – VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA

Estudos intraculturais efectuados no Canadá (Hoff, 1997) indicam que a maior parte dos actos violentos são cometidos por heterossexuais/homens contra crianças, mulheres e outros homens; verifica-se que cerca de 60% a 70% das fugas de casa, bem como 98% da prostituição de menores manifestam um historial familiar de abuso sexual; os racios de violência sobre menores/raparigas e mulheres tem aumentado significativamente; para além de que 33% dos rapazes vítimas de abuso sexual tornam-se futuros agressores sexuais.

O contexto familiar é o privilegiado para as diferentes agressões efectuadas e também se verifica a centralização em laços de parentesco, afinidade e outros tipos de relacionamentos próximos entre a(s) vítima(s) e o(s) agressor(es).

Straus e colegas (1980, in Gelles, 1987) verificam num inquérito realizado na sociedade norte-americana, a existência de uma taxa de incidência anual de abuso em 3.8% das crianças Americanas entre os 3-17 anos de idade. Das 46 milhões de crianças entre os 3-17 anos, que vivem com os pais (ambos os pais), durante o 1º ano do estudo, 1.5 a 2 milhões são abusadas por estes; verificam ainda, que quanto às características familiares, em ¼ dos casos o casal é violento, os homens são vítimas e não agressores, e em ½ das famílias violentas os homens e as mulheres são violentos, não apurando o estudo se as esposas são violentas como forma de retaliação e/ou autodefesa. O index de violência inclui 8 itens (*Conflict Tactics Scale*), onde os resultados evidenciam que 63% dos pais usam pelo menos 1 das 8 formas de violência contra os filhos durante o 1.º ano do estudo; 40% dos pais usam violência severa – pontapés, bater com objectos, ameaças com armas, etc. Num novo estudo, realizado 10 anos mais tarde, verifica-se que o tipo de actos violentos sobre as crianças nas famílias, mantinha-se invariável.

Gelles (1987), no seu trabalho *Family Violence*, estuda os graus de frequência da violência parental sobre as crianças e da violência marital, verificando que as crianças são vítimas de violência de forma continuada por parte dos pais, recorrendo estes a espancamentos, ao uso de violência mediante a utilização de objectos, situação análoga às esposas que são vítimas de idêntica agressividade por parte dos maridos, sendo contudo, as mulheres que mais frequentemente procuram utilizar objectos contra aqueles.

Straus (1990) salienta ainda alguns dados obtidos pelos serviços de protecção à criança (tribunais, polícia, escolas, hospitais e clínicas de saúde mental), onde metade dos casos de negligência são provocados por famílias monoparentais (mães) e 40% desses casos são provocados por ambos os pais. Nos casos de abuso, ¼ são responsáveis as mães que vivem sozinhas e 2/3 pelos pais ou figuras alternativas. Os padrastos estão desproporcionalmente representados em todas as categorias, particularmente em casos de abuso sexual. As mães não são as principais agressoras no abuso sobre as crianças. Os pais e figuras

alternativas estão implicadas em 63% em todos os abusos e 90% nos abusos sexuais.

Como questiona Miller (1984), “porquê é que os jornais, que têm como principal função informar, não se manifestam sobre estas novas, perturbantes e incomodativas situações? (...) quais os objectivos deste silêncio? Não será útil para os pais saberem que os maus tratos que infligem sobre as crianças, poderão estar enraizados no seu passado? É necessário compreender este processo e compreender a sua linguagem” (p. 273-274).

1.1.2 - A VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

“As imagens da perigosidade não só depende da experiência pessoal, mas também pelo modo como os eventos dentro das famílias são socialmente construídos e em que termos são considerados como normais; logo é importante, saber quando, como e em que circunstâncias e por quem certos comportamentos dentro das famílias se tornaram visíveis e são considerados como crimes” (Muncie e McLaughlin, 1996, p. 184).

1.1.2.1 – A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA, COMO SISTEMA IDEAL

Muncie e McLaughlin (1996), referem a concepção de família ideal, desde o séc. XIX até aos anos 50, marcada pela harmonia e lealdade, onde a intervenção estatal era mínima, sendo as relações autoreguladas. É um local de segurança, associando as mulheres a uma certa vulnerabilidade, extensivo às crianças e às pessoas deficientes e idosos. Verifica-se a diferenciação dos papéis sexuais, logo à mulher estão associadas as funções de responsabilidade nos cuidados a ministrar aos diferentes membros da família e ao homem um papel de receptor de serviços domésticos, carinho e de intimidade sexual.

Nos meados do séc. XIX, a própria violência contra as esposas, não usufrui de qualquer legislação específica. As mulheres são consideradas como propriedade dos homens, logo aceita-se socialmente que estes tem direito a bater nas suas esposas (Coley, 1991, in Muncie e McLaughlin, 1996). Mesmo,

nos inícios do séc. XX, a atenção focaliza-se no estilo de vida familiar, mas não na violência contra as mulheres ou crianças. É a emergência de profissionais sociais, caracterizada pela maior intervenção estatal com o intuito de supervisionar e regular as vidas domésticas (Williams, 1989, in Muncie e McLaughlin, 1996).

O crime encontra-se associado unicamente a todo um mundo exterior à família, a determinadas áreas geográficas da cidade, logo, locais estes interditos às mulheres, sendo o crime associado à esfera pública em oposição à esfera privada da família. Existe, contudo, uma concepção denotando um certo paradoxo, uma vez que a família é representada como uma causa de problemas sociais (o divórcio, a falta de disciplina nas crianças), mas também como cura do crime, no sentido que permite restaurar a ordem pública, diminuindo a criminalidade. Muncie e McLaughlin, (1996), concretizam esta concepção de família, ao referenciarem que o acto de um pai bater num filho, é considerado como um método educativo normal, impondo disciplina às crianças “difíceis”.

PRODUÇÕES LEGISLATIVAS – DOS FINAIS DO SÉC XIX AOS ANOS 50

A própria produção legislativa reflecte esta representação ideal da família e a consequente evolução paulatina na relação entre família e violência, tanto mais que nos finais do séc XIX, o problema da violência na família é somente identificado e definido em termos de crueldade para com as crianças. As classes mais altas aparecem envolvidas em sociedades voluntárias, com o principal objectivo de protecção das crianças, estabelecendo-se uma base legal relativamente aos novos crimes. Desta forma, em 1889, é criado nos Estados Unidos, a National Society for the Prevention of Cruelty to Children (NSPCCs). Como resultado da campanha da NSPCCs e outras organizações voluntárias, algumas produções legislativas foram introduzidas nos finais do séc. XIX até à década de 50:

- 1889 – Prevention of Cruelty and Better Protection of Children Act – A crueldade e a negligência sobre as crianças tornam-se ofensas criminais; o castigo é considerado como acto de crueldade, acto de intenção criminal, não

associando negligência à ignorância ou à pobreza (Pinchbeck e Hewitt, 1973, in Muncie e McLaughlin, 1996). A importância dada ao abuso sexual nas crianças, nomeadamente às jovens raparigas e à prostituição infantil particularmente nos subúrbios das zonas urbanas, é associada às classes mais baixas (Morgan e Zedner, 1992, in Muncie e McLaughlin, 1996).

- 1908 – Punishment of Incest Act – as relações sexuais entre as pessoas, elementos da família, são considerados como crimes pela lei. Mas, unicamente restrito a certos actos sexuais e a relações de parentesco particulares, os padrastos e madrastas são excluídos. Contudo, raramente foi aplicada esta lei.

- 1933 – Children and Young Persons Act – o princípio de bem estar, é explicitado pela necessidade de intervenção estatal em relação à criança.

- 1948 – Children Act – são focalizados os aspectos morais e emocionais relativamente às crianças. É dada importância à maternidade, focalizando primordialmente o abuso sobre as crianças, ao nível da privação emocional causada pelas mães que tem de trabalhar. Existe a rotulação das mulheres negras e das classes baixas como más mães.

- 1956 – É elaborado o Sexual Offences Act – que contém a base das prossecuções criminais actuais.

1.1.2.2 – A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA, COMO LUGAR PERIGOSO

A partir da década de 60, inicia-se uma gradual redescoberta das diferentes formas de violência e abuso nas famílias. “As crianças batidas são descobertas pela actividade clínica, construindo-se a concepção de que tal abuso é uma doença, como resultado da ruptura familiar” (Muncie e McLaughlin, 1996, p. 202). Como refere Gordon (1989, in Muncie e McLaughlin, 1996) esta nova visibilidade da violência familiar encontra-se associada ao desenvolvimento de vários movimentos sociais radicais (direitos civis, estudantis e movimentos feministas). Existe, desta forma, o reconhecimento público dos actos de violência e do abuso no interior dos núcleos familiares. Assim, nos anos 60, são identificadas diferentes formas de violência, - o abuso físico e a negligência sobre as crianças; nos anos 70, reconhece-se a violência familiar; nos anos 80,

o abuso sexual e finalmente nos anos 90, o abuso sobre as pessoas idosas (Muncie e McLaughlin, 1996). "(...) a forma de violência física no ciclo de vida dos membros da família, é tão vulgar, que poderá ser considerado como quase universal (...) a violência é um elemento típico do relacionamento entre os membros da família, tal como o amor" (Hotaling e Straus, 1980, in Muncie e McLaughlin, 1996, p. 186).

Contudo e não obstante esta evolução, a violência na família encontra-se enraizada em alguns pensamentos, nomeadamente: 1 - como um parte inevitável da vida familiar, uma vez que o dar uma bofetada às crianças é uma forma aceitável de disciplinar; 2 - como algo patológico, dado que os membros que são violentos são considerados como desviantes ou mentalmente doentes; 3 - a violência física e a negligência como resultante de determinadas condições sociais, como a pobreza e o desemprego; 4 - como resultado das desigualdades de poder entre os géneros e as gerações, nomeadamente as crianças consideradas como propriedade dos pais; 5 - como produto da masculinidade, abuso de poder pelo sexo masculino. (Muncie e McLaughlin, 1996).

Mantêm-se, nestas décadas, uma grande relutância na abordagem da violência e crime na vertente familiar, sendo a própria terminologia de violência e a prevalência de certas formas de abuso difíceis de definir e precisar. A definição de violência familiar envolve julgamentos acerca do que é considerado ou não como normal na vida em família. O que são os bons pais? As próprias diferenças de idade, género, as relações de poder, são consideradas como naturais e invisíveis. Como refere May, (1978, in Muncie e McLaughlin, 1996, p. 196) " são múltiplas as dificuldades em abordar o que se passa num contexto tão íntimo e privado como a família".

PRODUÇÕES LEGISLATIVAS: ANOS 70 a 90

As produções legislativas realizadas em décadas sucessivas, desde os anos 70 até aos anos 90, reflectem uma nova visibilidade da violência familiar, como reflexo do desenvolvimento de vários movimentos sociais (que atrás referimos), que de diferentes formas, ameaçam o carácter sagrado da privacidade familiar e a separação entre a esfera pública e privada. Assim, os movimentos feministas da década de 70 desenvolvem estratégias de protecção relativamente às mulheres, criando-se na sociedade Norte-Americana, organizações como Rape Crisis e Women's Aid. A importância da prevalência da violência sobre as crianças e as mulheres, é enfatizada na obra de Kelly e Radford (1990, in Muncie e McLaughlin, 1996), onde referem que os comportamentos de violência doméstica, de abuso sexual e de abuso sexual sobre as crianças, sempre existiram. Contudo, são os movimentos feministas que tem coragem de abordar estas realidades, até então, inquestionáveis, "... tornam visível o que é invisível, definem como inaceitável o que é aceitável, tornam conhecido o que é proibido falar" (p. 202).

Nos anos 80, reemerge o abuso sexual sobre as crianças, como resultado das campanhas das organizações feministas, relacionadas com a violação e com a violência doméstica. Desta forma, o abuso físico e a negligência ocasionam a retirada das crianças das suas famílias de origem, mediante a intervenção das agências de protecção das crianças e das autoridades policiais.

- 1989 – New Children Act – visa legislar as retiradas das crianças dos seus contextos familiares, dado o surgimento de alguns escândalos verificados nesse âmbito.

Apesar da evolução a nível social e das definições legais atrás referenciadas, continua a ser extremamente difícil lidar com a realidade de inúmeras crianças e mulheres que são molestadas no seio familiar, dado ser ainda vigente uma construção social da violência camuflada pelo mito da família, como um lugar de paz, segurança e harmonia. (Dobash e Dobash, 1980, in Muncie e McLaughlin, 1996).

1.1.3 - CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos 20 anos tem aumentado a atenção sobre o problema das crianças abusadas e negligenciadas. Historicamente, a evidência sugere que o abuso das crianças e a violência remonta aos tempos coloniais na América e aos tempos bíblicos da história da humanidade (Bakan, 1971; DeMause, 1974; 1975; Newberger, 1977 e Radbill, 1974, in Gelles, 1987).

Paralelamente a toda a produção legislativa e à própria verificação da incidência deste fenómeno, desenvolvem-se ao nível científico, algumas correntes teóricas, das quais vamos sobrevalorizar as relacionadas com as explicações clínicas ou psicopatológicas, com a explicação sociológica e com a explicação da psicologia social.

1.1.3.1 – EXPLICAÇÃO PSICOPATOLÓGICA

Nesta explicação, os abusos sobre as crianças são invariavelmente explicados pelo estado de doença dos pais. Para Steele e Pollock (1968, in Gelles, 1987), os pais abusivos tem problemas emocionais, sendo considerados como impulsivos, imaturos, deprimidos e sadomasoquistas, para além de evidenciarem egocentrismo e insegurança. Os pais abusivos costumam encarar os filhos como adultos, esta distorção parental leva-os a uma falta de interpretação sobre a realidade da criança e dos seus filhos, sendo estes a fonte dos seus problemas (Galdston, 1965, in Gelles, 1987).

Segundo Steele e Pollock (op.cit.), a causa desta psicopatia poderá estar relacionada com o estilo de educação (castigos físicos e abusos) que os pais recriam na educação dos seus filhos. A causa da patologia encontra-se na experiência de infância que inclui o abuso e o abandono. A assumpção é que os pais que foram abusados em crianças também vão abusar sobre as suas crianças. Contudo, a maior parte destes estudos baseiam-se em assumpções do senso comum não testadas (post facto), sendo a recolha de dados realizada com base em dados clínicos ou psiquiátricos, não se afigurando como

representativos, dado que grande parte dos abusadores das crianças não são vistos em consultas.

1.1.3.2 – EXPLICAÇÃO SOCIOLÓGICA

Esta explicação centra-se essencialmente na justificação da violência sobre as crianças através de algumas produções científicas relacionadas com a relevância dos factores sociais, económicos e demográficos, aspectos não tidos em conta na anterior explicação.

CLASSE SOCIAL:

Estudos já realizados evidenciam uma sobrerrepresentação da ocorrência da violência sobre as crianças em classes médias e baixas. Gil (1971, in Gelles, 1987) encontra os perpetradores do abuso no baixo status socioeconómico. Bennie e Sclare (1969, in Gelles, 1987), verificam que em 80% dos casos de abuso sexual, as crianças pertencem a classes baixas (trabalhadores indiferenciados). Observações semelhantes são relatadas por Steinmetz e Straus (1971, in Gelles, 1987) que a violência intrafamiliar é mais frequente nas classes baixas e nas classes trabalhadoras.

SEXO:

Estudos realizados por Resnick (1969, Bennie e Sclare, 1969, in Gelles, 1987) referem ser o sexo feminino, o principal agressor em situações de abuso sobre as crianças. Verificação que coloca em questão os papéis culturais, nos quais são atribuídas características agressivas ao homem e à mulher a passividade, sendo por isso, surpreendente como estas aparecem como sobrerrepresentadas nos casos de violência sobre as crianças (Singer, 1971, in Gelles, 1987). Uma das explicações reside no maior contacto entre a mãe e os filhos, podendo estes interferir mais na sua autoestima e identidade, comparativamente aos pais, excepto se o pai não pode realizar o seu papel ou a criança ser

considerada como uma ameaça a sua auto-estima e identidade (O'Brien, 1971, in Gelles, 1987).

IDADE:

Resnick (1969, in Gelles, 1987) refere que os primeiros meses de vida de uma criança são os mais perigosos, atendendo à maior vulnerabilidade daquela aos castigos físicos. Observações similares referidas por Bennie e Sclare (1969, Kempe, 1962, ambos in Gelles, 1987).

CONTEXTO SOCIAL:

Gil (1971) e Galdston (1965, ambos in Gelles, 1987) evidenciam que os pais abusivos se encontram desempregados ou a trabalhar a tempo parcial e a esposa numa situação laboral similar ou a cuidar a tempo inteiro dos seus filhos. O desemprego, bem como as crianças indesejáveis produzem stress e frustração, funcionando como importantes factores na explicação do abuso parental sobre as crianças. Também, é analisado como factor impulsionador da violência sobre as crianças, os casamentos realizados entre membros de diferentes religiões.

1.1.3.3 – EXPLICAÇÃO DA PSICOLOGIA SOCIAL

Os pais que recriam um modelo de educação abusivo sobre as suas crianças (uma vez que foram educados usando a força física e a violência como forma de resolverem os problemas), fazem-no porque este é o único meio de educação que aprenderam enquanto crianças (Gil, 1971, in Gelles, 1987).

Considerando o processo de socialização das crianças e seus efeitos nos modelos de educação das crianças, podemos abordar a violência sobre aquelas em termos de um modelo psicossocial - a teoria da aprendizagem social. Este modelo, contextualização teórica fundamental aos objectivos deste trabalho, procura integrar os factores pessoais e sociais na compreensão da violência.

A TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL

A teoria da aprendizagem social permite, com a sua inovação teórica, uma melhor apreensão dos processos inerentes à explicação das condutas agressivas, partilhando a assumpção de que o conhecimento social deriva da experiência da interacção social e focalizando o determinismo recíproco entre os factores individuais e ambientais.

1.1.3.3.1 - O DETERMINISMO RECÍPROCO

Durante muito tempo, prevaleceu a perspectiva de que as determinantes principais da conduta humana são as forças motivacionais, logo, situadas no interior dos indivíduos. Contudo, segundo Bandura (1982), os motivos internos não podem explicar o facto de que a frequência e a força de uma conduta varie de acordo com as situações, as pessoas e os momentos. As condições ambientais, fazem com que a conduta varie em consonância, logo, não se pode explicar apenas por uma causa interna.

Outros psicólogos, defendem a pretensão de que as determinantes da conduta não residem no interior dos indivíduos, mas sim nas forças do meio. Contudo, não se chega a um consenso, quanto as razões pelas quais a conduta de uma pessoa poderá ser uniforme ou variável. Mantém-se, a controvérsia, isto é, se as determinantes da conduta são situacionais ou disposicionais. Bowers (1973; Endler e Magnusson, 1975, ambos in Bandura, 1982), ao alimentarem esta controvérsia sobre os determinantes da variação comportamental, adoptam a concepção de que a conduta é o resultado da interacção das pessoas e situações e não o produto de cada factor separado.

Mas, por interacção, segundo Bandura (1982), existem vários significados e conceptualizações diferentes quanto aos processos causais: 1- a noção unidireccional de interacção na qual as pessoas e as situações são consideradas como entidades independentes que se combinam para produzir a conduta ($C = f(P, M)$); 2- a concepção de interacção que reconhece que as influências pessoais

e ambientais são bidireccionais, mas que mantêm um ponto de vista unidireccional relativamente à conduta. A conduta é uma determinante que interage com os outros e não é um simples resultado da interacção entre a pessoa e a situação ($C = f(P \rightarrow M)$); 3- A interacção como um processo de determinismo recíproco, fundamento da teoria da aprendizagem social, na qual tanto a conduta como os factores pessoais e ambientais actuam como determinantes que estão interligadas ($C \leftrightarrow M \leftrightarrow P$). Segundo Bandura (1982), neste esquema são os factores ambientais que, umas vezes, pressionam poderosamente sobre o comportamento, e outras vezes são os factores pessoais que regulam o curso dos fenómenos ambientais e predominam sobre estes. Segundo a teoria da aprendizagem social, as pessoas não são impulsionadas nem por forças internas, nem por estímulos do meio.

Assim, o funcionamento psicológico explica-se em termos de uma interacção recíproca e contínua entre os factores pessoais e os ambientais; os factores pessoais internos e a conduta também se determinam reciprocamente, mas os factores pessoais só são potencialidades quando activados; os factores ambientais determinam em parte, que repertórios comportamentais serão desenvolvidos ou activados. Os ambientes sociais proporcionam muitas oportunidades de criar contingências que afectam reciprocamente a conduta do sujeito. Para Bandura (1982), as interacções sociais e a conduta de cada participante norteia os repertórios potenciais que devem ser actualizados e os que devem permanecer sem se expressarem.

Daí, o destaque desta teoria relativamente aos processos simbólicos e autoreguladores. Na realidade, segundo Bandura (1982), os fenómenos de aprendizagem resultam de uma experiência directa, observando as condutas de outras pessoas e as consequências dessas condutas. A capacidade de apreender pela observação, permite que as pessoas adquiram pautas de condutas, amplas e integradas, sem ter de as configurar gradualmente, através de um processo tedioso de ensaio e erro. Por outro lado, graças à capacidade de utilizarem símbolos, os humanos contam com um poderoso meio de enfrentar o seu meio. Através dos símbolos verbais, as pessoas processam as suas

experiências e preservam em forma de representações, que servem como guias das suas condutas futuras.

A capacidade de acção intencional baseia-se, portanto, na actividade simbólica. A imagem de um futuro desejável estimula as acções, permite resolver os problemas e prever as consequências prováveis das diversas acções e podendo moldar a sua própria conduta. Assim, as pessoas podem exercer controle sobre a sua própria conduta, dispondo de factores ambientais que a induzam, gerando apoios cognitivos e produzindo determinadas consequências das suas próprias acções. (Bandura, 1982).

Por exemplo, as pessoas sofrem muitas influências que produzem alterações cognitivas e estas por sua vez, afectam a selecção e o processamento simbólico das influências posteriores. O cumprimento de determinados papéis sociais, permite às pessoas, especificarem a forma como se devem comportar quando representam tais papéis e isto serve de influência estrutural sobre a natureza dos intercâmbios recíprocos. No entanto, são capazes de dirigir o curso das suas acções até metas valoradas, estabelecendo as condições ambientais mais propícias a elucidar a conduta apropriada, criando ajudas cognitivas e consequências para as manter (Bandura, 1982).

1.1.3.3.2 – O CONTROLO COGNITIVO

Para Bandura (1982) a maioria das influências externas afectam a conduta através de processos cognitivos intermediários. Desta forma, manipulando simbolicamente a informação que deriva da experiência, poderemos compreender os fenómenos e gerar conhecimentos novos sobre os mesmos. Os fenómenos cognitivos, referem-se à imaginação, à representação da experiência de forma simbólica e aos processos de pensamento.

Segundo este autor, existem diferentes formas através das quais o funcionamento cognitivo intervém na regulação da conduta humana:

- 1- a motivação com bases cognitivas - nem sempre a conduta humana se produz por estimulação exterior (eventos ambientais, corporais, fome, sede, etc.), logo a acção basear-se-à em actividades cognitivas. A capacidade de representar no pensamento consequências futuras, proporciona uma fonte de motivação com bases cognitivas. As representações cognitivas das consequências futuras, funcionam normalmente como motivadoras de conduta. De acordo com a teoria da aprendizagem social as pessoas funcionam como agentes activos na sua própria automotivação;
- 2- representação cognitiva das contingências - as pessoas apreendem através do emparelhamento repetido das experiências, existindo certas situações em que a actuação é regida por expectativas erróneas, podendo alterar a conduta dos outros, adaptando-se assim a realidade social, às expectativas;
- 3- direcção da conduta através da representação - os processos cognitivos jogam um papel fundamental na aquisição da conduta, assim como na sua expressão. As representações internas da conduta, elaboradas a partir da observação de exemplos e de informação que proporcionam as consequências de resposta, funcionam em ocasiões posteriores, como guias de acção manifesta;
- 4- controlo do pensamento sobre a acção - as capacidades cognitivas permitem que as pessoas consigam solucionar a maior parte dos seus problemas no seu pensamento. É necessário considerar as informações relevantes e aplicá-las às operações cognitivas adequadas. Serão as soluções simbólicas mais favoráveis que vão ser colocadas na prática.

O pensamento depende em grande parte dos símbolos linguísticos. De facto, é através da manipulação de símbolos, transmitindo informação relevante, que é possível criar novas formas de conhecimento, resolver problemas e deduzir consequências sem necessidade de nenhuma actividade (Bandura, 1982). "Os símbolos constituem os instrumentos do pensamento, sendo as representações internas da experiência uma das fontes importantes das construções simbólicas, que constituem os pensamentos" (Bandura, 1982, p. 206).

As pessoas formam concepções acerca de si mesmas e do mundo que as rodeia, observando e analisando os acontecimentos que se desenrolam no seu ambiente. Mediante a representação simbólica da informação procedente dessas experiências, e dentro de determinadas condições, adquirem conhecimento sobre as propriedades dos objectos, sobre as relações e sobre as formas de predizer com maior probabilidade. Sendo assim, grande parte do conhecimento é obtido directamente, pelos efeitos produzidos nas suas acções. Para além disso e segundo a teoria da aprendizagem social, a observação dos efeitos produzidos pelas acções dos outros, proporciona uma comprovação dos próprios pensamentos. A aprendizagem social quotidiana, baseia-se assim também em observações casuais ou não, das condutas de outras pessoas.

1.1.3.3.3 – DETERMINANTES E CONSEQUENTES DA CONDUTA:

Enquadramento das condutas agressivas/violentas sobre as crianças

Uma consequência importante da teoria da aprendizagem social é que “As pessoas não estão equipadas com um repertório de condutas inato. Tem de as apreender” (Bandura, 1982, p. 31). As novas respostas podem ser adquiridas pela experiência directa ou pela observação, isto é, a aprendizagem faz-se quer pelas consequências das respostas quer por meio de modelos.

Quanto à aprendizagem pelas consequências das respostas, encerra várias funções:

- a função informativa - trata-se de um processo de aprendizagem de carácter cognitivo, pois ao observar-se os diversos resultados das nossas acções, vão-se desenvolvendo algumas hipóteses de respostas mais apropriadas em determinados ambientes;

- a função motivacional - relacionada com a capacidade das pessoas em representarem simbolicamente as consequências previsíveis, tornando-as em motivações reais da sua conduta;

- a função reforçante - o reforço como um meio fundamental à regulação das condutas que são apreendidas.

Relativamente à aprendizagem por meio de modelos, Bandura (1982) refere-se à aprendizagem pela observação. São quatro os processos que compõem e dirigem a aprendizagem:

- o processo de atenção - as pessoas por referência às experiências anteriores e às exigências da situação, vão desenvolvendo certas disposições perceptivas que condicionam os elementos extraídos das observações e a sua forma de os interpretar;
- o processo de retenção - consiste na retenção das actividades que serviram de modelos num determinado momento, implicando dois tipos de representação, a representação por imagens e a representação verbal. À medida que as crianças crescem vão desenvolvendo as suas habilidades verbais, permitindo uma codificação verbal das imagens vividas, o que lhes permite uma melhor retenção da conduta;
- o processo de reprodução motora - na aprendizagem quotidiana, as pessoas vão-se servindo de modelos e vão-se aperfeiçoando mediante autocorrectivos, através de ensaios e erros;
- os processos motivacionais - a propensão em adoptar as condutas, cujas consequências são mais valiosas e satisfatórias, colocando de parte as que desaprovam.

Toch (1969, in Bandura 1982) verifica o processo de agressividade no desenvolvimento de factores que provocam a agressão entre os seres humanos. Um dos casos enunciados refere-se a uma pessoa que foi humilhada, quando jovem, sendo o seu oponente mais forte, ocasionando este doloroso incidente a determinação das suas futuras vítimas.

Contudo, Bandura (1982) acrescenta que a conduta pode desenvolver-se ou inibir-se pela observação das suas consequências. O autor refere o processo de castigo, em que pela observação de um comportamento com consequências negativas (agressão física) reduz-se a tendência de comportamentos similares. Assim, "ao ser-se testemunho de uma agressão à qual se castiga, normalmente diminui a tendência a imitar-se a conduta agressiva; enquanto que, uma

agressão recompensada induz a aumentar a tendência de conduta agressiva” (Bandura, 1973, in Bandura, 1982, p. 146).

Tendo em conta a variedade e a própria complexidade das influências sociais, segundo Bandura (1982), nem sempre as respostas perante uma conduta agressiva se apresentam consistentes. Como exemplo, este autor referencia o estudo realizado por RoseKrans e Hartup (1967), onde se observam os efeitos da imitação, nas consequências comportamentais discrepantes. As crianças que observam como se recompensa uma conduta de ataque a outra pessoa, apresentam comportamentos mais agressivos, enquanto que aquelas que observam como se castiga, não imitam a conduta agressiva; por outro lado, as crianças que observam como a agressão se premiava umas vezes e se castigava de outras, foram as que se mostram moderadamente agressivas.

Desta forma, segundo a teoria da aprendizagem social, a observação das transgressões que não se castigam, tendem a aumentar o surgimento de condutas proibidas nos observadores (Bandura, 1982). “A observação de recompensas e castigos altera os pensamentos, os sentimentos e as acções das pessoas” (Bandura, 1971, in Bandura, p. 152). Os modelos, em geral, vão produzir reacções emocionais quando as pessoas se encontram submetidas a experiências recompensantes ou punitivas. Por outro lado, “a conduta encontra-se determinada pelo valor que as pessoas atribuem às coisas e às actividades que realizam” (Bandura, 1982, p. 154).

Neste enquadramento teórico, teremos de salientar a importância dos mecanismos de autoreforço, aspecto inovador introduzido pela teoria da aprendizagem social. Ainda, segundo Bandura (1982), se todas as acções fossem unicamente determinadas pelas recompensas e pelos castigos externos, as pessoas comportar-se-iam como meros objectos, mudando permanentemente a sua conduta. No entanto, nas interacções sociais em situações de pouca pressão, as pessoas defendem as suas posições ideológicas, não demonstrando somente comportamentos submissos perante as circunstâncias. Neste processo, “as pessoas impõem-se a si próprias e de forma

continuada normas de conduta autoreguladas através de um auto-reforço avaliativo” (Bandura, 1982, p. 157); devido às capacidades de simbolização, anteriormente analisadas, e da reacção perante o seu comportamento, a conduta dos seres humanos depende menos de apoios externos imediatos.

1.1.4 – RESULTADOS EMPÍRICOS – ALGUNS ESTUDOS DA VIOLÊNCIA SOBRE AS CRIANÇAS

Consistentes com a teoria da aprendizagem social, Straus e colegas (1980, in Geen 1990), mostram os efeitos da família na violência e agressão. Para estes autores, a violência na família é uma resultante da interacção de três factores: o alto nível de stress e o conflito nas famílias, o treino da violência e as normas culturais implícitas que legitimam a violência familiar, não a desaprovando. Tendo em conta estes factores, Geen (1990) define o conceito de agressão afectiva, para a qual contribuem dois tipos de factores - os denominados factores do contexto de origem que sustentam normas que asseguram e encorajam a agressão como algo desejável, e os factores stressantes, como o abuso sobre as esposas, ou mesmo entre ambas as figuras parentais. A questão da legitimidade do uso da violência como modo disciplinador, como algo moral e socialmente aceite é transmitido dos pais para as crianças, permitindo a perpetuação de mecanismos agressivos e/ou potencializadores de condutas violentas intra e intergeracionais.

Examinaremos, sucintamente, os três factores, antes de apresentarmos um estudo sobre a justificação da violência sobre as crianças:

1.1.4.1. - O ALTO NÍVEL DE STRESS E O CONFLITO NAS FAMÍLIAS

Patterson (1980, in Geen 1990), defende que as crianças que são oriundas de contextos familiares marcados pela falta de afecto, discórdia, uma disciplina inconsistente, terão uma maior probabilidade de desenvolverem comportamentos agressivos, comparativamente às crianças que não cresceram nessas condições.

Loeber e Dishion (1984, in Geen 1990), mostram a relação entre as práticas educativas na educação das crianças e o tipo de agressão por estas evidenciado. Os resultados demonstram que as crianças que apresentam comportamentos agressivos na escola e na família, são aquelas que provêm de um contexto familiar marcado quer pelo conflito parental, quer pelo maior grau de rejeição das crianças, quer pela maior deficiência na resolução de problemas.

1.1.4.2. - O TREINO DA VIOLÊNCIA

Para Green, (1980, in Geen 1990), as pesquisas sobre a violência familiar indicam que o contexto familiar permite a agressão sobre as crianças, a dois níveis: em primeiro lugar, permitindo o treino da agressão, a aquisição e a disposição a respostas agressivas; em segundo lugar, os pais, ao usarem o castigo físico para disciplinarem as crianças, ensinam que a força física é um meio aceitável para lidar com o conflito, podendo potencializar serem estas crianças futuros agressores.

A INFLUÊNCIA DOS PAIS E A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL

McCord (1997), ao abordar a violência nas zonas urbanas, no contexto Norte Americano, sintetiza os aspectos que permitem o desenvolvimento deste fenómeno, nomeadamente: 1- a aprendizagem precoce dos modelos de violência através dos papéis de agressor, vítimas e testemunhas; 2- a influência da própria experiência numa infância marcada por modelos violentos por parte dos adultos; 3- a aprovação social do uso da violência para lidar com conflitos; 4- a escalada da violência (das ameaças verbais ao bater...).

“A família usualmente fornece às crianças o primeiro e mais intenso potencial de experiências apreendidas e os pais desempenham um papel de influência no desenvolvimento da agressão nas crianças” (McCord, 1997, p.184). Neste âmbito, o autor salienta os trabalhos de Eron, Huesman e Zelli (1991) onde

abordam a influência da agressão, do conflito, da desarmonia, da falta de supervisão, da inconsistência nas práticas disciplinares, da rejeição e dos castigos parentais na aceitação e na utilização da agressão sobre e por parte das crianças.

Os membros da família sentem-se no direito de obrigar as crianças a comportarem-se de determinada maneira, sendo qualquer forma de resistência justificadora da aplicação de várias formas de violência (Straus, Gelles e Steinmetz, 1980, in McCord 1997). Assim, a violência deriva de modelos do pensamento aprendidos que fornecem um suporte ao uso legítimo da mesma como forma de resolução dos problemas.

Widom (1989, in McCord, 1997), ao testar a sua hipótese de trabalho, de que a violência gera a violência através das gerações, verifica que o abuso físico na infância está relacionado com comportamentos criminais violentos mais tarde. Quando, os pais batem nas crianças como meio de coerção e punição sobre o seu comportamento, elas aprendem a encarar esses métodos como correctos para educar. Contudo, o castigo físico produz efeitos temporariamente eficazes sobre um comportamento agressivo, ao mesmo tempo que utilizado sucessivamente estimula a agressão a longo prazo (Straus, 1991, in McCord, 1997). Patterson (1979, in McCord 1997) explicita a escalada de agressão na família pelo uso contraproducente do modelo coercivo na interacção familiar.

É considerado um factor de risco na perpetuação da violência e vitimização na vida futura, o facto das crianças presenciarem violência entre os adultos da família, nomeadamente a violência marital (Hotelling e Sugarman, 1986; Jaffe, Wolfe, Wilson e Zak, 1986; Rosenberg e Rossman, 1990, in McCord, 1997). Os modelos de pensamento e de comportamento que caracterizam os papéis do(s) agressor(es), vítima(s) são aprendidos desde a infância. Os comportamentos agressivos nas crianças, nomeadamente nos rapazes é considerado um preditor de um comportamento anti-social em adulto, cerca de 22 anos mais tarde, traduzido em ofensas criminais, como abuso nas esposas e a tendência para punir as suas crianças severamente (Huesmann, Eron, Lefkowitz e Walder,

1984 in McCord, 1997). Tendo em conta os modelos desenvolvimentais, cada uma e repetida vitimização das crianças novas, pode ser visto como um preditor de vitimização e de comportamento violento na vida futura.

Para finalizar, McCord (1997) salienta as “violentas toxinas” que estão elevadamente aglomeradas nas comunidades urbanas e que servem de experiências sociais negativas no desenvolvimento das crianças, estimulando-as em direcção à violência, quer como agressores, vítimas ou testemunhas. Estas aprendizagens sociais são resumidas por este autor da forma seguinte: as crianças não só sofrem de diferentes formas de violência (abusos, castigos físicos) mas também presenciam a violência parental, ao verem ou ao interagirem com a violência dos media (T.V, filmes, vídeos, radio, videogramas); não tem supervisão dos pais; consomem ou traficam álcool ou outras drogas; experimentam desigualdades socioeconómicas (vivem em condições de sobrevivência, enquanto que outros vivem em melhores condições); enfrentam discriminação racial, entre sexos ou grupos étnicos.

Em suma, os modelos de violência desenvolvem-se pela interacção de factores internos e externos, modelando os modelos de pensamento das crianças e as respostas emocionais que medeiam as experiências externas e os resultados (McCord, 1997). O processo de socialização das crianças, reflectido na aprendizagem social dos modelos, exerce uma importância fundamental nas sucessivas fases do seu desenvolvimento (Patterson, 1982; Reid e Patterson, 1989, in McCord, 1997).

AS RAÍZES DA VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Miller (1984), aborda no seu estudo - *C'est Pour Ton Bien*, os efeitos nocivos de uma pedagogia negra, retratando métodos e técnicas repressivas utilizadas pelas figuras parentais. Como refere Miller (1984) os pais usam estas técnicas procurando obter dos filhos, o poder que eles próprios abdicaram relativamente aos seus progenitores.

A autora ilustra a sua teoria, analisando documentos de pessoas que de perto conviveram e/ou conheceram as realidades familiares de três figuras – Adolf Hitler, Christiane F e Jurgen Bartsch. Trata-se de um estudo “post hoc”, que aborda mecanismos psicanalíticos, referindo que nos três casos analisados não se tratam unicamente de indivíduos, “mas representantes de grupos característicos, (...) os toxicómanos, delinquentes, terroristas, políticos (...) retratando a história de casos particulares depois do drama enraizado na infância” (p. 276).

1.1.4.3. – A NÃO DESAPROVAÇÃO DA VIOLÊNCIA

“A violência familiar ocorre num contexto de comunidade, vizinhos e grupos socioculturais. Cada família é consequentemente exposta aos padrões dos grupos, acerca do que é aceitável ou inaceitável no sentido do controlo dos impulsos, agressão, punição e violência” (Straus, 1990 p. 214). Os grupos generalizam determinadas atitudes e crenças culturalmente legitimadas, como meio de se ligarem ao seu meio social envolvente.

A importância das normas culturais que aceitam e toleram a violência permitem a prevalência deste fenómeno e a sua perpetuação às gerações vindouras. Culturalmente é aceite que os homens têm de usar o seu status dominante, exercitando o seu poder, não lhes sendo exigidos limites para atingirem esses objectivos (Straus, 1990). Segundo FinKelhor (1983, in Straus, 1990), “(...) o abuso gravita na relação de maior diferenciação de poder. As vítimas com maior incidência de abuso são as de menor poder, portanto com menos de 6 anos. O abusador, na maior parte das vezes é um poderoso familiar, o pai” (p. 154). Esta análise contradiz os resultados alcançados nos estudos sociológicos realizados por Resnick (1969, Bennie e Sclare, 1969, in Gelles, 1987) citados na página 17 deste Capítulo teórico, nos quais a mulher aparece como a principal agressora em contexto familiar, dado a existência de um relacionamento de maior proximidade entre mãe e filhos que facilita a ocorrência de actos violentos para com estes.

O uso da força física é vista e aceite como forma de resolver os problemas, sendo traduzida no modo como é utilizada, como forma educativa por certos pais para com as suas crianças, e é inclusive um meio legal em alguns estados da sociedade norte-americana. A aceitação social dessas práticas para controlar as crianças, também aplicadas às mulheres, reflecte a tolerância social da violência interpessoal dos mais fortes relativamente aos mais fracos (Straus, 1990). A própria concepção das crianças como propriedade de seus pais, patenteada nestes padrões de aceitação da sociedade, legitima práticas educativas menos adequadas e influencia as relações interpessoais no interior das famílias (Straus, 1990).

Na sequência das crenças sobre a violência, Burt (1980, in Straus, 1990) refere que a prevalência dos mitos sobre a violação, reflecte-se nas atitudes dos próprios profissionais e no público em geral, que tem contribuído para que a violação seja algo comum na nossa cultura: as vítimas são depreciadas e os violadores raramente presos e/ou julgados judicialmente. "Cria-se desta forma a crença de que o envolvimento sexual envolve exploração e a aceitação da violência interpessoal" (Burt, 1980, in Straus 1990, p. 155-156).

Ao nível da mitologia sobre a agressão humana, Groebel e Hinde (1993) efectuam uma breve incursão nas crenças prevalecentes desde a metade do séc. XX na sociedade ocidental. São citações retiradas da obra de Goldstein (1986): "os homens são instintivamente agressivos; - expressar fúria é uma forma saudável para lidar com o stress ou com a pressão arterial elevada; - o instinto agressivo pode ser substituído através de actividades como o futebol, os filmes do Sylvester Stallone; - as crianças devem ser deixadas brincar agressivamente; - os actos extremos de violência como os actos terroristas, o abuso sobre as crianças e esposas, são usualmente cometidas por indivíduos mentalmente doentes; - a violência é o resultado de um comportamento; - a guerra é uma expressão de um instinto agressivo. É algo inevitável, porque os indivíduos nasceram com uma vontade de satisfazer as suas necessidades agressivas. A paz é uma aberração" (in Groebel e Hinde 1993, p. 10-11).

Esta questão das crenças, da aceitação social e moral da violência, salienta a importância da tolerância, uma vez que, segundo Bandura (1973, in Straus 1990), os sujeitos ao observarem e ao serem maltratados podem contribuir para a adoção de estratégias agressivas, para resolver os conflitos entre pais e filhos. No estudo de Berkowitz (1974, in Straus 1990) sugere que a agressão modelada aumenta a tolerância sobre a violência.

Estudos efectuados por Thomas e Drabman (1974;1975; 1978 in Geen 1990), sugerem que a observação da violência pelas crianças pode promover uma alteração na tolerância das mesmas, face ao comportamento humano. Estes investigadores concluem que as crianças que assistem a actos de violência manifesta na televisão, aumentam a sua tolerância face a actos de agressão. Além disso, as crianças que observam programas violentos prevêm com maior facilidade a possibilidade de surgimento de comportamentos agressivos numa situação de conflito, do que as crianças que não observam programas violentos.

1.1.4.4 – A JUSTIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Na procura de investigar as crenças que justificam a violência dos pais sobre as crianças, o Centro de pesquisa sobre a violência familiar e a violência sobre as mulheres da Universidade de Montreal, desenvolve um instrumento de medida da justificação da violência que os pais exercem sobre as crianças (Fortin, 1995). Este instrumento, - "Mesure de la Justification de la Violence envers L'Enfant" (MJVE), que utilizamos no nosso estudo principal (cap.4), constam três componentes da justificação: 1- uma componente cognitiva que reflecte as crenças/mitos de que certas formas de violência não são consideradas de violência sobre as crianças (a concepção restrita de violência sobre as crianças); 2- uma componente avaliativa que traduz a adesão aos mitos que banalizam e toleram a violência sobre as crianças (tolerância sobre essa violência); 3- uma componente de atribuição que reagrupa um conjunto de explicações da violência sobre as crianças dando responsabilidade aos pais ou inocentá-los (Fortin e Lachance, 1996).

Num estudo realizado junto de 896 pais residentes no Quebec, (Fortin e Lachance, 1996) verificam uma contribuição moderada das variáveis sócio demográficas (sexo e situação socio-económica) e as escalas de concepção da violência sobre as crianças. As diferenças observadas sugerem um nível de justificação da violência superior nos homens, comparativamente às mulheres e aos pais mais jovens, com menor escolaridade e com uma situação socio-económica mais baixa. As diferenças entre os sexos, apresentam algumas similitudes com outros estudos realizados em outros contextos de violência familiar, sendo as mulheres que consideram "... a violência sobre as crianças como um problema mais grave que os homens" (p. 99). Os pais (homens), relatam menos a presença da violência sobre as crianças no seio familiar que as mães, reflectindo estes resultados "... uma concepção de violência parental mais restrita nos homens que nas mulheres" (p. 99).

Fortin (1995) acrescenta neste seu estudo que "... se a justificação da violência e a experiência da violência estão empiricamente associadas, o MJVE poderá constituir um instrumento útil não só para o despiste de pais susceptíveis de apresentarem condutas abusivas, mas também para o desenvolvimento de programas de prevenção da violência sobre as crianças. (...) as estratégias de prevenção ... diminuindo os factores de risco de violência relacionados com os factores culturais e que se encontram relacionados com a violência sobre as crianças, ao nível da tolerância e desresponsabilização e aumentar os factores de protecção aumentando os níveis de consciência das pessoas a identificarem a violência e reconhecerem o seu uso." (p. 569).

Os resultados encontrados por Fortin e colaboradores apontam para algumas diferenças na maneira de pensar a violência sobre as crianças em diferentes segmentos culturais. Parecem, portanto, indicar que se pode colocar a questão da violência no quadro teórico das representações sociais que apresentamos no Capítulo 2.

CAPÍTULO 2

O MODELO TEÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

CAPÍTULO 2

O MODELO TEÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

2.1 - INTRODUÇÃO

A teoria das representações sociais fornece uma proposta de compreensão da construção do pensamento social nas sociedades contemporâneas, assumindo-se como uma epistemologia do senso comum. Trata-se de estabelecer como tarefa da psicologia social o estudo das relações entre a psicologia humana e as grandes questões sociais do nosso tempo, procurando determinar porque é que determinadas representações sociais são produzidas pelas pessoas e como é que estas intervêm na rede social (Moscovici, 1985). A teoria das representações sociais apresenta-se como uma perspectiva construcionista e interaccionista, na medida em que o conhecimento social resulta da actividade do sujeito sobre o conjunto de informações socialmente difundidas em relação a um dado objecto social.

Este Capítulo, centrado nas principais formulações desta teoria, inicia-se com uma incursão sobre o significado de representação e do social, ajustado ao conceito de representação, passando pela abordagem do dinamismo próprio das representações sociais, que funciona como a sua principal característica. Demarca-se aqui a diferenciação entre a noção de representações colectivas apresentada por Durkheim e o conceito de representações sociais proposto por Moscovici em 1961.

Em seguida, apresentam-se os processos inerentes à formação e funcionamento das representações sociais - a objectivação e a ancoragem, destacando-se a interligação/concomitância entre ambos os processos, sendo apenas apresentados separadamente como forma de melhor visualização dos respectivos momentos do seu funcionamento.

Por último, focaliza-se a importância dos contextos sociais de referência, considerando a influência dos factores sociais sobre a formação das

representações, examina-se as suas funções, terminando com a apresentação de um estudo empírico sobre o tema da violência.

2.2- SIGNIFICADO DE REPRESENTAÇÃO

A psicologia clássica centraliza-se nos fenómenos de representação, como processos de mediação entre o conceito e a percepção; as representações constituem assim uma terceira instância psíquica, (conjuntamente com as outras duas - a de ordem intelectual e a de ordem sensorial), para além de possuírem propriedades mistas, que permitem a passagem da esfera sensorial à esfera cognitiva, de um objecto percebido à distância à tomada de consciência das suas dimensões. As representações são, portanto, consideradas como reflexo do mundo exterior, isto é, "reflexo interno duma realidade externa; reprodução no espírito do que se encontra fora do espírito" (Moscovici, 1976, p. 9). Nesta acepção, a representação é equivalente à reprodução mental do mundo e dos acontecimentos, como mero resultado/produto dos processos psicológicos; logo, a representação é encarada como mera mediação entre o estímulo e a resposta.

Moscovici (1976), critica esta visão de representação = reprodução, propondo a não existência de ruptura entre o mundo exterior e o universo dos indivíduos; considera que o objecto e o sujeito não são necessariamente distintos. Para este autor, representação não significa reprodução, mas construção. A representação é um processo que torna o conceito e a percepção dialecticamente articulados. A representação de um objecto, será portanto, uma re-representação diferente do objecto; significa reconstruir, alterar e não repetir ou reproduzir; significa, também, que o trabalho de representação é o de "atenuar os aspectos não familiares, introduzindo-os num espaço comum, provocando um reencontro de visões, expressões díspares e separadas " (Moscovici, 1976, p. 59).

A representação, significa a natureza do processo psíquico, apto a tornar familiar, a situar e a tornar presente no nosso universo interior, o que se

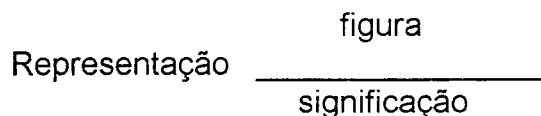
encontra a uma certa distância de nós, ou que está de alguma forma ausente. É um cunho, uma marca do objecto, de que resulta a retenção deste, na nossa memória. Esta marca ou figura mistura-se em cada operação mental, como um ponto de partida e ao qual se recorre, dando especificidade à forma de conhecimento e distinguindo-a de outra forma de conhecimento intelectual e sensorial. Por esta razão, Moscovici (1976) refere ser toda a representação, uma representação de qualquer coisa; Na prática, constata-se que um objecto ao penetrar no universo do indivíduo ou do grupo, entra numa série de articulações com os outros objectos que já lá se encontram e aos quais vai emprestar propriedades, além de, por seu turno, se ajustar às propriedades dos outros.

O objecto torna-se próprio e familiar, transforma e é transformado; é representado na medida exacta em que ele próprio aparece com uma “nova apresentação”. Moscovici (1976), refere também que representar um objecto é ao mesmo tempo conferir-lhe um status, um significado, uma marca, conhecê-lo tornando-o significante. De uma maneira particular, interiorizamos o objecto e torna-mo-lo nosso, sendo obrigatoriamente o resultado das nossas próprias escolhas, experiências e valores. Logo, representar um objecto, significa re-experimentá-lo, refazê-lo à nossa maneira, de acordo com o nosso contexto de vivências.

Na vida social, reencontramos frequentemente situações nas quais cada pessoa é uma representação de outra. Por exemplo: as crianças que pertencem a uma família com grandes posses económicas, são conhecidas, não como sujeitos individuais, mas como detentores de um “nome”; tem-se em conta, a posição que ocupam na estrutura social e/ou o status do nome de família.

Contudo, para Moscovici (1976), cada representação significa uma tensão entre o polo passivo do empréstimo do objecto - figura, e o polo activo da escolha do sujeito - a significação que o sujeito atribui e na qual investe. Além disso, este autor, propôs também a dupla face da estrutura de cada representação - a face

figurativa e a face simbólica, ambas indissociáveis, como que a frente e o verso de uma folha de papel.



Fonte: Moscovici (1961), p. 63.

Para Moscovici, toda a figura tem um sentido, e todo o sentido tem uma figura. A palavra figura, exprime mais do que uma imagem, visto não ser um reflexo, uma reprodução, mas uma expressão e uma produção do sujeito. Nesta acepção, estão implícitos processos, como define Moscovici, de naturalização do objecto e o da interpretação do mesmo, fornecendo-lhe um contexto inteligível; Nesta dupla face da representação, estão portanto, implícitos - a objectivação (dar sentido a uma figura) e - a ancoragem do objecto (atribuir à figura um sentido).

É este o estatuto epistemológico que Moscovici atribui ao conceito de representação, a partir do qual desenvolve o conceito de representação social. Mas em que sentido uma representação é social? Que relação existe entre a forma como os indivíduos pensam e agem, e o seu contexto social de referência?

2.3 - SIGNIFICADO DE SOCIAL

2.3.1 - A COMUNICAÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O significado de social, acrescido ao conceito de representação, sintetiza o objectivo de Moscovici, ao analisar os processos através dos quais os indivíduos em interacção social constróem teorias sobre os objectos sociais, tornando viável a comunicação e a organização dos comportamentos. Desta forma para Moscovici (1981, in Poeschl, 1992, p. 85), as representações sociais são “um conjunto de conceitos, de declarações e explicações que encontram a sua origem na vida quotidiana, no seio das comunicações entre os indivíduos”.

Herlich (1972), acrescenta que uma representação social é uma “modalidade de conhecimento particular, expressão específica do pensamento social” (p.305);

É sobre o papel da comunicação, que se insiste, quando falamos de representações sociais, tal como sublinhou Codol (1984, in Poeschl, 1992, p. 85), “o que permite qualificar de sociais as representações, são menos os seus suportes individuais ou grupais, mas o facto delas serem elaboradas no seio de um processo de trocas e interacções”.

Ao estudar as representações sociais, procurar-se compreender como os indivíduos constroem a sua realidade, a partir das informações que recolhem no seio de múltiplas situações de comunicação, nas quais se encontram quotidianamente integrados (Poeschl, 1992). Esta autora recorda o papel determinante que a comunicação exerce na elaboração do conhecimento social, ao realçar algumas das suas funções, tais como facilitar a circulação de informações de natureza diversa, a transmissão de um arsenal de opiniões, julgamentos e atitudes sobre determinado objecto e a integração de novas informações que possam transformar e/ou alargar as ideias iniciais acerca de determinados objectos.

2.3.2 - A DINÂMICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como verificamos no ponto anterior, as representações sociais circulam, crescem e cristalizam-se nos discursos, nos gestos, no nosso quotidiano. A maior parte das relações sociais, das trocas comunicacionais estão impregnadas de representações sociais. “... estas têm a sua própria vida, circulam e fundem-se ... permitindo o nascimento de novas representações ...” (Moscovici, 1984, in Poeschl, 1992, p. 87).

É esta potencialidade de transformação das representações sociais, que as caracteriza, e que as diferenciam significativamente das representações colectivas descritas pelo sociólogo Durkheim.

Durkheim, nas obras *Suicídio* (1987) e *Regras do Método Sociológico*, (1956) refere que a vida social é a condição de todo o pensamento organizado, afirmando o primado do social sobre o indivíduo, procurando justificar a especificidade e a autonomia dos fenómenos sociológicos. Como refere Herlizch (1972), Durkheim desenvolve o conceito de representações colectivas, ao sublinhar “a especificidade do pensamento colectivo por referência ao pensamento individual e mostra como a representação colectiva é um dos meios a partir dos quais se afirma o primado do social sobre o individual” (p.303).

A noção Durkheimiana de representação colectiva descreve uma diversidade de formas intelectuais (as ciências, as religiões, os mitos), que são invariáveis, determinando as percepções individuais (determinismo sociológico). “Estas formas impõem-se a todos os membros da sociedade ao longo de gerações. O conceito de representação colectiva, segundo Durkheim, opõe o indivíduo à sociedade, a actividade mental flexível ao pensamento cristalizado por certezas inabaláveis, que resultam do determinismo social” (Poeschl, 1992, p. 88).

Moscovici, em 1961, na sua obra *La Psychanalyse, Son Image et Son Public*, reformula o conceito de representações colectivas de Durkheim, o que lhe permite o desenvolvimento do conceito de representações sociais. Moscovici explicita que, na nossa sociedade diversificada, os indivíduos e os grupos possuem uma grande mobilidade, permitindo-lhes o desenvolvimento de sistemas heterogéneos de pensamentos. É por assumir a actividade e o poder criador dos objectos, dos acontecimentos, a nossa capacidade representativa, (pressupondo a relação entre o reservatório de imagens e a capacidade de produzir novas formas, por vezes contraditórias e/ou opostas), que para Moscovici, as representações sociais são móveis, contrariamente à definição estática dada por Durkheim.

2.4- CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici (1961, 1976), coloca em evidência dois processos, a objectivação e ancoragem, que explicam o modo como o social transforma um conhecimento em representação e como essa representação transforma o social, salientando como os indivíduos constróem a sua realidade. Apesar de serem apresentados separadamente, estes processos mantêm entrē si uma relação dialéctica, permitindo a elaboração e o funcionamento das representações sociais. Eles demonstram a interdependência entre a actividade psicológica e as condições sociais.

2.4.1.- A OBJECTIVAÇÃO

Segundo Moscovici (1976), objectivar é reabsorver o excesso de significações acerca de um objecto e materializá-las.

Neste processo, a intervenção do social traduz-se na organização dos conhecimentos relativos ao objecto de uma representação. Permite tornar concreto o abstracto, materializar a palavra. A objectivação pode definir-se como uma operação de imagem estruturante.

Trata-se de um percurso através do qual os elementos constitutivos da representação se organizam e adquirem materialidade, de forma a puderem ser percebidos como expressão da realidade vista como natural (Vala, 1993). Este percurso, tem segundo, Jodelet (1984), diferentes momentos constitutivos:

1) No primeiro momento, ocorre uma selecção e descontextualização das informações, crenças e ideias acerca de determinado objecto. Nesta selecção entram em jogo os valores culturais e os contextos normativos, tal como se verifica na selecção de informações acerca da violência sobre as crianças.

2) No segundo momento, (a que Moscovici designa de esquematização estruturante, esquema ou núcleo figurativo), os elementos seleccionados são

organizados. Desta forma, os grupos sociais constróem a(s) respectiva(s) concepção (ões) acerca de determinado objecto, (organizam-se através do seu esquema figurativo), dando expressão e sentido ao real.

3) Por último, a naturalização, consiste na autonomização desta imagem, que perdendo o seu carácter simbólico e abstracto se converte em realidade. Os elementos retidos nas etapas anteriores adquirem materialidade e/ou tornam-se numa entidade objectiva “as figuras são transpostas em elementos da realidade” (Moscovici, 1981, p. 200).

2.4.2.- A ANCORAGEM

A ancoragem refere-se a uma segunda categoria de processos concomitantes e interrelacionados com a objectivação. Este processo consiste no enraizamento social do objecto de representação. São duas as modalidades de intervenção que permitem descrever o funcionamento da ancoragem:

1- a integração cognitiva do objecto num sistema de pensamento preexistente.

Neste primeiro sentido, a ancoragem refere-se à necessidade de qualquer objecto ter um ponto de referência nos sistemas de pensamento em que se vai inserir. Trata-se de incorporar os novos objectos numa rede de categorias, que segundo Moscovici, é uma forma de domesticação do estranho e desconhecido. Os objectos não se inscrevem numa tábua rasa, mas reencontram sempre algo já pensado, latente ou manifesto. É o contacto entre o novo e o sistema de representação preexistente, através de uma operação de redefinição que torna o objecto compreensível.

Os objectos sociais, como a psicanálise analisada por Moscovici em 1961, entendem-se dentro do seu campo social, entrando em contacto com diferentes sistemas de pensamento, diferentes quadros de interpretação. Moscovici (1976) denomina isto de “reconversões” de experiências, de percepções, que

conduzem à formulação de novas visões, e mostra como as novas práticas psicanalíticas são classificadas em função das significações atribuídas por diferentes grupos sociais. Deste modo, o objecto social é ancorado de forma diversa nos sistemas de pensamento dos grupos.

2- a instrumentalização social do objecto representado, que se traduz na significação e na utilidade que lhe são conferidas.

A ancoragem possibilita a utilização das representações na dinâmica social, tornando-as instrumentos úteis de comunicação e compreensão. O processo, transforma, como refere Jodelet (1984), um objecto num saber útil e acessível a todos, conferindo-lhe um valor na compreensão e interpretação de nós próprios e do que nos rodeia.

Tal como Jodelet (1984) salienta Herzlich (1972), que a ancoragem permitirá o funcionamento de uma representação social, enquanto sistema de interpretação de si e dos outros e um sistema de classificação, de tipologia das pessoas e dos acontecimentos.

Estes processos cognitivos ocorrem dentro de determinados contextos sociais, pelo que passamos a analisar a influência dos factores sociais na construção das representações, focalizando-se a importância do dinamismo societal, da pertença grupal e da consequência deste relacionamento reflectido na diferenciação social.

2.5 - CONTEXTOS SOCIAIS DE REFERÊNCIA

Moscovici (1988b, in Poeschl, 1992, p. 88), refere que “existem hoje em dia múltiplas representações diferentes na mesma sociedade em perpétua transformação”. Com efeito, a sociedade actual é a sociedade da informação, caracterizada pela amalgama de diferentes informações, diferentes meios de comunicação, diferentes movimentos migratórios e imigratórios, que suscitam uma diversidade de informação.

No dinamismo caracterizador da sociedade contemporânea, os grupos modificam as suas antigas representações, dando lugar a novas representações, implicando uma certa interacção entre o individual (realidade física de cada um) e o social (porque são inseridos no interior das colectividades e segundo as suas normas) (Poeschl, 1992).

Como refere Herzlich (1972), a noção de representações sociais, reintroduz a importância da diversidade dos objectos, das condições de vida e das situações particulares. A necessidade de dar coerência ao nosso meio social e às constantes transformações da sociedade actual, conduz-nos a uma constante modificação das nossas representações.

Tal como referimos no ponto 2.3, as representações, são veiculadas e criadas pelo canal de comunicação, nas simples conversas quotidianas. É na troca de ideias que ganham forma e adquirem significação, sendo impossível dissociar o pensamento da comunicação (Poeschl, 1992). Portanto, como sublinha Moscovici (1984), as nossas percepções e compreensões passam pelo filtro das nossas representações. E, na medida em que os indivíduos comunicam, de preferência, dentro de grupos sociais particulares, atribuem-se aos objectos sociais e acontecimentos uma significação marcada pelas normas vigentes no contexto social de referência. Assim, para Jodelet (1984), o social intervém na actividade representativa de diversas formas: pelo contexto concreto onde se situam as pessoas e os grupos, pela comunicação que se estabelece entre os mesmos, pelos quadros de apreensão que fornecem a sua bagagem cultural, pelos códigos, valores e ideologias ligadas às posições ou pertenças sociais específicas.

Vala (1981) analisa os diversos aspectos da significação do objecto de estudo – a violência, enquanto objecto construído no confronto das experiências grupais e das normas e valores culturais. Nas suas conclusões, verifica como as representações da violência são modeladas pelo posicionamento específico dos diferentes grupos no interior da rede social, logo a violência é percebida diferentemente (violência concreta face à violência mediata; violência sofrida

face à opressão; violência individual face à violência social), pelos diferentes grupos sociais em análise (dirigentes sindicais, quadros de empresa, empregados administrativos, reclusos).

Moscovici enuncia em 1961, no seu estudo sobre a psicanálise, três factores que afectam a forma como emerge uma representação social, explicitando como a pluralidade das clivagens socio-económicas e dos sistemas de referência normativos-valorativos poderão estar associados à pluralidade das representações de um mesmo objecto social. Os três factores, definidos por Moscovici e enunciados por Vala (1993) são os seguintes:

- Dispersão de informação - significando o “desfasamento quantitativo e qualitativo entre a informação dispersa e a informação necessária para a compreensão sólida de um problema ou de um objecto” (Vala, 1993, p. 364). Importa realçar que as informações que circulam na vida quotidiana são na maior parte das vezes dispersas, ambíguas e pouco precisas, como também não circula o mesmo tipo de informação pelos diferentes grupos sociais.

- Focalização - os indivíduos irão focalizar-se em determinadas áreas de interesse, sendo esta focalização condicionada pelos próprios interesses, pelas referências ideológicas e pelos recursos educativos, reflectindo-se tal situação na respectiva elaboração das representações que aqueles fazem sobre um dado objecto social.

- Pressão para a inferência - significando que qualquer tomada de posição deve ser efectuada segundo objectivos individuais e grupais, o que exige aos grupos determinados recursos. Esses recursos, são “as representações de que o fenómeno em causa necessita e que reflectem o posicionamento social dos indivíduos na sua relação com um grupo e de um grupo na sua relação com outros grupos” (Vala, 1993, p. 364).

Por outro lado, Poeschl (1992), refere que as representações sociais ao serem marcadas pelas características do grupo social que as elabora, contribuem,

portanto, para a sua identidade, tornando-se uma das suas dimensões, diferenciando-se relativamente à dos restantes grupos. Este fenómeno é salientado no estudo de Vala (1981). Este autor verifica que, não obstante, as representações da violência serem expressões da inserção social dos grupos, eles constituem simultaneamente um factor que define a sua especificidade e as diferencia dos outros grupos. A especificidade da situação de cada grupo social contribui para a especificidade das suas representações, ou seja, para a construção de diferentes representações sobre o mesmo objecto, e essa especificidade, contribui, por sua vez, para a diferenciação dos grupos sociais (Moscovici, 1961).

Moscovici (1976), explicita que as representações sociais, pelos seus elementos constitutivos, permitirão a diferenciação entre os grupos sociais em função dos diferentes universos de opinião que os definem. Distingue três dimensões dos mesmos: 1- a informação, que se refere aos conteúdos concretos do objecto de representação; 2- o campo da representação, que trata da organização e hierarquização dos conhecimentos que cada grupo social possui de determinado objecto social; 3- a atitude, que refere a orientação global em relação a esse objecto da representação.

É de salientar também que o conceito de representações sociais, considera em simultâneo, os conteúdos e os processos, interessando-se em saber o que as pessoas pensam sobre determinado objecto social, as formas como pensam esses objectos, em determinados contextos sociais de referência. Esta orientação leva Doise (1986) a destacar, que os diversos estudos procuram analisar “... não só o que as pessoas pensam, mas também o como e porquê de assim pensarem” (p. 8).

Desta forma, Doise (1986), situa as representações sociais no quadro das relações sociais e especificamente no quadro das relações entre grupos, ou seja associa os dois fenómenos na sua mútua determinação. Este autor define as representações sociais como “princípios geradores de tomadas de posição que estão ligadas a inserções específicas, num conjunto de relações sociais” (p.

85). Nesta sua concepção, analisa as implicações dos metassistemas de regulações sociais simbólicas nos sistemas cognitivos individuais, perguntando-se “que regulações sociais actualizam que funcionamento cognitivo em que contextos específicos” (Doise 1990, p.120).

Em suma, ao enfatizar-se a diferenciação das representações sociais enquanto expressão das diferenciações no tecido social (diferentes inserções dos sujeitos nos campos das estruturas socio-económicas e socioculturais), encontramos uma certa imagem de “homem-reflexo”. No entanto, e segundo a noção de sociedade pensante (Moscovici, 1984), outros pressupostos são colocados em análise “os indivíduos longe de serem receptores passivos, pensam eles próprios, produzem e comunicam incessantemente as suas representações e as soluções para as questões que eles próprios colocam (...). Os acontecimentos, as ideologias e as ciências oferecem simplesmente um alimento para pensar” (Moscovici, 1984, p.16).

A variabilidade das expressões individuais é, assim, explicada pelas tomadas de posição particulares dos sujeitos, condicionadas pelas suas vivências pessoais de determinado objecto social, que tomam sentido quando se tem em conta as respectivas pertenças grupais, uma vez que as inserções sociais específicas determinam a partilha de experiências comuns. A variação entre os indivíduos e grupos, considerados precisamente em função da sua história comum, dá azo a diferentes organizações representativas que implicam que não se possa falar unicamente de representação, mas de representações no plural (Mugny e Caraguti, 1985).

Trata-se de colocar em relevo as ligações privilegiadas entre as representações e pertenças grupais, dando conta das variações individuais sistemáticas que possam ser referidas a estas realidades socio-psicológicas. Nesta acepção, a gestão individual das representações sociais pressupõe que estas não preexistem como entidades omnipresentes no pensamento dos indivíduos, mas que são claramente marcadas por modulações sociais contextualmente determinadas. Torna-se, assim, importante analisar a ancoragem das

representações em experiências sociais específicas, de forma a que os estudos possam dar conta das variações e diferenciações entre os membros de um grupo e entre grupos (Doise, Clémence e Lorenzi-Cioldi, 1992).

2.6 - FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As representações sociais como um saber funcional, um conhecimento prático, permitem que as pessoas percebam e interpretem a realidade social que as cerca (Jodelet, 1984). Assim, as representações sociais permitem:

- A organização significativa do real, dando sentido aos objectos e aos acontecimentos sociais, funcionando como um sistema de interpretação, tornando coerente o meio social envolvente. As representações tornam-se sistemas de leitura e de interpretação da realidade material e social, isto é, funcionam como teorias sociais práticas (Jodelet, 1984), que nos servem para dar sentido aos acontecimentos quotidianos e explicar o que nos sucede num mundo em constante mudança.

- A comunicação, funcionando como sistema de categorização e suporte básico dos actos comunicativos. Moscovici e Hewstone (1984) referem que, o que caracteriza o modo de funcionamento das representações sociais é permitir a transformação de uma avaliação em descrição e de uma descrição em explicação. As representações sociais permitem orientar as actividades avaliativas e explicativas. Importa considerar, que qualquer acto de comunicação, traduzido em trocas de opiniões, nem sempre é consensual, uma vez que a comunicação implica também activar e discutir representações, ocasionando alguma tensão entre as representações dos membros de um grupo ou entre grupos.

- A orientação dos comportamento dando significado à acção, visto que modelam e constituem os elementos do contexto em que um comportamento terá lugar (Moscovici, 1976).

Retomando a título conclusivo a característica dinâmica das representações sociais, Moscovici (1984), refere que as representações sociais deverão ser entendidas, como fenómeno e conceito, dentro de um quadro de partilha colectiva, socialmente regulada e com uma funcionalidade comunicacional e comportamental. Elas oferecem modos de comunicação e de acção, relativamente a objectos que constituem interrogações para um grupo.

2.7- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA

Para além dos estudos de Vala (1981; 1984) e de Monteiro (1984), as representações sociais da violência foram recentemente estudadas em Portugal por Lourenço e Lisboa (1992). Este estudo baseia-se num questionário aplicado a uma amostra de 596 indivíduos, de idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos, residentes nas áreas da Grande Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal, Braga, Viseu, Beja e Guarda. Nos objectivos deste estudo constam a importância da percepção do grau, da frequência, das causas e das medidas para combater a violência, e dos atributos socioculturais dos inquiridos (sexo, idade, nível de instrução, etc...). Os resultados apontam algumas diferenciações existentes na representação da violência considerando "... a idade, a instrução, a residência e o estrato social como atributos marcantes na percepção da violência, do seu grau, da sua frequência, da sua origem e das medidas para a combater." (p. 78). Como exemplo disso, os estratos sociais e níveis de instruções mais baixos apresentam uma representação da violência mais imediata, ligada ao furto, à agressão, à difamação e à violação, comparativamente aos estratos sociais e níveis de instrução mais elevados, relacionando este fenómeno com questões de segurança da vida em sociedade, como a poluição, o abuso da força policial.

Contudo, este estudo não focaliza na análise geracional, nem mesmo procura abordar o fenómeno da violência sobre as crianças, ficando-se por uma abordagem da violência em geral.

Quanto à percepção do grau e da frequência da violência, os resultados obtidos ressaltam "uma representação dicotómica em que as percepções da violência

se organizam em torno do pólo de defesa do individual, protagonizado pelos 92% de inquiridos que julgam a violação como um acto muito violento, e do pólo das preocupações mais globais, saliente nos 72% e 58% que, respectivamente, classificam a poluição fabril e a comercialização de produtos farmacêuticos sem precauções, como actos muito violentos” (p. 29). Muito embora, os resultados referenciados, existe também informação relativamente às relações sociais no interior da família. O pai que bate no filho e o marido que bate na mulher, foram percepcionadas como as mais frequentes causas da frequência da violência familiar. A violência é vivida e representada no contexto familiar como algo aceite, colocando em evidência “a permissividade excessiva face aos castigos corporais dos pais em relação aos filhos ou da mulher batida que não se queixa” (p.37). Acrescente-se, que muito embora, em todos os estratos sociais se encontrem evidências de práticas de violência familiar e da presença de valores supostamente legitimadores dessas práticas, “é possível afirmar a sua maior incidência nas famílias mais desfavorecidas, particularmente em casos de desorganização familiar associada ao desemprego prolongado e à pobreza” (p.37). Por último, em relação à percepção das medidas para atenuar a violência, a mais evidente relaciona-se com o combate ao consumo de droga e do álcool (apontando como primeiro factor na origem da violência), as seguintes relacionam-se com o policiamento e um conjunto de medidas que reflectem uma visão mais ampla e globalizante da violência, enquanto problema social, com vista a combaterem o desemprego e as dificuldades económicas.

A rede de violência, que parece constituir um modelo em certas famílias, permite repensar o que os adultos pensam acerca deste fenómeno, bem como a sua capacidade em reconhecerem a sua culpabilidade e definirem a existência de actos violentos, sendo estes uma das formas de educar os filhos.

A importância em examinar-se as visões das crianças sobre este fenómeno, assim como analisar as diferenças de percepção entre adultos e crianças, (de ambos os sexos e residentes em contextos diferentes), integra o objectivo proposto nos Capítulos 4 e 5 desta investigação.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

De acordo com os objectivos deste trabalho, previamente definidos nos capítulos teóricos 1 e 2, passamos a uma abordagem de cariz mais prático: a realidade da violência sobre as crianças, no contexto Português.

Este trabalho, efectuado em duas fases, tem como objectivo genérico examinar as representações sociais existentes acerca da violência sobre as crianças, em diferentes grupos sociais. As duas fases desta pesquisa foram realizadas no decurso dos anos de 1998 e 1999 junto de adultos e de crianças, dos dois grupos sexuais, residentes em dois diferentes contextos de vida da cidade do Porto, que serão devidamente descritos no ponto 3.2.

O presente capítulo apresenta a planificação da investigação e os grupos sociais escolhidos para participar nos diferentes estudos. Descreve-se de seguida, as técnicas de recolha e da análise dos dados utilizados nas duas fases da investigação.

3.1 - Planificação da investigação

A investigação, conforme a metodologia clássica dos estudos sobre as representações sociais, tem duas fases: na primeira, também designada de Estudos Preliminares, procura-se recolher o discurso espontâneo dos sujeitos, através de questões abertas, relativas a cada um dos estímulos propostos: (a) violência sobre as crianças e (b) situações de violência sobre as crianças. Obtêm-se assim um conjunto de elementos informacionais que preenchem o universo semântico deste objecto de estudo. Esta fase da investigação, é destinada a recolher os conteúdos representacionais mais importantes, presentes no pensamento dos sujeitos, para os introduzir no questionário do Estudo Principal.

Na segunda fase, designada de Estudo Principal, é passado aos sujeitos um questionário validado, *Mesure de la Justification de la Violence envers l'enfant* (MJVE) (Fortin, 1995; Fortin e Lachance, 1996). Este questionário é completado pelas respostas seleccionadas dos Estudos Preliminares, com o objectivo de abarcar os elementos representacionais específicos às representações sociais dos sujeitos Portugueses.

O questionário, cuja linguagem varia de acordo com os destinatários (adultos e crianças) é organizado na forma de escalas de opinião, que permitem a aplicação de técnicas de análise quantitativas apropriadas aos objectivos da investigação.

3.2 - Grupos sociais seleccionados

Face aos objectivos da investigação, a selecção dos grupos sociais intervenientes torna-se de grande importância. Escolhemos examinar o efeito de três factores sobre as representações da violência sobre as crianças: a geração de pertença (adultos vs crianças), o sexo de pertença (homens vs mulheres), o contexto urbano de residência (zona residencial vs bairro social).

A importância do contexto social de vida relaciona-se com o facto, de, como referimos (ver Capítulo 1), a violência na família encontra-se enraizada em alguns pensamentos que acabam por legitimar o ciclo da violência, nomeadamente relacionada com determinadas condições sociais, como o desemprego e a pobreza, realidades conhecidas e vivenciadas em ambos os contextos sociais em análise. Acresce-se a sobrerrepresentação existente de que a ocorrência da violência sobre as crianças ocorre em grupos de baixo status socio-económico, associados a condições de vida mais precárias (bairro social). Justifica-se a necessidade de verificar empiricamente a implicação da inserção quotidiana dos indivíduos em locais, onde a priori é atribuído a ocorrência dessas situações de violência sobre crianças (bairro social) em contraponto com indivíduos provenientes de contexto social onde essa ocorrência é socialmente menos visível ou menos associada com essa realidade (zona residencial).

Por outro lado, a violência na família resulta também da desigualdade de poder entre os sexos e as gerações. Portanto, a integração de indivíduos pertencentes a duas gerações e a duas pertenças sexuais afigura-se importante na avaliação do pensamento social sobre este objecto de estudo. No entanto, de forma a garantir maior neutralidade no decurso da investigação, foram seleccionados indivíduos sem qualquer rede de familiaridade.

A intersecção destes três critérios de pertença grupal (sexual, geracional e residencial) permite constituir seis grupos de sujeitos, que esperamos possam construir organizações representacionais e representativas diferenciadas.

3.3.- Estudos Preliminares

3.3.1.- Recolha dos elementos representacionais

Tendo em conta que, a apreensão das representações sociais faz-se geralmente, através do discurso dos sujeitos, daquilo que as pessoas dizem, a utilização de um material verbal é a forma mais usual de acesso ao campo representacional de cada indivíduo (Poeschl, 1992).

Optamos pela técnica de associação livre de palavras, com o objectivo de recolher os traços que caracterizam o pensamento dos grupos relativamente à violência sobre as crianças. Decidimos utilizar dois estímulos, pedindo a metade dos sujeitos que definissem a violência sobre as crianças (1º estímulo) e a outra metade situações de violência sobre crianças (2º estímulo) (ver anexos 1 a 4). O número limite de palavras proposto aos sujeitos, tem como objectivo que estes se pronunciem utilizando vocabulário espontâneo inerente ao sistema central e periférico das respectivas representações sociais.

Será de acrescentar, todo um trabalho prévio de estudos-piloto realizados em escolas primárias e a indivíduos com níveis de escolarização mais baixos, com vista a definir-se a(s) pergunta(s) estímulo(s). Neste âmbito, aplicaram-se diferentes formas de questionar os sujeitos, recorrendo inclusivé ao

contrabalanceamento dos enunciados, para se conseguir um melhor apuramento dos instrumentos de trabalho até à sua versão final.

3.3.2 - Tratamento e análise de dados

Numa 1ª fase, os dois estímulos foram analisados separadamente.

Às respostas obtidas foram aplicadas as regras de redução propostas por Di Giacomo (1981, cit em Poeschl, 1992). De seguida, as proposições de sentido similar foram agrupadas à sua forma mais comum, utilizando-se o acordo de três juizes independentes, de modo a atenuar a possibilidade de introduzir as representações do investigador ao nível do tratamento dos dados.

Contudo, atendendo à similitude das respostas dadas entre o primeiro e o segundo estímulo (em aproximadamente 80%) foi decidido juntar as mesmas numa única análise (ver Quadro 1).

Para constituir um dicionário geral de palavras associadas à violência, decidiu-se de conservar as palavras evocadas por, pelo menos, 10% dos sujeitos constituindo a amostra total (N=160) ou os diferentes grupos em teste (N=80) (ver anexo 7).

Em seguida foi aplicada uma análise de conteúdo, começando por categorizar as palavras mais frequentes de acordo com as categorias de Fortin (1995; Fortin e Lachance, 1996). Sobre estas categorias foram realizadas várias análises quantitativas: 1- calculou-se o índice de frequência, ou seja, o número de vezes que uma categoria semântica é citada. Este índice constitui um indicador da importância e pertinência da categoria no pensamento dos sujeitos. 2- comparou-se os grupos, através de estatísticas apropriadas, nomeadamente do teste do Qui-quadrado aplicado nas frequências das palavras ou expressões.

3.4.- Estudo principal

3.4.1.- Recolha dos dados

Nesta fase utilizou-se um questionário (ver Anexo 5 e 6), constituído por material organizado sobre a forma de escalas de opinião, possibilitando análises de dados mais complexas e apropriadas aos objectivos da investigação. Este questionário é constituído de um instrumento devidamente validado, designado de *Mesure de la Justification de la Violence envers l'Enfant* (MJVE) (Fortin, 1995; Fortin e Lachance, 1996) e de itens seleccionados a partir dos estudos preliminares.

Será de acrescentar todo um trabalho prévio de tradução, uma vez que o MJVE foi elaborado em Francês. Para o apuramento linguístico deste instrumento foram realizados diferentes estudos-piloto em escolas primárias e junto a indivíduos com níveis de escolarização mais baixos. Neste trabalho intermédio teve-se em conta as exigências inerentes à aplicação do questionário quer em sujeitos adultos, quer em sujeitos crianças, para além de poder abranger diferenças de escolarização, mesmo entre os primeiros sujeitos. Assim, procurou-se palavras e/ou expressões mais fidigas com a realidade portuguesa, com o objectivo de garantir uma uniformidade necessária a uma correcta compreensão e interpretação da versão final do questionário.

Desta forma, o nosso questionário é composto por quatro partes. As três primeiras são constituídas pelas três secções do MJVE, onde se encontram integrados diversos itens, correspondentes a diferentes escalas e a que foi acrescentado uma quarta parte constituída por 15 itens seleccionados nos dois estudos preliminares.

3.4.2.- Tratamento e análise de dados

As respostas dos sujeitos às várias partes do questionário foram submetidas a análises factoriais em componentes principais. Esta técnica permite reduzir, de forma parcimoniosa, o número total de variáveis a um conjunto mais limitado de

dimensões de significação. Permite, com uma perda mínima de informação, obter uma visão mais estruturada e acessível das concepções dos sujeitos relativos a determinado assunto. A leitura e interpretação de cada dimensão, foram completadas pelos valores das médias e desvio-padrão das respostas, a cada item, que nos indicam o grau de concordância e a dispersão das respostas dos sujeitos; a sua análise conjunta é indispensável à evidência das tendências principais dos resultados. Quanto ao cálculo do valor do Alpha de Cronbach, permite-nos avaliar a consistência interna dos factores de forma a decidir da possibilidade de construção de escalas.

Um outro objectivo da investigação consiste na apreensão das diferenças no modo como os grupos interrogados avaliam as diferentes dimensões das representações sociais. Para esse efeito calculou-se em cada escala, as respectivas médias por grupos de sujeitos, entendidas como centros de gravidade da posição desses grupos (Doise, Clémence e Lorenzi-Cioldi, 1992). De seguida realizaram-se análises de variância, para evidenciar a significância das diferenças de médias entre os grupos sociais considerados, ou seja, para revelar a existência de efeitos e interacções significativas das variáveis independentes nas diferentes escalas de análise. Finalmente, procedeu-se a análises correlacionais entre a quarta parte do questionário e as três secções do MJVE.

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA: ESTUDOS PRELIMINARES

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA:

ESTUDOS PRELIMINARES

Apresenta-se neste Capítulo os resultados dos dois estudos preliminares, que servem de base à construção do questionário utilizado no estudo principal, mas que fornecem desde logo, indicações sobre os conteúdos das representações da violência sobre as crianças.

4.1 - Método:

4.1.1 - Amostra

A amostra é constituída por 160 sujeitos, (80 sujeitos por estímulo): metade provenientes do bairro social (Bairro da Pasteleira), e a outra metade da zona residencial (Zona da Foz), ambos sitos na cidade do Porto. Ao todo são 40 sujeitos (por estímulo) do sexo masculino e sexo feminino repartidos igualmente por cada grupo geracional (adultos e crianças) e respectivo local de residência (bairro social e zona residencial).

Crianças

A idade média no grupo das crianças é de 8.7 anos. Têm todas nacionalidade portuguesa e são residentes nos locais seleccionados para os estudos. Frequentam o 3º e 4º ano do 1º ciclo do ensino básico. No bairro social 30% das crianças frequentam o 3º ano e as restantes o 4º ano. Quanto à zona residencial o grupo de crianças é constituído por sujeitos do 4º ano do 1º ciclo do ensino básico. Será de referir que as crianças residentes no bairro social têm em média 2 irmãos e as residentes na zona residencial têm em média 3 irmãos. Quanto à situação socio-profissional dos progenitores das crianças do bairro social são maioritariamente laboros indiferenciados (operários da construção civil, empregadas domésticas, entre outras) e mesmo sem qualquer actividade profissional. Relativamente aos progenitores das crianças da zona residencial maioritariamente exercem funções especializadas (engenheiros, clínicos, professores, arquitectos, entre outras).

Adultos

A idade média do grupo dos adultos é de 57.9 anos. Têm todos nacionalidade portuguesa e são residentes nos locais seleccionados para os estudos. Os que residem no bairro social possuem diferentes habilitações académicas, 85% tem o 4º ano do 1º ciclo do ensino básico e 10% tem o 9º ano do 3º ciclo do ensino básico, 2,5% tem o 11º e 2,5% tem o 12º ano do 3º ciclo do ensino básico. Quanto aos adultos da zona residencial, 25% possui o 12º ano do 3º ciclo do ensino básico e 25% possui bacharelato, 10% possui mestrado e 40% possui licenciatura. Todos os sujeitos interrogados têm filhos, à excepção de um sujeito de sexo masculino residente no bairro social, sendo a média de filhos de 1.5 no bairro social e de 2.1 na zona residencial. As actividades laborais do grupo dos adultos é diversificada quer no bairro social quer na zona residencial; no bairro social 55% são vendedores, 45% são auxiliares da acção educativa; na zona residencial 40% são técnicos de saúde (médicos, fisioterapeutas), 35% são engenheiros, 25% são professores universitários.

4.1.2 - Questionário

Para recolher o campo semântico da violência sobre as crianças utilizamos a técnica de associação livre de palavras. As instruções apresentadas aos sujeitos eram diferentes para os dois estímulos: (1) "Escreva, por favor, 10 palavras que lhe vêm à mente, quando pensa em violência sobre as crianças" (2) "Sabendo o que se passa no mundo e na sociedade, pelas histórias de vida que conhece, enumere no máximo de 20 palavras, situações em que considere que há violência sobre as crianças". Utiliza-se, nos enunciados, várias formas para apresentar a tarefa, conforme a idade dos sujeitos (adultos ou crianças) (ver Anexo 1 a 4). É garantido o anonimato das respostas e a utilização das mesmas estritamente para este estudo, sendo apenas solicitado alguns elementos de ordem socio-demográfica: sexo, idade, habilitações, local de residência, número de filhos (e irmãos) e profissão exercida (pelos adultos e pelos progenitores das crianças). Cada sujeito apenas respondeu a um dos estímulos, tratando-se de um plano intersujeitos.

4.1.3 – Administração

Crianças

Depois de ter obtido as autorizações das instituições participantes, ministrou-se às crianças com a ajuda das professoras os dois questionários (Anexo 1 e Anexo 2) nas respectivas salas de aulas. Ao serem transmitidas informações às professoras, procurou-se minimizar qualquer manipulação destas nos respectivos grupos de crianças. Cada sujeito respondeu apenas a um só questionário. Para garantir uma maior homogeneidade e neutralidade nas respostas, os questionários foram repartidos pelos sujeitos ao acaso.

Adultos

Após terem aceite participar nesta investigação, cada sujeito recebeu um envelope entregue por educadoras e professoras (não sendo estas as respectivas professoras do grupo das crianças intervenientes no estudo) contendo um só dos dois questionários (Anexo 3 e Anexo 4). Procurou-se, assim, que cada um dos sujeitos apenas respondesse a um dos questionários, (tal como no grupo das crianças). Será de salientar, que às educadoras e professoras que nos auxiliaram nesta fase, são-lhes transmitidas informações idênticas, às veiculadas nas professoras do grupo das crianças.

4.2 - Resultados e discussão

O dicionário global das concepções de violência sobre as crianças (1º estímulo) é constituído por 1395 palavras. Deste conjunto, 356 são palavras diferentes com uma frequência de evocação que varia entre 1 e 37.

Quanto ao dicionário global das situações de violência sobre as crianças (2º estímulo), ele é constituído por 2480 palavras. Dentro destas, 462 são palavras diferentes com uma frequência de evocação que varia entre 1 e 39.

Tendo em conta a similitude de respostas fornecidas pelos sujeitos nos dois estímulos (aproximadamente 80% das palavras são comuns), agruparam-se as respostas, retendo as palavras evocadas por, pelo menos 10% dos sujeitos. Apresentamos, no Quadro 1, as 117 palavras cuja frequência é igual ou superior a 16 (no grupo total) ou igual ou superior a 8 (em cada um dos grupos). (1)

Devido ao elevado número de palavras que constituem o dicionário reduzido, procuramos integrar as respostas nas categorias consideradas nos estudos de Fortin (1995; Fortin e Lachance, 1996). Constituímos, ainda, várias categorias suplementares, para incluir as palavras que não podiam ser colocadas nas categorias existentes. Desta forma, obtivemos quatro grandes dimensões das representações da violência sobre as crianças, que agrupam várias categorias.

Trata-se de:

(1) As respostas evocadas, respectivamente, com o primeiro e com o segundo estímulo figuram no Anexo 7

Quadro 1 – Palavras evocadas com os dois estímulos, por, pelo menos 10% dos sujeitos

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
1	Fome	94	51	43	24	70	27	67
2	Matar	90	49	41	0	90	33	57
3	pobreza	76	62	34	32	44	21	55
4	bater	74	38	36	4	70	41	33
5	droga	70	39	31	35	35	37	33
6	abandonar	61	29	32	20	41	26	35
7	prender em casa	57	30	27	4	53	27	30
8	violar	54	29	25	14	40	31	23
9	guerra	51	23	28	12	39	12	39
10	crianças	51	13	38	10	41	12	39
11	morte	47	25	22	2	45	17	30
12	falta de educação	47	23	24	16	31	30	17
13	abusar sexualmente	44	19	25	14	30	24	20
14	exigir muito dos filhos	43	23	20	12	31	17	26
15	violência	42	18	24	13	29	32	30
16	filhos	41	24	17	4	37	24	17
17	roubar	39	26	23	0	39	20	19
18	lutar	38	20	18	0	38	17	21
19	falta de referência familiar	37	17	20	7	30	4	33
20	crianças violentas	37	23	14	2	35	12	25
21	doenças	36	17	19	1	35	7	29
22	magoar	36	20	16	2	34	14	22
23	obrigar a trabalhar	36	10	16	24	2	12	14
24	t.v	34	20	14	22	12	13	21
25	existir mau relacionamento entre os pais	33	14	19	26	7	14	19
26	maltratar	32	12	20	14	18	20	12
27	mentir	30	12	18	0	30	4	26
28	rejeitar	28	13	15	10	18	15	13
29	armas	28	19	9	0	28	11	17
30	solidão	28	14	14	14	14	9	19
31	agressividade	28	18	10	14	14	12	16
32	tristeza	27	14	13	5	22	8	19
33	dar pontapés	27	18	9	0	27	8	29
34	sida	27	9	18	0	27	14	13
35	dar socos	27	19	8	0	27	10	17
36	casa	26	9	17	8	18	10	16
37	maldade	25	10	15	2	23	11	14
38	prostituição	25	13	12	24	1	15	10
39	alcoolismo	25	15	10	21	3	13	12
40	falta de amor	24	10	14	13	11	9	15
41	falta de habitação	24	12	10	2	22	2	22
42	família	24	10	14	19	5	11	13
43	crianças a consumir droga	24	13	11	3	21	9	15
44	espancar	23	9	14	3	20	10	13
45	falta de roupas	23	15	8	0	23	1	22
46	esfaquear	23	19	4	0	23	8	15
47	negligenciar	22	9	13	3	19	9	13
48	empurrar	22	11	11	1	21	5	17
49	minas	21	14	7	3	18	3	18
50	falta de tempo	21	7	14	14	7	7	14
51	dar porrada	20	17	3	1	19	17	3
52	fazer diferenças entre os filhos	20	6	14	7	13	0	20
53	divórcio	20	11	9	19	1	4	16
54	horário de trabalho	20	14	6	19	1	8	12
55	frio	19	8	10	1	17	7	11
56	medo	19	6	13	14	5	8	11
57	escola	19	11	8	15	4	12	7
58	riqueza	18	12	6	12	6	6	12
59	crime	17	6	11	10	7	4	13
60	não dar comida	17	3	9	0	17	9	8
61	Afogar	17	9	8	0	17	4	13
62	pedofilia	17	8	9	12	5	5	12

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BARRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
63	ameaçar	16	8	8	5	11	4	12
64	tolerância	16	9	7	16	0	0	16
65	não dar atenção	16	10	6	14	2	3	13
66	silêncio	16	1	15	15	1	8	8
67	stress	16	7	9	16	0	2	14
68	crianças deficientes	16	5	11	3	13	2	14
69	chorar	15	9	6	4	11	9	6
70	falta de brinquedos	15	8	7	0	15	4	11
71	indiferença	15	5	10	8	7	6	9
72	queimar	15	10	5	0	15	8	7
73	falta de estudos	15	7	8	2	13	3	12
74	dor	14	5	9	7	7	3	11
75	pobres	14	5	9	0	14	4	10
76	torturar	14	9	5	2	12	2	12
77	atropelar	14	10	4	0	14	6	8
78	fazer rasteira	14	8	6	0	14	1	13
79	instinto	14	7	7	4	10	7	7
80	não dar medicamentos	13	8	5	0	13	3	10
81	cair	13	11	2	0	13	2	11
82	prisão	12	3	9	5	7	4	8
83	perda dos pais	12	1	11	1	11	0	12
84	desemprego	12	9	3	6	6	2	10
85	dar estaladas	12	7	5	0	12	2	10
86	acidentes	12	7	5	0	12	5	7
87	armadilhas	12	7	5	0	12	0	12
88	bombas	12	6	6	0	12	2	10
89	filmes	12	9	3	6	6	2	10
90	ladrão	12	6	6	0	12	5	7
91	sofrimento	11	8	5	4	7	2	9
92	destruir	11	6	5	1	10	4	7
93	assaltar	11	7	4	1	10	9	2
94	cortar	11	6	5	0	11	3	8
95	injectar	11	10	1	0	11	10	1
96	não ir à escola	11	5	6	2	9	4	7
97	rua	11	1	10	5	6	6	5
98	dar um tiro	11	8	3	0	11	1	10
99	perigo	10	5	5	0	10	5	5
100	não ter amigos	10	3	7	0	10	0	10
101	sede	10	6	4	0	10	1	9
102	aborto	10	0	10	6	4	1	9
103	dar cabeçadas	10	5	5	0	10	2	8
104	culpar	10	0	10	0	10	0	10
105	programas infantis	10	4	6	6	4	0	10
106	falta de cultura	10	4	6	10	0	6	4
107	criança desobediente	9	4	5	6	3	3	6
108	insegurança	9	5	4	7	2	2	9
109	gritar	9	1	8	0	9	3	6
110	traumas	8	4	4	8	0	4	4
111	mão	8	6	2	0	8	3	5
112	cataclismos naturais	8	7	1	1	7	0	8
113	envenenar	8	5	3	0	8	0	8
114	expulsar	8	3	5	0	8	4	4
115	falta de diálogo	8	1	7	8	0	2	6
116	Janela	8	4	4	0	8	1	7
117	pedras	8	7	1	0	8	3	5

Causas da violência

As causas da violência sobre as crianças englobam (a) a justificação da violência sobre as crianças baseada em factores estruturais, (b) em factores pessoais, (c) em aspectos de foro relacional, e (d) no comportamento da criança. É a dimensão mais evocada (1203 palavras).

Actos de violência

Esta dimensão engloba (a) os actos de violência física, (b) os actos de violência psicológica, (c) a negligência, e (d) o atentado à propriedade. Esta dimensão é a segunda mais evocada (957 palavras).

Cenários de violência

Nesta dimensão estão integrados (a) as formas de violência, (b) os afectos e a expressões dos afectos, (c) as vítimas da violência, (d) os instrumentos de violência utilizados contra as crianças, (e) os locais de violência, (f) o quadro da violência e (g) os iniciadores da violência referenciados pelos sujeitos. Esta dimensão é a terceira mais evocada (616 palavras).

Passamos a descrever estas três dimensões:

4.2.1 - Causas da violência

4.2.1.1- Factores Estruturais

Os factores estruturais constituem a categoria mais evocada, com 735 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 27 palavras ou expressões, que têm entre 8 e 94 frequências e que são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Justificação da violência sobre as crianças baseada em factores estruturais

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BARRIO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Fome	94	51	43	24	70	27	67		22.6 ***	17.0 ***
Pobreza	76	42	34	32	44	21	55			15.2 ***
Droga	70	39	31	35	35	37	33			
Guerra	51	23	28	12	39	12	39		14.2 ***	14.2 ***
Morte	47	25	22	2	45	17	30		39.4 ***	4.0 *
Doenças	36	17	19	1	35	7	29		32.0 ***	13.4 ***
t.v	34	20	14	22	12	13	21		4.0 *	
Sida	27	9	18	0	27	14	13		27.0 ***	
Prostituição	25	13	12	24	1	15	10		21.2 ***	
Alcoolismo	25	15	10	21	4	13	12		12.0 ***	
Falta de habitação	24	14	10	2	22	2	22		16.6 ***	16.6 ***
Falta de roupas	23	15	8	0	23	1	22		23.0 ***	19.2 ***
Falta de tempo	21	7	14	14	7	7	14			
Horário de trabalho	20	14	6	19	1	8	12		16.2 ***	
Riqueza	18	12	6	12	6	6	12			
Crime	17	6	11	10	7	4	13			4.8 *
Pedofilia	17	8	9	12	5	5	12			
Falta de brinquedos	15	8	7	0	15	4	11		15.0 ***	
Prisão	12	3	9	5	7	4	8			
Desemprego	12	9	3	6	6	2	10			6.0 *
Acidentes	12	7	5	0	12	5	7		12.0 ***	
Filmes	12	9	3	6	6	2	10			6.0 *
Perigo	10	5	5	0	10	5	5		10.0 **	
Sede	10	6	4	0	10	1	9		10.0 **	6.4 *
Programas infantis	10	4	6	6	4	0	10			10.0 **
Insegurança	9	5	4	7	2	1	8			6.0 *
Cataclismos naturais	8	7	1	1	7	0	8	4.5 *	4.5 *	8.0 **
TOTAL	735	393	342	273	462	233	502	4.0 *	48.6 ***	98.4 ***

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

Os factores estruturais referem assuntos diversos relacionados com determinadas problemáticas sociais e pessoais decorrentes do estilo de vida da sociedade moderna, desde as clivagens na distribuição dos recursos sócio-económicos, passando pelos problemas ambientais, à criminologia e às actividades ilícitas realizadas também com as crianças.

Ao nível dos factores estruturais, verificam-se diferenças significativas entre os seis grupos em análise. As crianças mostram uma concepção de violência sobre as mesmas relacionada a momentos extremos de conflituosidade e de perigo, tais como “guerra”, “morte”, “doenças”, “acidentes”, “sida”, “perigo”, “cataclismos naturais”, para além de associados à falta de recursos assistenciais tais como a “sede”, “fome”, “falta de habitação”, “falta de roupas”, “falta de brinquedos”. Comparativamente, os adultos focalizam a sua representação em problemáticas sociais e em actividades ilícitas também praticadas com as crianças: “prostituição”, “alcoolismo”, “horário de trabalho”. Os sujeitos da zona residencial diferenciam-se dos do bairro social pela importância atribuída aos aspectos criminológicos relacionados com a temática da violência sobre as crianças, como “crime” e “insegurança”. Realçam ainda o papel da “pobreza” e do “desemprego”, bem como questões relacionadas com a “fome”, as “doenças”, a “falta de habitação”, a “falta de roupas” e a “sede”. A representação formada pelos sujeitos da zona residencial, parece denotar uma certa categorização, associada a condições de vida empobrecidas e a menores recursos, que os demarca do grupo dos do bairro social. Por outro lado, também é focalizada a importância do impacto dos meios de comunicação social tais como “filmes”, “programas infantis” e de alguns momentos como a “guerra” e os “cataclismos naturais”. Quanto às diferenças entre os grupos sexuais, verifica-se apenas uma diferença, sendo que os homens valorizam mais a importância dos “cataclismos naturais”.

De forma geral, os factores estruturais são mais mencionados pelos residentes da zona residencial, ao evocarem mais do dobro das palavras do que os residentes do bairro social. Também, as crianças evocam mais palavras do que os adultos e os homens mais do que as mulheres.

4. 2.1.2 - Factores Pessoais

Os factores pessoais foram referidos por 216 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 10 palavras ou expressões, que têm entre 8 e 47 frequências e que são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 - Justificação da violência sobre as crianças baseada em factores pessoais

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	OUT-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
falta de educação	47	23	24	16	31	30	17		4.8 *	4.0 *
falta de referência familiar	37	17	20	7	30	4	33		14.2 ***	22.4 ***
Agressividade	28	18	10	14	14	12	16			
Maldade	25	10	15	2	23	11	14		17.6 ***	
Tolerância	16	9	7	16	0	0	16		16.0 ***	16.0 ***
Stress	16	7	9	16	0	2	14		16.0 ***	9.0 **
falta de estudos	15	7	8	2	13	3	12		8.06 **	5.4 *
Instinto	14	7	7	4	10	7	7			
falta de cultura	10	4	6	10	0	6	4		10.0 **	
Traumas	8	4	4	8	0	4	4		8.0 **	
TOTAL	216	106	110	95	121	79	137		4.0 *	15.6 ***

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

Os factores pessoais referem elementos relacionados com o processo de socialização, bem como aspectos de foro mais psíquico.

A justificação da violência sobre as crianças, baseada em factores pessoais, regista diferenças significativas essencialmente entre os grupos geracionais e entre os dois contextos sociais. As crianças apresentam uma percepção da justificação da violência focalizada em elementos do processo de socialização tais como a “falta de referência familiar”, a “falta de educação”, a “falta de estudos”, para além de aspectos pessoais traduzidos pela “maldade”. Comparativamente, os adultos percebem a violência relacionada a valores e a consequências da sociedade moderna tais como, “tolerância” e “stress”, se bem que também referem a “falta de cultura” e os “traumas”. Será de salientar, a importância da representação dos sujeitos da zona residencial dos factores pessoais de âmbito familiar como a “falta de referência familiar”, para além da “tolerância”, “stress” e “falta de estudos”; enquanto que os sujeitos do bairro

social mencionam mais a “falta de educação”. Não se registam diferenças significativas entre os grupos sexuais.

De forma geral, os factores pessoais são mais evocados pelos sujeitos da zona residencial, do que pelos sujeitos do bairro social. Também as crianças evocam mais palavras do que os adultos.

4.2.1.3- Factores Relacionais

Os factores relacionais foram referidos por 166 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 7 palavras ou expressões, apresentadas no Quadro 4, que têm uma frequência de evocação compreendida entre 8 e 43.

Quadro 4 - Justificação da violência sobre as crianças baseada em factores relacionais

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
exigir muito dos filhos	43	23	20	12	31	17	26		8.4 **	
existir mau relacionamento entre os pais	33	14	19	26	7	14	19		11.0 ***	
Solidão	28	14	14	14	14	9	19			4.0 *
Falta de amor	24	10	14	13	11	9	15			
Divorcio	20	11	9	19	1	4	16		16.2 ***	7.2 **
não Ter amigos	10	3	7	0	10	0	10		10.0 **	10.0 **
Falta de diálogo	8	1	7	8	0	2	6	4.5 *	8.0 **	
TOTAL	166	76	90	92	74	55	111			18.8 ***

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

Os factores relacionais referem tanto as relações entre pais e filhos, bem como entre pai e mãe e na sociedade mais vasta.

Os factores relacionais que apresentam diferenças significativas entre o grupo das crianças e o dos adultos relacionam-se com aspectos inerentes à respectiva dinâmica relacional entre as figuras parentais, mais evocadas pelos adultos e traduzidas em “existir mau relacionamento entre os pais”, “divórcio” e “falta de diálogo. As crianças evocam mais as possíveis repercussões desta dinâmica relacional sobre si próprias, tal como “exigir muito dos filhos” e “não ter amigos”.

Será de acrescentar que os aspectos relacionados com a dinâmica relacional entre as figuras parentais “divórcio” e a “solidão” e “não ter amigos” apresentam diferenças significativas entre o grupo da zona residencial e o do bairro social, uma vez que se tratam de factores mais salientes nos primeiros. Nos grupos sexuais, apenas se verifica uma diferença significativa entre os homens e as mulheres, no que respeita à “falta de diálogo”, elemento mais citado por estas últimas.

De forma geral, os factores relacionais são mais mencionados pelos sujeitos da zona residencial, ao evocarem quase o dobro das palavras do que os sujeitos do bairro social.

4.2.1.4 – Comportamento das crianças

O comportamento das crianças como justificação da violência, foi referido por 86 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 4 palavras ou expressões, apresentadas no Quadro 5, que têm uma frequência de evocação que varia entre 9 e 37.

Quadro 5 - Justificação da violência baseada no comportamento das crianças

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BARRO SOCIAL	ZONA RESI-DENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Crianças violentas	37	23	14	2	35	12	25		29.4 ***	4.6 *
crianças a consumir droga	24	13	11	3	21	9	15		13.6 ***	
crianças deficientes	16	5	11	3	13	2	14		6.2 *	9.0 **
criança desobediente	9	4	5	6	3	3	6			
TOTAL	86	45	41	14	72	26	60		40.0 ***	13.4 ***

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

O comportamento das crianças está relacionado quer a problemáticas sociais quer a problemáticas orgânicas.

Na evocação da violência sobre as crianças, baseada em motivos relacionados com o comportamento destas, registam-se apenas diferenças significativas entre o grupo das crianças e o dos adultos e entre o grupo do bairro social e o da zona residencial. As crianças evocam problemáticas de foro mais individual tais como

“crianças violentas” e “crianças deficientes”, para além de também salientarem a problemática da toxicodependência vivenciada na sociedade actual “crianças a consumir droga”. Finalmente, o grupo dos sujeitos da zona residencial referem mais as “crianças violentas” e “crianças deficientes”.

De forma geral, o comportamento das crianças é mais mencionado pelos sujeitos da zona residencial, ao evocarem mais do dobro das palavras do que os sujeitos do bairro social. As crianças, por sua vez, evocam pelo menos cinco vezes mais palavras do que os adultos.

4.2.2 – Actos de violência

4.2.2.1- Violência Física

Dentro desta dimensão, a categoria mais evocada é referente aos actos de incidência física com 538 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 21 palavras ou expressões, que têm entre 8 e 90 frequências e que são apresentadas no Quadro 6.

Quadro 6 - Violência Física

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Matar	90	49	41	0	90	33	57		90.0 ***	6.4 *
Bater	74	38	36	4	70	41	33		58.86 ***	
Violar	54	29	25	14	40	31	23		12.52 ***	
abusar sexualmente	44	19	25	14	30	24	20		5.82 *	
dar pontapés	27	18	9	0	27	8	19		27.0 ***	4.48 *
dar socos	27	19	8	0	27	10	17	4.48 *	27.0 ***	
Espancar	23	9	14	3	20	10	13		12.56 ***	
Esfaquear	23	19	4	0	23	8	15	9.8 **	23.0 ***	
Empurrar	22	11	11	1	21	5	17		18.2 ***	6.54 *
dar porrada	20	17	3	1	19	17	3	9.8 **	16.2 ***	9.8 **
Afogar	17	9	8	0	17	4	13		17.0 ***	4.76 *
Queimar	15	10	5	0	15	8	7		15.0 ***	
Atropelar	14	10	4	0	14	6	8		14.0 ***	
fazer rasteira	14	8	6	0	14	1	13		14.0 ***	10.28 **
dar estaladas	12	7	5	0	12	2	10		13.1 ***	5.32 *
Assaltar	11	7	4	1	10	9	2		7.36 **	4.46 *
Cortar	11	6	5	0	11	3	8		11.0 ***	
Injectar	11	10	1	0	11	10	1	7.36 **	11.0 ***	7.36 **
dar um tiro	11	8	3	0	11	1	10		11 ***	7.36 **
dar cabeçadas	10	5	5	0	10	2	8		10.0 **	
Envenenar	8	5	3	0	8	0	8		8.0 **	8.0 **
TOTAL	538	313	225	38	500	233	305	14.4 ***	397.0 ***	9.64 **

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

A violência física refere-se a uma variedade grande de actos de incidência física, nos quais se incluem também os de foro sexual.

Na análise dos valores do Qui-quadrado, verifica-se que os actos de violência física são evocados de forma significativamente diferente pelo grupo dos adultos e o das crianças, nomeadamente nas palavras “matar” e “bater”. As crianças comparativamente aos adultos, mencionam a importância destes actos de punição física com características extremas, especificando alguns deles, tais como: “dar socos”, “espancar”, “esfaquear”, “empurrar”, “dar porrada”, “afogar”, “queimar” “atropelar” “fazer rasteira”, “dar estaladas”, “cortar”, “injectar”, “dar um tiro”, para além de reforçarem actos de foro sexual, tal como “abusar sexualmente”. Relativamente ao grupo dos sujeitos do bairro social e da zona residencial os resultados reflectem as próprias vivências particulares nos dois contextos sociais. Assim, verificam-se algumas diferenças significativas ao nível da concepção de actos de violência física, que para os sujeitos do bairro social

radica numa visão forte, “dar porrada” e “injectar”, enquanto que para o grupo dos sujeitos da zona residencial é traduzida em “fazer rasteira” e “dar pontapés”. Quanto aos grupos sexuais, os sujeitos do sexo masculino referem mais do que os sujeitos femininos, actos fortes como o “esfaquear”, o “dar porrada” e o “injectar”.

De forma geral, a violência física é referida pelo menos dez vezes mais pelas crianças do que pelos adultos. Por sua vez, os homens evocam mais palavras do que as mulheres e o grupo de sujeitos da zona residencial mais palavras do que os do bairro social.

4.2.2.2- Violência Psicológica

A violência psicológica foi referida por 211 palavras. Nesta categoria, são agrupadas as 9 palavras ou expressões, apresentadas no Quadro 7, com frequência de evocação variando entre 8 e 57.

Quadro 7 - Violência Psicológica

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BARRIO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Prender em casa	57	30	27	4	53	27	30		42.2 ***	
Obrigar a trabalhar	26	10	16	24	2	12	14		18.6 ***	
Mentir	30	12	18	0	30	4	26		30.0 ***	16.2 ***
Rejeitar	28	13	15	10	18	15	13			
Fazer diferenças entre os filhos	20	6	14	7	13	0	20			20.0 ***
Silêncio	16	1	15	15	1	8	8	12.26 ***	12.0 ***	
Ameaçar	16	8	8	5	11	4	12			4.0 *
Culpar	10	0	10	0	10	0	10	10.0 **	10.0 **	10.0 **
Expulsar	8	3	5	0	8	4	4		8.0 **	
TOTAL	211	83	128	65	146	74	137	9.6 **	32.0 ***	18.8 ***

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

A violência psicológica refere-se a actos decorrentes do relacionamento entre pais e filhos, nomeadamente adoptados como estratégias educativas.

Relativamente à violência psicológica, registam-se diferenças significativas entre os grupos sexuais: as mulheres são as que mais evocam actos com consequências psicológicas, tais como o “silêncio” e o “culpar”. Existem também

diferenças entre as crianças e os adultos: as primeiras mencionam mais aspectos relacionais tais como “prender em casa”, “mentir”, “culpar”, “expulsar”, enquanto que os adultos referem mais as questões de autoridade e de certo cariz material tal como “obrigar a trabalhar” e o “silêncio”. Por último, o grupo dos sujeitos da zona residencial apresentam diferenças significativas na sua concepção relativamente ao grupo do bairro social, ao citarem mais o “mentir”, o “fazer diferenças entre os filhos”, o “culpar” e o “ameaçar”.

De forma geral, a violência psicológica é evocada pelo menos duas vezes mais pelas crianças do que pelos adultos. Também os sujeitos da zona residencial evocam mais palavras do que os sujeitos do bairro social e as mulheres mais palavras do que os homens.

4.2.2.3- Negligência

144 palavras evocam actos de negligência, dentro de que 6 palavras ou expressões, apresentadas no Quadro 8, têm entre 13 e 61 frequências.

Quadro 8 – Negligência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Abandonar	61	29	32	20	41	26	35		7.2 **	
Negligenciar	22	9	13	3	19	9	13		11.6 ***	
Não dar comida	17	5	12	0	17	9	8		17.0 ***	
Não dar atenção	16	10	6	14	2	3	13		9.0 **	6.3 *
Indiferença	15	5	10	8	7	6	9			
Não dar medicamentos	13	8	5	0	13	3	10		13.0 ***	
TOTAL	144	66	78	45	99	56	88		20.0 ***	7.0 **

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

A negligência engloba actos que implicam de alguma forma a carência e a supressão de elementos fundamentais à estabilidade psico-emocional e física.

Ao nível da negligência não se verificam diferenças significativas nos grupos sexuais. No entanto, existem diferenças significativas, entre adultos e crianças. Para as crianças, a negligência, está mais relacionada com aspectos assistenciais e relacionais tais como: “abandonar”, “negligenciar”, “não dar

comida” e “não dar medicamentos”; para os adultos verifica-se uma maior referência a “não dar atenção”. Existem também, diferenças significativas entre o grupo da zona residencial e o do bairro social, uma vez que o primeiro evoca mais o “não dar atenção”.

De forma geral, a negligência é mais mencionada pelas crianças, ao evocarem mais do dobro das palavras do que os adultos. Também os sujeitos da zona residencial evocam mais palavras do que os sujeitos do bairro social.

4.2.2.4 - Atentado à propriedade

Por último, a categoria, atentado à propriedade é referida por 64 palavras. Nesta categoria, são agrupadas apenas as 2 palavras ou expressões, apresentadas no Quadro 9, com frequência de evocação de 15 e 49.

Quadro 9 - Atentado à propriedade

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BARRO SOCIAL	ZONA RESI-DENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Roubar	49	26	23	10	39	25	24		17.2 **	
Destruir	15	8	7	1	14	5	10		11.2 ***	
TOTAL	64	34	30	11	53	30	34		28.0 ***	

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

O atentado à propriedade refere actos que implicam danos patrimoniais a terceiros. São as crianças que, mais do que os adultos, incluem estes actos na representação da violência sobre as crianças. Não se verificam diferenças entre os outros grupos analisados.

4.2.3 - Cenários de violência

4.2.3.1 – Formas da Violência

Diversas formas de violência, constituem a categoria mais evocada na dimensão dos “cenários de violência”, com 166 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 8 palavras, que têm entre 10 e 38 frequências e que são apresentadas no Quadro 10.

Quadro 10 – Formas de Violência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Lutar	38	20	18	0	38	17	21		38.0 ***	
Magoar	36	20	16	2	34	14	22		28.4 ***	
Maltreatar	32	12	20	14	18	20	12			
Torturar	14	9	5	2	12	2	12		7.2 **	7.2 **
Cair	13	11	2	0	13	2	11	6.2 *	13.0 ***	6.2 *
Perda dos pais	12	1	11	1	11	0	12	8.4 **	8.4 **	12.0 ***
Não ir à escola	11	5	6	2	9	4	7		4.4 *	
Aborto	10	0	10	6	4	1	9	10.0 **		6.4 *
TOTAL	166	78	88	27	139	60	106		75.6 ***	12.8 ***

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

As formas de violência referem aspectos genéricos relacionados a práticas violentas que implicam não só consequências físicas como psicológicas.

As crianças referem mais do que os adultos, elementos oriundos de algum conflito eminente tais como “lutar”, “magoar”, “torturar”, “cair”, para além da referência à “perda dos pais”, ao “não ir à escola”. As mulheres evocam mais do que os homens, elementos de cariz emocional tais como “perda de pais” e “aborto”, enquanto os homens salientam mais aspectos de implicação física, tais como “lutar” e “cair”. Por último, os sujeitos da zona residencial também se diferenciam do bairro social ao citarem aspectos genéricos, onde se sobressai a importância da “perda dos pais” relativamente ao “torturar”, ao “cair” e ao “aborto”.

De forma geral, as formas de violência são evocadas cinco vezes mais pelas crianças do que pelos adultos. Também os sujeitos da zona residencial evocaram mais palavras do que os sujeitos do bairro social.

4.2.3.2- Afectos e a expressão dos afectos

Os afectos e a expressão dos afectos, formam a segunda categoria mais evocada, com 113 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 7 palavras ou expressões, que têm entre 9 e 27 frequências e que são apresentadas no Quadro 11.

Quadro 11 - Afectos e a expressão dos afectos

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BARRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Tristeza	27	14	13	5	22	8	19		10.8 **	4.4 *
Frio	18	8	10	1	17	7	11		14.2 ***	
Medo	19	6	13	14	5	8	11		4.26 *	
Chorar	15	9	6	4	11	9	6			
Dor	14	5	9	7	7	3	11			4.6 *
Sufrimento	11	7	4	4	7	2	9			4.4 *
Gritar	9	1	8	0	9	3	6	5.4 *	9.0 **	
TOTAL	113	50	63	35	78	40	73		16.0 ***	9.6 **

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

Os afectos e a expressão dos afectos traduzem quer aspectos físicos, quer aspectos emocionais.

Os elementos mais mencionados pelas crianças ao nível da expressão dos afectos acerca da violência sobre as crianças são o “frio”, a “tristeza” e o “gritar”, Enquanto que os adultos referem mais o “medo. As mulheres citam mais o “gritar” do que os homens.” Por outro lado, para além da “tristeza”, os sujeitos da zona residencial referem mais do que os do bairro social a “dor” e o “sofrimento”.

De forma geral, os afectos e a expressão dos afectos são mais mencionados pelas crianças, ao evocarem mais do dobro das palavras do que os adultos. Também os sujeitos residentes na zona residencial evocam mais palavras do que os sujeitos residentes no bairro social.

4.2.3.3- As vítimas da Violência

As vítimas da violência, foram referidas por 106 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 3 palavras ou expressões apresentadas no Quadro 12, que têm uma frequência de evocação compreendida entre 14 e 51.

Quadro 12 - Vítimas da Violência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Crianças	51	13	38	10	41	12	39	12.2 ***	18.8 ***	14.4 ***
Filhos	41	24	17	4	37	24	17		26.6 ***	
Pobres	14	5	9	0	14	4	10		14.0 ***	
TOTAL	106	42	64	14	92	40	66	4.6 *	57.4 ***	6.4 **

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

As vítimas da violência referem-se tanto ao contexto relacional entre pais e filhos e nomeadamente na figura das crianças, como também a contextos sociais marcados pela escassez de recursos.

As diferenças são bastante significativas entre os grupos em análise. As crianças mencionam mais vítimas do que os adultos, nomeadamente os “filhos”. As mulheres, comparativamente aos homens, citam mais as crianças como vítimas da violência, aspecto idêntico ao que se verifica entre o grupo dos sujeitos da zona residencial face aos do bairro social.

De forma geral, as vítimas da violência são mais mencionadas pelas crianças, ao evocarem pelo menos seis vezes mais palavras do que os adultos. Também os sujeitos da zona residencial evocam mais palavras do que os do bairro social e as mulheres evocam mais palavras do que os homens.

4.2.3.4 - Instrumentos de Violência

Os instrumentos de violência, foram referidos por 97 palavras. Nesta categoria, são agrupadas 7 palavras ou expressões, que têm entre 8 e 28 frequências e que são apresentadas no Quadro 13.

Quadro 13 - Instrumentos de Violência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Armas	28	19	9	0	28	11	17	4.0 *	28.0 ***	
Minas	21	14	7	3	18	3	18		10.8 ***	10.8 **
Bombas	12	6	6	0	12	2	10		12.0 ***	6.0 *
Armadilhas	12	7	5	0	12	0	12		12.0 ***	12.0 ***
Mão	8	6	2	0	8	3	5		8.0 **	
Janela	8	4	4	0	8	1	7		8.0 **	4.5 *
Pedras	8	7	1	0	8	3	5	4.5 *	8.0 **	
TOTAL	97	63	34	3	94	23	74	8.6 **	85.4 ***	26.8 **

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

Os instrumentos de violência referem-se a uma variedade de recursos disponíveis que poderão ser utilizados em contextos familiares, bem como a nível da sociedade em geral.

Nos instrumentos de violência registam-se diferenças significativas, essencialmente entre o grupo geracional e o dos dois contextos sociais. Mais uma vez, são as crianças que mencionam mais do que os adultos a utilização dos sete instrumentos de violência. Os sujeitos da zona residencial referem a utilização da “janela”, das “bombas”, das “minas” e das “armadilhas”. Quanto aos grupos sexuais verificam-se diferenças significativas entre os homens e as mulheres quanto à utilização das “pedras” e “armas”, como dimensões mais referidas pelos primeiros.

De forma geral, os instrumentos da violência são pelo menos trinta vezes mais evocados pelas crianças do que pelos adultos. Também os sujeitos da zona residencial evocam mais do triplo das palavras do que os do bairro social e os homens evocam mais palavras do que as mulheres.

4.2.3.5 - Locais de Violência

Os locais de violência, foram referidos por 80 palavras. Nesta categoria, são agrupadas as 4 palavras ou expressões apresentadas no Quadro 14, que têm uma frequência de evocação compreendida entre 11 e 26.

Quadro 14 - Locais de Violência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Casa	26	9	17	8	18	10	16		3.84 *	
Família	24	10	14	19	5	11	13		8.2 **	
Escola	19	11	8	15	4	12	7		6.4 *	
Rua	11	1	10	5	6	6	5	7.4 **		
TOTAL	80	31	49	47	33	39	41	4.0 *		

* = $p \leq 0.05$	** = $p \leq 0.01$	*** = $p \leq 0.001$
-------------------	--------------------	----------------------

Os locais de violência referem-se tanto ao universo familiar, como ao escolar e da sociedade em geral.

Pelos resultados obtidos pelo teste do Qui-quadrado, a “família” constitui um lugar perigoso, onde ocorrem situações de violência, elemento mais evocado pelos adultos; as crianças consideram também a “casa” como lugar de violência. Outros locais, tais como a “rua”, são referidos pelas mulheres e a “escola” pelos adultos.

De forma geral, os locais da violência são mais evocados pelas mulheres do que pelos homens.

4.2.3.6- Quadro de Violência

O quadro de violência sobre as crianças é situado num quadro mais abrangente da violência em geral constituído por 42 evocações.

Quadro 15 - Quadro de Violência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Violência	42	18	24	13	29	32	10		6.0 *	12.0 ***

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

As crianças referem mais este quadro do que os adultos e os sujeitos do bairro social mais do que os sujeitos da zona residencial. Não existem diferenças significativas entre os grupos sexuais.

4.2.3.7 – Iniciadores da Violência

Os iniciadores da violência, foram referidos por uma única palavra, com 12 evocações.

Quadro 16 – Iniciadores da Violência

PALAVRAS	TOTAIS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL	QUI-QUADRADO		
		1	2	3	4	5	6	1 vs 2	3 vs 4	5 vs 6
Ladrão	12	6	6	0	12	5	7		12.0 ***	

* = p ≤ 0.05	** = p ≤ 0.01	*** = p ≤ 0.001
--------------	---------------	-----------------

Os iniciadores da violência referem-se unicamente à figura do ladrão, relacionada com o universo societal. São apenas as crianças que a mencionam, diferenciando-se neste respeito dos adultos.

4.3 – Conclusão

A representação da violência sobre as crianças evidenciada pela prova da associação livre de palavras organiza-se à volta de três dimensões principais: as causas da violência, os próprios actos de violência e vários cenários de violência. Os estímulos utilizados tornam assim salientes dimensões da violência sobre as crianças que não se limitam a situações familiares. Em particular, os cenários da violência englobam locais, iniciadores e instrumentos que se relacionam mais com a violência que se manifesta na sociedade do que na família.

No que diz respeito, às diferenças entre os grupos considerados, pode-se realçar a maior fluidez das crianças do que dos adultos em quase todas as categorias evocadas, o que sugere que as crianças têm menos renitência acerca do objecto de estudo ou têm uma visão mais abrangente da violência sobre as crianças.

A comparação entre as duas zonas de residência evidencia a maior expressividade das pessoas da zona residencial, o que podia relacionar-se mais a uma dificuldade de expressão do que a uma falta de opinião acerca da temática.

Por fim, existem poucas diferenças entre os homens e as mulheres. No entanto, as que surgem parecem conforme ao que podia ser esperado. Os homens evocam mais os factores estruturais, que fazem recair a responsabilidade da violência sobre as crianças à sociedade, os actos físicos e os instrumentos através dos quais a violência pode ser exercida. As mulheres referem mais a violência psicológica, as vítimas e os locais da violência.

A necessidade de limitar a nossa investigação aos elementos que caracterizam a representação da violência sobre as crianças na família, obriga-nos a contemplar, na 2ª fase da investigação apenas algumas das categorias evidenciadas.

Por outro lado, parece-nos também importante integrar uma dimensão não referenciada pelos sujeitos, ou seja os factores que podem justificar o uso da violência na família.

Por essa razão, decidimos recorrer numa segunda fase da investigação a um método validado de medida da violência sobre as crianças – o MJVE (Fortin, 1995; Fortin e Lachance, 1996).

CAPÍTULO 5

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA: ESTUDO PRINCIPAL

CAPÍTULO 5

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA:

ESTUDO PRINCIPAL

Para captar a representação da violência sobre as crianças, o estudo principal foi realizado com um questionário de questões fechadas. Este é composto pelas três partes do MJVE (que medem, respectivamente, a tolerância, o reconhecimento e a concepção da violência sobre as crianças) e duma quarta parte relativa aos factores possibilitadores da violência, que contempla os elementos recolhidos nos estudos preliminares e não incluídos no MJVE.

Os resultados obtidos na 1ª fase encorajou-nos a prosseguir com o estudo da influência sobre a organização das representações dos três factores considerados: a pertença sexual, a zona de residência e a geração. Mais precisamente colocámos os três conjuntos de hipóteses seguintes:

1. Influência da pertença sexual

H1a Os sujeitos do sexo masculino apresentam níveis superiores de identificação da violência sobre as crianças, aos dos sujeitos de sexo feminino.

H1b Os sujeitos do sexo feminino apresentam níveis de tolerância superiores aos dos sujeitos do sexo masculino.

H1c Os sujeitos de sexo masculino acham mais provável que a violência sobre as crianças se explique por factores estruturais.

2. Influência da pertença geracional

H2a As crianças apresentam níveis de reconhecimento e de tolerância da violência sobre as crianças superiores aos dos adultos.

H2b As crianças apelam mais do que os adultos para explicar a violência a factores relacionais e pessoais.

3. Influência do local de residência

H3a A identificação da violência sobre as crianças é superior na zona residencial do que no bairro social.

H3b A tolerância da violência sobre as crianças é superior no bairro social comparativamente à zona residencial.

H3c No bairro social atribuí-se mais responsabilidade às crianças pelo surgimento da violência sobre estas.

H3d No bairro social existe uma menor probabilidade dos factores pessoais e relacionais estarem na base da ocorrência da violência.

5.1 - Método

5.1.1 – Amostra

A amostra é constituída por 80 sujeitos: metade provenientes do bairro social - Bairro da Pasteleira e a outra metade da zona residencial - Foz, ambos sitos na cidade do Porto. Ao todo são 40 sujeitos do sexo masculino e sexo feminino repartidos por cada grupo geracional (adultos e crianças) e respectivo local de residência (bairro social e zona residencial).

Crianças

A idade média no grupo das crianças é de 9,7 anos nas de sexo masculino residentes quer no bairro social quer na zona residencial e de 9,5 e 9,6 anos nas de sexo feminino residentes na zona residencial e no bairro social respectivamente. Todos os sujeitos são de nacionalidade portuguesa e residentes nos locais seleccionados para os estudos. Ao nível das habilitações o grupo das crianças é composto maioritariamente por alunos do 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, à excepção de um sujeito de sexo masculino e um sujeito de sexo feminino residentes no bairro social com o 3.º ano do 1.º ciclo do ensino básico.

As crianças residentes no bairro social têm em média 2.3 irmãos e as residentes na zona residencial têm 1.8 irmãos.

Adultos

A idade média entre o grupo dos adultos é 36,7 anos no bairro social e de 44,7 anos na zona residencial. Relativamente às habilitações académicas variam entre o 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico a mestrado, distribuídos da seguinte forma: no bairro social, 65% dos sujeitos inquiridos possui o 4.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, 20% o 6.º ano do 2.º ciclo do ensino básico, 15% o 8.º ano do 2.º ciclo do ensino básico; na zona residencial, 10% tem o 12º ano; 20% possui frequência universitária; 10% possui bacharelato; 50% possui licenciatura e 10% tem mestrado.

Será de referir que todos os sujeitos pertencentes ao grupo dos adultos são casados, à excepção de um sujeito de sexo feminino residente no bairro social. A média de filhos no grupo da zona residencial é de 3.2 e no grupo residente no bairro social é de 3.8 filhos.

Quanto à situação socio-profissional do grupo de adultos residente na zona residencial: 45% são quadros superiores da indústria e comércio e 15% são do quadro médio, 15% são empregados nessa mesma área empresarial, 25% são estudantes. No bairro social as profissões exercidas pelo grupo de adultos são as seguintes: 50% dos sujeitos inquiridos estão desempregados, 25% estão empregados na administração e serviços e finalmente 25% são donas de casa.

5.1.2 - Questionário

O nosso questionário é composto por quatro partes. A primeira secção é constituída por 8 itens que formam a escala de Tolerância do MJVE, medindo a tolerância face à violência sobre as crianças. Integra proposições relativas à adesão a mitos que valorizam a autoridade parental, o recurso à punição física ou que denigrem a criança. A escala de resposta mede o grau de concordância com as proposições (1: discordo totalmente; 7: concordo totalmente). A segunda secção integra 16 itens correspondentes a 2 escalas de Atribuição, que descrevem razões relativas a situações em que os pais batem nas crianças. A medida avalia o carácter aceitável (1: totalmente inaceitável; 7: totalmente aceitável) para cada uma das explicações/razões. Estas estão agrupadas em dois tipos: as que culpam as crianças (p.ex. a criança é desobediente) apresentando os pais como inocentes, se bem que responsáveis por um acto voluntário (escala de atribuição da culpa às crianças); e aquelas que atribuem a origem da violência a reacções incontroláveis (p.ex. o pai/a mãe é bêbedo/a) pelas quais os pais não poderão ser culpabilizados (escala de não responsabilização dos pais) (Fortin, 1995; Fortin e Lachance, 1996). Quanto à terceira secção, é constituída por 20 itens respeitantes à Concepção da Violência, que formam 3 escalas e que servem para avaliar até que ponto os pais reconhecem a violência sobre as crianças, desde abusos físicos ou psicológicos, cujas consequências não são visíveis. Cada item descreve um comportamento violento (1: nada violento; 7: extremamente violento). Os itens estão reagrupados em comportamentos de violência psicológica que traduzem rejeição (escala de rejeição), ou isolamento (escala de isolamento) ou comportamentos de violência física ou psicológica que reflectem intimidação (escala de intimidação). A quarta secção é constituída por 15 itens, que representam 5 palavras escolhidas aleatoriamente de três categorias (factores relacionais, factores estruturais, factores pessoais). Esclarecer que, não obstante, alguma perda de informação, este procedimento, permite-nos delimitar e focalizar a análise. Os itens foram formulados como problemas inerentes aos pais e à família, que podem tornar provável ou improvável que aqueles batam nos filhos (1: totalmente improvável; 7: totalmente provável). Na construção desta nova parte foram misturados os

respectivos itens de forma a garantir uma maior coerência e uma melhor distribuição dos respectivos problemas associados à origem da violência sobre as crianças.

Desta forma, temos as variáveis dependentes seguintes:

1) Tolerância - Adesão a mitos que valorizam a autoridade parental e o recurso à punição física ou que denigrem as crianças.

2) Reconhecimento/atribuição - Concepção de violência sobre as crianças - até que ponto os pais e as crianças reconhecem a violência sobre as crianças, atribuindo culpas a estas últimas e desculpabilizando os primeiros.

3) Concepção de Violência – Avaliação do modo como os pais e as crianças identificam a violência exercida sobre as crianças, desde abusos físicos a psicológicos, em que as consequências não são visíveis.

4) Factores possibilitadores da violência – Associação da violência a dinâmicas sociais mais abrangentes.

É garantido o anonimato das respostas e a sua utilização apenas restrita para este estudo. São apenas solicitados alguns elementos de ordem socio-demográfica: sexo, idade, habilitações, local de residência, número de filhos (adultos) e irmãos (crianças) e profissão exercida pelos adultos e progenitores das crianças.

Deve, ainda, notar-se que existe uma diferença entre o questionário dos adultos e o das crianças. Esta relaciona-se com o tipo de linguagem utilizada e com a própria apresentação das escalas de respostas, de forma a possibilitar uma melhor compreensão dos respectivos conteúdos por parte dos destinatários (ver, pormenores nos Anexos 5 e 6).

5.1.3 – Procedimento

Crianças

Ao ser ministrado o questionário às crianças, no interior da sala de aulas, explicitamos verbalmente os objectivos deste trabalho de investigação, bem como lhes comunicamos a importância do anonimato das respostas. De seguida, explicitamos o modo como foi organizado o questionário, nas suas quatro partes e a forma como deveriam responder às diferentes escalas de respostas, marcando somente uma cruzinha na respectiva resposta escolhida.

Adultos:

A ministragem do questionário, junto dos adultos foi realizada indirectamente, sendo-lhes entregue um envelope fornecido por educadoras e professoras. Anexado, a este instrumento de trabalho, encontrava-se uma pequena carta onde se explicitava os objectivos deste trabalho, bem como a importância do anonimato das respostas. Pedia-se aos sujeitos de devolver o questionário preenchido num envelope fechado.

5.2 – Resultados e discussão

5.2.1 – Dimensões da representação

Como referenciamos no Capítulo 3, em cada parte considerada, os dados brutos fornecidos pelas respostas dos sujeitos aos vários itens, foram submetidos separadamente a análises factoriais em componentes principais.⁽²⁾

Em cada uma dessas análises foi efectuada uma rotação ortogonal varimax, sendo retidos os factores com valor próprio superior a 1.

⁽²⁾ Esta análise difere da realizada por Fortin (1995; Fortin e Lachance, 1996), uma vez que esta autora aplicou uma única análise factorial no conjunto de dados.

Deve-se sublinhar que, embora foram utilizadas duas versões diferentes dos questionários, uma para as crianças e para os adultos, a nossa análise baseia-se, por razões de clareza, na formulação utilizada no questionário dos adultos.

Tolerância para com a violência:

A análise extraiu três factores, que explicam, respectivamente, 33,9%, 15,1% e 13,2% da variância total. Estes factores são apresentados no Quadro 17, juntamente com as médias e o desvio-padrão de cada item.

Quadro 17

Tolerância para com a violência. Solução factorial e médias. (Os valores da média podem variar entre 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente).

Factor 1 – Denegação das crianças			
Pct Var: 33,9	Saturações		
Alpha: .70		Média	Desvio-padrão
As crianças mentem facilmente	.80607	4,46	1,84
As crianças choram muitas vezes sem motivo	.76063	4,39	1,89
Hoje em dia, as crianças não respeitam os pais	.69954	4,05	1,93
As crianças não sabem quando devem parar	.50507	4,28	1,75
Factor 2 – Papel educativo dos pais			
Pct Var: 15,1	Saturações		
Alpha: .69		Média	Desvio-padrão
As crianças precisam que haja autoridade para se sentirem em segurança	.84700	5,63	1,75
As crianças vão-nos agradecer, mais tarde, por termos sido severos com elas	.82117	5,04	1,96
Factor 3 – Valorização da punição física			
Pct Var: 13,2	Saturações		
Alpha: .41		Média	Desvio-padrão
Uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém	.84905	5,61	1,50
Algumas crianças precisam de um raspanete ou um abanão de vez em quando	.60570	5,30	1,50

Os itens fortemente saturados no primeiro factor, ligam-se aos motivos da utilização da autoridade parental, ligados a mitos que denegridem a criança. No segundo factor, encontram-se agrupados itens que traduzem o papel educativo dos pais. Quanto aos itens que saturam o terceiro factor, ligam-se à valorização

da punição física, onde sobressai “uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém”.

Estes três aspectos são agrupados num único factor, designado de Tolerância, nas análises clássicas do MJVE (Fortin, 1995; Fortin e Lachance, 1996).

Pela análise descritiva, observa-se que os itens referentes a mitos que obtêm uma maior concordância junto dos sujeitos, encontram-se no segundo e terceiro factor, com médias superiores a 5. Deste modo, destaca-se no papel educativo a necessidade “que haja autoridade para se sentirem em segurança” (média: 5.63); e, na valorização da punição física, que “uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém” (média: 5.61). Comparativamente, os itens presentes no primeiro factor, apresentam uma posição pouco nítida, onde destacamos algumas das principais causas do denegrirem as crianças: o facto de que “as crianças mentem facilmente” e que “choram muitas vezes sem motivo” (média 4.46 e 4.39, respectivamente).

Atribuição de culpa:

A análise extraiu três factores, que explicam, respectivamente, 39,8%, 9,3% e 8,3%. da variância total. Estes factores são apresentados no Quadro 18, juntamente com as médias e o desvio – padrão de cada item.

Quadro 18

Atribuição de culpa face à ocorrência de actos violentos. Solução factorial e grau de aceitação das explicações na justificação da violência. (As médias variam entre 1 = Totalmente inaceitável e 7 = Totalmente aceitável).

Factor 1 – Causas inerentes às características das crianças			
Pct Var: 39,8	Saturações		
Alpha: .87		Média	Desvio-padrão
A criança é violenta	.82491	3,60	2,20
A criança é desobediente	.65631	4,93	1,87
A criança é irritável	.71389	3,70	2,04
A criança provocou os pais	.65751	4,12	2,05
A criança merece que lhe batam	.63173	3,48	2,13
O pai/a mãe está farto(a) de abusos	.60380	3,58	1,85
A criança é muito difícil de aturar	.50708	4,00	2,11
A criança não compreende a não ser dessa maneira	.55093	3,29	1,80
Factor 2 – Causas inerentes às características dos pais			
Pct Var: 9,3	Saturações		
Alpha: .79		Média	Desvio-padrão
O pai/a mãe tem problemas mentais	.79555	2,63	1,94
O pai/a mãe é bêbedo(a)	.75069	2,15	1,94
O pai/a mãe é violento(a)	.71107	2,39	2,03
O pai/a mãe sofreu maus tratos quando era também criança	.66003	3,34	2,32
Factor 3 – Causas inerentes ao papel parental			
Pct Var: 8,3	Saturações		
Alpha: .66		Média	Desvio-padrão
O pai/a mãe gosta da criança	.77652	4,79	2,45
O pai/ a mãe enervam-se	.63125	3,66	2,03
O pai/a mãe age no interesse da criança	.62029	4,79	2,14
O pai/a mãe não tem outra escolha, senão bater	.39084	2,90	1,85

No primeiro factor, os itens fortemente saturados, evocam explicações relativas às crianças, que ocasionam situações de violência contra elas; enquanto que o segundo factor reúne explicações ligadas às características dos pais; por último o terceiro factor coloca as explicações na relação entre pais e filhos.

Estes três tipos de explicações encontram-se na segunda secção do MJVE (Fortin, 1995). No entanto, na análise global do instrumento, as explicações baseadas nas características das crianças juntam-se às necessidades do papel parental, sendo extraídos apenas duas escalas de atribuição, uma culpabilizando as crianças e outra desresponsabilizando os pais.

Pela análise descritiva, observa-se que em termos gerais os itens que saturam os três factores são considerados como pouco aceitáveis, as médias das respostas dos sujeitos variando entre 2.15 e 4.93. Destacamos, a relativa aceitação da explicação da violência devido ao facto da criança ser desobediente (média: 4.93) ou ter provocado os pais (média: 4.12). Por outro lado, existe também uma certa aceitação da explicação da violência quando os pais agem no interesse da criança (média: 4.79), ou, ainda, quando gostam da criança (média: 4.79).

Concepção de Violência:

A análise extraiu três factores, que explicam, respectivamente, 64,2%, 7,0% e 5,0% da variância total. Estes factores são apresentados no Quadro 19, juntamente com as médias e o desvio-padrão de cada item.

Quadro 19

Concepção da violência. Solução factorial e médias. (Os valores da média podem variar entre 1 = Nada violento e 7 = Extremamente violento).

Factor 1 – Intimidação psicológica			
Pct Var: 64,2	Saturações		
Alpha: .98		Média	Desvio-padrão
Meter medo à criança atirando ou destruindo um objecto	.77609	5,65	1,96
Dizer à criança que gostava de se ver livre dela	.77313	5,68	2,10
Dizer à criança, que lamentam que tenha nascido	.76947	5,50	2,24
Partir, destruir ou deitar fora os brinquedos preferidos da criança	.75835	5,60	2,11
Ameaçar a criança que vão fazer-lhe mal	.72864	5,48	2,03
Proibir à criança todas as actividades que não sejam escolares	.77347	5,35	1,98
Dar beliscões à criança	.79075	5,46	1,94
Criticar à criança em tudo o que ela faz	.73061	5,31	1,92
Dizer à criança que nunca será ninguém na vida	.70249	5,61	2,07
Criticar todos os amigos da criança	.82082	5,11	2,04
Minimizar os sucessos escolares da criança	.76351	5,55	2,02
Dar à criança um sobrenome negativo	.84697	5,15	2,08
Impedir a criança de falar com os vizinhos	.84748	5,04	1,99
Dar ordens à criança a gritar	.51421	5,24	1,67
Factor 2 – Intimidação física			
Pct Var: 7,0	Saturações		
Alpha: .86		Média	Desvio-padrão
Enfurecer-se contra a criança	.87762	4,90	1,98
Dar bofetadas à criança	.84871	4,96	1,93
Abanar ou empurrar a criança	.68270	5,34	1,97
Factor 3 – Denegrir a auto-imagem da criança			
Pct Var: 5,0	Saturações		
Alpha: .57		Média	Desvio-padrão
Dar uma palmada à criança	.83331	5,61	1,50
Proibir sempre a criança de trazer amigos para casa	.67160	4,53	2,19
Rir-se da forma como a criança se apresenta	.66440	4,31	2,23

No primeiro factor, os itens fortemente saturados, ligam-se a comportamentos violentos por parte dos pais com consequências psicológicas, dando-se a denominação a este factor de intimidação psicológica. Encontramos, nestes comportamentos, actos de rejeição (dizer à criança que gostava de se ver livre dela) e de isolamento (proibir à criança todas as actividades que não sejam escolares). O segundo factor relaciona-se a comportamentos violentos dos pais

com consequências físicas para a criança, sendo denominado de intimidação física. Quanto ao terceiro factor resume alguns actos praticados pelos pais que podem denegrir ou prejudicar a criança, na sua relação com o exterior (relacionamento com grupo de pares) e consigo mesma (auto-imagem), que se denomina denegrir a auto-imagem da criança.

Comparando a nossa solução factorial com os resultados obtidos por Fortin (1995) observa-se uma organização totalmente diferente dos items. Com efeito, se a autora obtém também três dimensões da concepção da violência, estas diferenciam três tipos de comportamentos (rejeição, isolamento, intimidação), na nossa análise sobressai uma interpretação da violência sobre as crianças de acordo com o maior ou menor grau de violência. Os sujeitos relacionam comportamentos físicos e psicológicos às suas consequências, o que sugere-nos a utilização da denominação de intimidação já utilizada por aquela autora.

Pela análise descritiva, observa-se que os sujeitos consideram como comportamentos mais violentos os que se reflectem em modalidades de intimidação psicológica. Com efeito, todos os items agrupados no primeiro factor obtém, na avaliação do seu grau de violência, uma média superior a 5. A organização factorial referida, por grau de violência, explica o agrupamento de três manifestações físicas de violência no segundo factor, sendo o terceiro composto de itens de natureza variada, mas considerados como menos violentos, à excepção de "dar uma palmada à criança" (média: 5.61) e "abandar ou empurrar a criança" (média: 5.34) referente ao segundo factor.

Factores possibilitadores de violência:

A análise extraiu quatro factores, que explicam, respectivamente, 37,6%, 9,8%, 8,6% e 8,2% da variância total. Estes factores são apresentados no Quadro 20, juntamente com as médias e o desvio-padrão de cada item.

Quadro 20

Factores possibilitadores de violência. Solução factorial e médias. (Os valores da média podem variar entre 1 = Totalmente improvável e 7 = Totalmente provável).

Factor 1 – Factores pessoais e relacionais			
Pct Var: 37,6	Saturações		
Alpha: .90		Média	Desvio-padrão
O pai/a mãe tiveram uma má educação	.84530	4,69	1,91
O pai/a mãe é agressivo(a)	.83564	4,56	2,13
O pai/a mãe é mau (má)	.83093	4,30	2,33
O pai/a mãe não gosta dos filhos	.78621	3,76	2,31
Os pais são divorciados	.68934	3,59	2,07
O pai e a mãe dão-se mal	.69042	4,33	2,04
Os pais são influenciados pela televisão	.65100	3,48	2,10
O pai/a mãe nunca tiveram família	.41035	3,55	2,08
Factor 2 – Factores circunstanciais			
Pct Var: 9,8	Saturações		
Alpha: .56		Média	Desvio-padrão
O pai/a mãe está cansado(a)	.60408	4,18	1,82
Os pais exigem muito dos filhos	.64436	4,44	1,61
O pai/a mãe sente-se só	.59108	3,63	1,90
Factor 3 – Factores estruturais (externos)			
Pct Var: 8,6	Saturações		
Alpha: .56		Média	Desvio-padrão
A família não tem uma casa com boas condições	.80428	4,49	1,86
Os pais têm horários de trabalho prolongados	.67020	4,61	1,63
Os pais são desempregados	.57401	3,95	2,00
Factor 4 – Pobreza			
Pct Var: 8,2	Saturações		
		Média	Desvio-padrão
A família é pobre	.79335	4,03	1,65

No primeiro factor, os itens fortemente saturados, ligam-se a características pessoais e relacionais dos pais; o segundo factor, reúne itens fortemente saturados que traduzem algumas dificuldades resultantes de acontecimentos pontuais; no terceiro factor, os itens que estão mais fortemente saturados relacionam-se com factores estruturais (modo de vida moderno), possibilitadores da ocorrência de situações de violência sobre as crianças. Finalmente, o quarto

factor é constituído por um único item que evidencia a importância da pobreza, como explicação da ocorrência de violência sobre as crianças.

Pela análise descritiva, observa-se que os sujeitos, em geral, consideram como pouco provável a influência dos diferentes factores na ocorrência de violência sobre as crianças. Destaca-se, contudo, alguns dos itens que pelo valor da média de resposta se apresentam como mais propiciadores dessa realidade. Estão essencialmente relacionados as características dos pais (primeiro factor) tais como: “o pai/a mãe tiveram uma má educação” (média: 4.69) e “o pai/a mãe é agressivo(a)” (média: 4.56), sugerindo que os factores pessoais constituem uma melhor explicação da violência que os factores socio-estruturais.

5.2.2 – Diferenças entre grupos

A consistência interna dos factores sendo satisfatória, como o mostram os valores do Alpha de Cronbach apresentados nos Quadros 17 a 20, construímos treze escalas calculando a média dos itens agrupados pelas análises factoriais.

Conforme o nosso plano experimental, procurou-se evidenciar os efeitos, sobre estas dimensões, do local de residência (bairro social e zona residencial), da pertença sexual (homens e mulheres) e da pertença geracional (adultos e crianças) dos sujeitos. As médias de cada grupo são apresentadas no Quadro 21, juntamente com os resultados da análise da variância destinada a revelar as diferenças significativas.

Quadro 21 – Representação da violência sobre as crianças. Médias por grupos e análise da variância

TOLERÂNCIA:								
	Crianças				Adultos			
	Bairro Social		Zona Residencial		Bairro Social		Zona Residencial	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Denegação das crianças	3.93	5.50	4.80	4.35	4.53	4.53	3.30	3.43
Papel educativo dos pais	6.30	5.90	5.75	5.50	4.40	5.80	3.75	5.25
Valorização da punição física	5.25	5.35	4.80	5.35	5.80	5.60	5.55	5.95
ATRIBUIÇÃO DE CULPA								
Causas inerentes às características das crianças	4.72	5.15	4.26	4.64	2.33	3.39	2.79	3.43
Causas inerentes às características dos pais	3.13	4.22	3.83	3.43	1.83	1.83	1.30	1.45
Causas inerentes ao papel parental	5.03	4.47	4.95	4.47	3.43	4.53	2.73	2.68
CONCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA								
Intimidação psicológica	5.16	5.54	4.88	6.03	3.70	4.80	6.54	6.59
Intimidação física	4.73	4.77	5.47	5.43	3.90	4.10	6.10	6.03
Denegrir auto-imagem da criança	4.50	4.23	3.57	4.93	2.93	3.17	5.33	5.37
FACTORES POSSIBILITADORES DE VIOLÊNCIA								
Factores pessoais e relacionais	3.05	4.84	4.49	4.28	2.40	3.31	5.01	4.89
Factores circunstanciais	4.17	3.47	4.53	4.53	2.57	3.90	4.87	4.60
Factores estruturais (externos)	3.70	4.93	4.63	4.17	3.97	4.37	4.53	4.50
Pobreza	2.70	3.40	4.80	4.30	3.90	4.70	3.60	4.80

Análise da variância

TOLERÂNCIA:	Geração	Sexo	Local	Geração/ Sexo	Geração/ Local	Sexo/ Local	Geração/ Sexo/Local
	F(1,72)	F(1,72)	F(1,72)	F(1,72)	F(1,72)	F(1,72)	F(1,72)
Denegação das crianças	6.61*	1.32	5.701*	0.84	3.54	3.04	3.90
Papel educativo dos pais	10.43**	2.92	2.67	7.20**	0.04	0.04	0.00
Valorização da punição física	4.21*	0.66	0.11	0.19	0.28	1.01	0.02
ATRIBUIÇÃO DE CULPA							
Causas inerentes às características das crianças	43.30***	5.77*	0.21	0.75	2.01	0.21	0.13
Causas inerentes às características dos pais	54.80***	0.60	0.82	0.25	0.52	1.50	2.22
Causas inerentes ao papel parental	25.72***	0.00	5.70*	3.56	5.07*	0.96	1.24
CONCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA							
Intimidação psicológica	0.00	3.71	12.02***	0.07	10.11**	0.04	1.72
Intimidação física	0.03	0.00	14.37***	0.00	3.51	0.05	0.02
Denegrir auto-imagem da criança	0.13	1.32	13.49***	0.49	16.52***	1.45	2.37
FACTORES POSSIBILITADORES DE VIOLÊNCIA							
Factores pessoais e relacionais	0.71	3.69	16.96***	0.41	7.26**	6.11*	0.61
Factores circunstanciais	0.57	0.13	19.05***	3.02	2.38	0.79	5.13*
Factores estruturais (externos)	0.00	0.89	0.52	0.11	0.20	3.16	1.11
Pobreza	1.66	2.49	4.03*	1.66	5.26*	0.33	1.32

* = $p \leq 0.05$

** = $p \leq 0.01$

*** = $p \leq 0.001$

A observação do Quadro 21 revela que a representação da violência sobre as crianças apresenta variações em função do sexo dos respondentes, da geração de pertença e do local onde vivem os inquiridos.

Tolerância para com a violência

No que diz respeito aos mitos que permitem tolerar a violência, pode-se observar um efeito principal da geração dos sujeitos nas três dimensões. Uma comparação das médias das crianças e dos adultos evidencia que as crianças se mostram mais dispostas que os adultos a justificar a violência por causa da “má natureza” das crianças (adultos: 3.94; crianças: 4.64) e da necessidade dos pais de desempenhar o seu papel parental (adultos: 4.80; crianças: 5.86). Pelo contrário, os adultos concordam mais com a utilização da punição física que as crianças (adultos: 5.73; crianças: 5.19).

Para além disso, o efeito principal de local para a denegação das crianças indica que os sujeitos da zona residencial concordam menos que se deve tolerar a violência por causa da natureza das crianças que os do bairro social (zona residencial: 3.97; bairro social: 4.62).

Por fim, a interacção significativa entre a geração e sexo revela que os adultos de sexo masculino rejeitam mais a utilização de comportamentos autoritários por causa do papel educativo dos pais que as crianças de sexo masculino (adultos: 4.08; crianças: 6.03; $t(24,60)=3.71$; $p=.001$) e que os adultos de sexo feminino (5.53; $t(32,68)=2.48$, $p=.018$).

Por outras palavras, as crianças parecem considerar como mais “normal e natural” o recurso à violência sobre as crianças que os adultos, apesar de discordar mais que os adultos com o recurso à punição física; os homens adultos opõem-se particularmente a incluir a violência no papel educativo dos pais e na zona residencial acredita-se menos nos mitos que denigrem as crianças.

Atribuição de culpa

Na atribuição das culpas para a violência exercida sobre as crianças, observa-se também um efeito principal da geração nas três dimensões. As crianças consideram mais aceitáveis que os adultos as explicações que fazem assentar a violência nas características das crianças (adultos: 2.98; crianças: 4.69), ou dos pais (adultos: 1.60; crianças: 3.65), ou, ainda as explicações que atribuem ao papel parental a justificação da violência (adultos: 3.34; crianças: 4.73).

Para além disso, existem efeitos de sexo e de local de residência. O efeito significativo de sexo revela que os sujeitos de sexo feminino se mostram mais prontos a aceitar as explicações da violência que apontam para as características das crianças que os sujeitos de sexo masculino (sexo feminino: 4.15; sexo masculino: 3.53).

O efeito principal de local indica que os sujeitos da zona residencial aceitam menos as explicações baseadas no papel parental que os sujeitos do bairro social (zona residencial: 3.71; bairro social: 4.36). No entanto, a interação significativa entre local e geração revela que os adultos da zona residencial aceitam menos atribuir as culpas pela ocorrência da violência ao papel parental do que os adultos do bairro social (adultos, zona residencial: 2.70; bairro social: 3.98 $t(38)=3.04$, $p=.004$); diferenciando-se também das crianças da zona residencial (4.71, $t(38)=5.52$, $p<.001$).

Resumindo, as crianças mostram-se mais inclinadas a legitimar a violência, considerando mais aceitáveis que os adultos as diferentes explicações propostas. Devido às fracas médias dos adultos, pode-se perguntar se, para os adultos, existem outros tipos de explicações para a ocorrência da violência entre pais e filhos, que não foram consideradas no instrumento de Fortin (1995).

Concepção da violência

No que diz respeito à concepção da violência sobre as crianças, pode-se observar um efeito principal do local de residência em todas as dimensões analisadas. Uma comparação das médias entre a zona residencial e o bairro

social revela que os sujeitos da zona residencial acham mais violentos que os sujeitos do bairro social os diferentes tipos de comportamentos descritos (intimidação psicológica – zona residencial: 6.01; bairro social: 4.80; intimidação física – zona residencial: 5.76; bairro social: 4.37; denegrir auto-imagem da criança – zona residencial: 4.80; bairro social: 3.71).

A interacção significativa entre o local e a geração em duas dimensões (intimidação psicológica e denegrir auto-imagem da criança) indica que as diferenças provêm sobretudo das respostas dos adultos. Com efeito, os adultos da zona residencial consideram a intimidação psicológica mais violenta que as crianças da zona residencial (adultos: 6.56; crianças: 5.45; $t(22,13)=3.57$; $p=.002$) e que os adultos do bairro social (4.25; $t(19,95)=4.21$; $p<.001$). Eles julgam também os actos que denigrem as crianças como mais violentos que as crianças da zona residencial (adultos: 5.35; crianças: 4.25; $t(24,74)=2.92$; $p=.007$) e que os adultos do bairro social (3.05; $t(23,83)=5.65$; $p<.001$). A este respeito pode-se salientar que os adultos do bairro social têm uma posição particular relativamente a estes actos, visto que eles também os consideram menos violentos que as crianças do bairro social (4.37; $t(38)=2.81$; $p=.008$).

Por outras palavras, os residentes do bairro social, e nomeadamente os adultos, destacam-se nas suas respostas, ao considerarem os diferentes actos descritos como menos violentos do que os sujeitos da zona residencial.

Factores possibilitadores da violência

Nos factores possibilitadores de violência, observa-se também um efeito principal do local de residência em quase todas as dimensões. Com efeito, à excepção dos factores socio-estruturais que recolhem consenso, os sujeitos do bairro social consideram como menos provável que os sujeitos da zona residencial que os factores seleccionados possam estar na origem de comportamentos violentos sobre as crianças (factores pessoais e relacionais - zona residencial: 4.67, bairro social: 3.40; factores circunstanciais – zona residencial: 4.63, bairro social: 3.53; pobreza – zona residencial: 4.38, bairro social: 3.68).

A análise das diversas interações significativas evidencia algumas variações nesta tendência geral. Assim, a interação significativa entre o local de residência e a geração revela que os adultos do bairro social negam mais do que os outros sujeitos a probabilidade dos factores pessoais e relacionais possibilitarem a violência (adultos, zona residencial: 4.95, bairro social: 2.86 $t(31,33)= 4.67$ $p<.001$; crianças, bairro social: 3.94 $t(38)= 2.14$ $p=.038$). Para além disso, a interação significativa entre sexo e local indica que os homens do bairro social têm médias significativamente inferiores às dos outros sujeitos (homens, zona residencial: 4.75, bairro social: 2.73 $t(38)= 4.33$ $p<.001$; bairro social, mulheres: 4.08 $t(38)= 2.75$ $p=.009$).

No que respeita aos factores circunstanciais a interação dupla entre local, geração e sexo revela que são também os homens adultos do bairro social que se diferenciam dos outros sujeitos: eles negam mais a importância dos factores circunstanciais do que os homens adultos da zona residencial (homens, adultos, bairro social: 2.57; homens, adultos, zona residencial: 4.87 $t(11,00)= 3.91$, $p=.002$), que as crianças do sexo masculino do bairro social (4.17 $t(18)= 2.48$, $p=.023$) e tendem, ainda, a diferenciar-se das mulheres adultos do bairro social (3.90 $t(18)= 1.91$, $p=.072$).

Por fim, relativamente à pobreza, a interação significativa entre local e geração evidencia que as crianças do bairro social negam mais que os outros sujeitos a importância da pobreza como factor possibilitador de violência. Elas diferenciam-se das crianças da zona residencial (crianças, bairro social: 3.05, zona residencial: 4.55 $t(38)= 3.45$, $p=.001$) e adultos do bairro social 4.30 $t(38)= 2.81$, $p=.008$).

Em suma, para além dos factores socio-estruturais considerados como potenciais factores de violência por todos os inquiridos, os residentes do bairro social diferenciam-se dos sujeitos da zona residencial em todas as outras explicações: os adultos masculinos do bairro social rejeitam, em particular, os factores pessoais, relacionais e circunstanciais como possibilitadores de violência sobre

as crianças, enquanto que as crianças do bairro social negam a importância da pobreza na origem dos comportamentos violentos.

5.2.3 - Análise correlacional entre os factores possibilitadores de violência, e a tolerância, a atribuição de culpa e a concepção de violência:

Na análise das correlações entre os factores possibilitadores da violência e as diferentes dimensões das variáveis em análise (ver Anexo 8), destaca-se a existência de uma associação negativa entre a pobreza e a valorização da punição física ($r(80)=-.26$, $p=.019$). Logo para os sujeitos, quanto mais concordam com o uso da punição física “uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém” e “algumas crianças precisam de um raspanete ou um abanão de vez em quando”, menos atribuem a possibilidade dessa ocorrência estar associada a situações de pobreza. Parece, assim, que o uso da punição física é independente das condições de vida mais empobrecidas.

Por outro lado, os factores pessoais e relacionais apresentam associações moderadas mas significativas com a atribuição da culpa da violência às características das crianças ($r(80)=.33$, $p=.003$) e dos pais ($r(80)=.22$, $p=.046$). Os sujeitos quanto mais consideram os factores pessoais e relacionais responsáveis pela ocorrência de violência entre os pais e os filhos, mais acham aceitável a atribuição da culpa por essa violência, às características das crianças ou dos próprios pais. Também, os factores circunstanciais apresentam uma associação positiva e significativa com a atribuição da culpa às características das crianças ($r(80)=.26$, $p=.019$), o que indica que quanto mais se considera que o facto dos pais exigirem muito dos filhos, estarem cansados e sentirem-se sós pode ocasionar a violência, mais se atribui a culpa às crianças pela ocorrência de dessa violência, funcionando essa associação como uma forma de desculpabilização dos adultos. Quanto aos factores estruturais (externos) apresentam igualmente associações positivas quer com a atribuição da culpa às características das crianças ($r(80)=.23$, $p=.043$) quer dos pais ($r(80)=.24$, $p=.035$). Para os sujeitos, quanto mais se considera que o facto de possuírem-se horários

de trabalho prolongados, casas sem condições e enfrentarem situações de desemprego podem gerar a violência entre os pais e filhos, mais se consideram que os comportamentos de desobediência, entre outros, apresentados pelas crianças e os comportamentos dos pais (p.ex. beber álcool) justificam essa violência.

Logo, os factores pessoais e relacionais e os factores estruturais (externos) estão associados às problemáticas comportamentais das crianças e dos pais (violentos, bêbedos, problemas mentais, entre outros); enquanto que os factores circunstanciais estão mais associados às problemáticas comportamentais das crianças.

Por último, quer os factores pessoais e relacionais quer os factores circunstanciais encontram-se positivamente associados com as diferentes dimensões da violência. Os primeiros apresentam uma covariação significativa ($r(80)=.48$, $p<.001$), com a ocorrência de actos de intimidação psicológica. Estes resultados evidenciam que quanto mais se considera o mau relacionamento entre os pais ou a má educação dos pais (entre outros), como responsáveis pela ocorrência de violência entre pais e filhos mais se considera todos os actos mais violentos. Quanto às factores circunstanciais igualmente se encontram positivamente associados às três dimensões da violência sobre as crianças ($r(80)=.43$, $p<.000$ - intimidação psicológica; $r(80)=.31$, $p=.005$ - intimidação física; $r(80)=.36$, $p=.001$ - denegrir auto-imagem da criança). Logo quanto mais os inquiridos consideram o cansaço, a solidão e as exigências excessivas dos pais como responsáveis pela ocorrência de violência entre pais e filhos mais consideram as diferentes dimensões da violência como violentas.

Verifica-se que os factores pessoais e relacionais, bem como os factores circunstanciais são associados ao grau de violência percebidos entre pais e filhos. Desta forma, uma atribuição mais individual da violência, pode tornar mais visíveis e reconhecidos os actos de violência praticados sobre as crianças, quer sob a forma de intimidação psicológica quer sob a forma física, bem como em repercussões na própria auto-estima e relacionamento da criança com os seus

grupos de pares. É de salientar que tais resultados não foram observados com os factores que apontam para uma justificação exterior da violência.

Entendemos, serem de extrema importância, estas associações evidenciadas por nós, tanto mais que nos deparamos com a problemática da visibilidade sobre esta realidade, que continua a ser um dos grandes desafios a processar e a estimular (ver Capítulo 1).

5.3 - Conclusão

Os resultados mostram que, conforme as nossas expectativas, existem diferenças nas representações sociais da violência sobre as crianças nos diferentes grupos em análise, que podem ser discutidos em relação com as nossas hipóteses:

Influência da pertença geracional

A maior aceitação, por parte das crianças, dos mitos que toleram a violência (à excepção da utilização da punição física), bem como das diferentes causas que legitimam a violência, vai ao encontro da nossa hipótese H2a de que “as crianças apresentam níveis de reconhecimento e de tolerância da violência sobre as crianças superiores aos dos adultos”. Pelo contrário, os adultos concordam mais com a utilização da punição física do que as crianças.

Por outro lado, a nossa hipótese H2b não é confirmada “As crianças apelam mais do que os adultos para explicar a violência a factores relacionais e pessoais”.

Influência do local de residência

A maior aceitação dos mitos que denigrem as crianças por parte dos sujeitos do bairro social confirma a nossa hipótese H3b de que “a tolerância da violência sobre as crianças é superior no bairro social comparativamente à zona residencial”. Contudo, os sujeitos do bairro social também consideram mais aceitável atribuir a culpa ao papel parental, aspecto que não confirma a hipótese H3c de que “no bairro social atribui-se mais responsabilidade às crianças pelo

surgimento da violência sobre estas". Acresce, referir, que dentro do grupo do bairro social, são os adultos que atribuem mais culpas ao papel parental pela ocorrência de violência.

Por outro lado, a maior identificação da violência por parte dos sujeitos da zona residencial, traduz-se no facto de considerem todos os actos apresentados como mais violentos, o que dá apoio à nossa hipótese H3a de que "a identificação da violência sobre as crianças será superior na zona residencial do que no bairro social". Neste aspecto, dentro do grupo da zona residencial, são os adultos que consideram os actos de intimidação psicológica e que denigrem as crianças como mais violentos, contrariamente aos adultos do bairro social, que consideram todos os actos descritos como menos violentos.

Também, os sujeitos do bairro social consideram menos provável que a violência ocorra devido a todos os factores descritos, à excepção dos factores socio-estruturais (externos). Acresce referir que também os adultos, masculinos do bairro social rejeitam mais os factores pessoais e relacionais e circunstanciais como possibilitadores de violência, o que confirma a hipótese H3d de que "no bairro social existe uma menor probabilidade dos factores pessoais e relacionais estarem na base da ocorrência da violência". Para além disto, as crianças do bairro social, negam a importância da pobreza como factor possibilitador da violência.

Influência da pertença sexual

As diferenças entre os dois grupos sexuais são menos numerosas e são observáveis apenas no grupo dos adultos. Verifica-se, assim, que os adultos de sexo feminino aceitam mais a utilização de comportamentos autoritários relacionados com o papel educativo, o que confirma a hipótese H1b de que "os sujeitos de sexo feminino apresentam níveis de tolerância superiores aos dos sujeitos do sexo masculino".

Para além disso, as mulheres consideram também mais aceitáveis do que os homens adultos as explicações da ocorrência da violência entre pais e filhos

devido às características das crianças, dando algum apoio à hipótese de O'Brien (1971, in Gelles, 1987) sobre o maior contacto entre mães e filhos inferir na autoestima e identidade da mãe.

A escassez das diferenças entre as mulheres e os homens vem contra a nossa hipótese de H1a "Os sujeitos do sexo masculino apresentam níveis superiores de identificação da violência sobre as crianças, aos dos sujeitos de sexo feminino" e da hipótese H1c "Os sujeitos de sexo masculino acham mais provável que a violência sobre as crianças se explique por factores estruturais".

Por outro lado, é-nos permitido observar pelas análises correlacionais realizadas, que são predominantemente os factores relacionais e pessoais e os factores estruturais (externos) que se encontram associados às problemáticas comportamentais das crianças e dos pais, enquanto que os factores circunstanciais estão mais associados às características das crianças. Por outro lado, os factores relacionais e pessoais e os circunstanciais estão mais associados às diferentes dimensões da violência.

CONCLUSÕES GERAIS

CONCLUSÕES GERAIS:

A violência familiar tem funcionado como um fenómeno algo obscuro, pouco visível e pouco permeável a abordagens mais científicas. Não se trata de uma resistência em vão, dado que ao longo de décadas, não obstante, a evolução realizada ao nível das diversas produções legislativas, continua enraizada em alguns pensamentos como uma forma aceitável de educação, associada a condições sociais de escassez de recursos como a pobreza, o desemprego, e também como produto do abuso do poder do sexo masculino. Segundo Muncie e McLaughlin (1996), reflecte as desigualdades de poder entre os géneros e as gerações. Por outro lado, mantêm-se, até aos nossos dias, uma grande relutância em abordar a violência como um fenómeno criminológico na vertente familiar, tal como referimos no Capítulo 1.

Desta forma, o objectivo desta investigação consiste em analisar as representações sociais da violência sobre as crianças numa perspectiva psicossocial, enquadrada na teoria das representações sociais, no papel de “ferramenta conceptual”.

Sem dúvida, que ao nível da violência sobre as crianças existem várias explicações de cariz científico, nomeadamente psicopatológica, sociológica e psicossocial. Neste último domínio teórico salientamos a importância da teoria da aprendizagem social defendida por Bandura (1982).

Strauss e colegas (1980), mostram os efeitos da família na violência e agressão, focalizando o stress e o conflito na família, o treino da violência e a existência de normas culturais que legitimam a violência familiar, não a desaprovando. Para além disso, Miller aborda a manutenção de procedimentos educativos em diferentes países europeus associados à “pedagogia negra” (1994).

Neste enquadramento, a investigação prossegue os objectivos delineados na introdução. Procura-se constatar as formas de objectivação das representações sociais das duas gerações (adultos e crianças), dos dois sexos (masculino e feminino) e dos dois locais de residência (bairro social e zona residencial) e

verificar a forma como a sua eventual diversidade é ancorada nas vivências particulares e diferenciadas dos sujeitos, que traduzem as respectivas pertenças grupais.

Os resultados da investigação empírica indicam a existência de um conjunto de crenças socialmente partilhadas em relação à violência sobre as crianças. No entanto, a adesão a estas opiniões é baseada em diferenças oriundas das pertenças grupais que tomam forma em várias dimensões da significação evidenciadas em cada domínio representacional explorado. Assim, emergem representações sociais diversas e plurais acerca da violência sobre as crianças.

A diversidade das representações e sua ancoragem social destacam-se nos estudos preliminares. São as crianças que comparativamente aos adultos, apresentam uma concepção de violência mais abrangente, atribuindo a culpa pela ocorrência de situações de violência a elas próprias, se bem que em situações-limite, tais como: comportamentos violentos, consumo de droga ou crianças com problemáticas de deficiência. Contudo, e apesar dos adultos e das crianças reconhecerem a casa e a família como locais de violência, nomeadamente os filhos como principais vítimas da violência familiar, o núcleo central das representações da violência parece ser composto (pelo maior número de frequências) por factores estruturais (aspectos de cariz societal), contribuindo para uma relação ténue entre a violência familiar e a violência sobre as crianças.

Daí, o justificar-se a utilização do MJVE no estudo principal, possibilitando o estudo da justificação da violência que os pais exercem sobre as crianças.

O estudo principal permite estudar de forma mais sistemática a ancoragem da representação social da violência sobre as crianças nos grupos sociais em análise, evidenciando diferentes apreensões das dimensões da tolerância, da atribuição de culpa, da concepção da violência e dos factores possibilitadores da violência.

Os principais resultados evidenciam por um lado, grandes diferenças entre os adultos e as crianças em todas as dimensões da tolerância da violência e da atribuição da culpa. As crianças, mais do que os adultos, toleram e justificam a violência de que são vítimas.

Por outro lado, o local de residência influencia largamente as concepções da violência, tornando mais violentas, (para os sujeitos da zona residencial) todas as formas de violência sobre as crianças. Neste respeito, pode-se ainda realçar que são, de facto, os adultos dos dois locais de residência que se diferenciam significativamente. Para além disso, o local de residência influencia a percepção dos factores que possibilitam a violência, tornando menos prováveis as explicações em termos pessoais sobretudo para os homens adultos do bairro social.

Contudo, e como referimos, apesar das diferenças entre os dois grupos sexuais serem menos numerosas, são observáveis apenas no grupo dos adultos. O sexo influencia quer a tolerância quer a atribuição de culpa, sendo as mulheres que aceitam mais a utilização de comportamentos autoritários (relacionados com o papel educativo) e atribuem mais a culpa pela ocorrência de violência sobre as crianças, às próprias características destas.

Completa-se, assim, o estudo do processo de ancoragem, sobre este fenómeno, que muito embora não tenha tido a abrangência de um estudo nacional, permite nas realidades-micro analisadas, verificar o quanto é necessário avançar nesta temática, com vista a poderem ser descobertas pistas para uma possível prevenção e subsequente intervenção neste mundo, ainda, tão obscuro. Terminamos, prefaciando a ideia do Astronauta Ardin, "um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade".

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Bandura, A. (1982). *Teoría del Aprendizaje Social*. Madrid: Espasa-Calpe, S.A.
- Doise, W. (1986). Les Représentations Sociales: Définitions d'un Concept. In W. Doise e A. Palmonari (Eds.), *L'Étude des représentations Sociales*. Lausana: Delachaux et Niestlé.
- Doise, W. (1990). Les Représentations Sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet e J. Richard (Eds), *Traité de Psychologie Cognitive*, Vol II. Paris: Dunod.
- Doise, W., Clémence, A, e Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Représentations Sociales et Analyses de Données*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Durkheim, E. (1987). *Suicídio Estudo Sociológico*. 4ª edição. Lisboa: Editorial Presença Lda.
- Durkheim, E. (1956). *Les Règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF.
- Fontinha, A. (1996). Violência Familiar. *Resumos das intervenções da XV Reunião Médico-Legal de Portugal*, Idanha-a-Nova.
- Fortin, A. (1995). Développement d'une Mesure de la Justification de la Violence Envers l'Enfant. *Journal international de Psychologie*, 30 (5), 551-572.
- Fortin, A. e Lachance, L. (1996). Mesure de La Justification de La Violence Envers L'Enfant: Etude de Validation auprès d'une population Québécoise. In *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, nº 31.
- Geen, R.G. (1990). *Human Agression*. Milton Keynes: Open University Press.
- Gelles, J.R. (1987). *Family Violence*. Second Edition. London: Sage Library of social research.
- Groebel, J. e Hinde, R.A. (1993). *Agression and War. Their Biological and Social Bases*. Cambridge: University Press.
- Herlizch, C. (1972). La Représentation Sociale. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la Psychologie Sociale*, Voll, Paris: Larousse.

Hoff, L.A. (1997). *Violência Doméstica. Textos e resumos da intervenção no curso de formação*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Jodelet, D. (1984). *Représentations Sociales: Phénomènes, Concept et Théorie*. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale*. Paris: PUF.

Lourenço, N. e Lisboa, M. (1992). *Representações da Violência*. Percepção social do grau, da frequência, das causas e das medidas para diminuir a violência em Portugal. Lisboa: Edição-Centro de estudos Judiciários.

McCord, J. (1997). *Violence and Chilhood in the Inner City*. Cambridge: University Press.

Miller, A. (1984). *C'Est Pour Ton Bien*. Racines de la Violence dans L'Education de L'Enfant. Editions Aubier.

Moscovici, S. (1976). *La Psycanalise, Son Image et Son Public*. (2ªEd), Paris: PUF.

Moscovici, S. (1981). On Social Representations. J.P. Forgas (Ed.), *Social Cognition: Perspectives in Everyday Understanding*. Londres: Academic Press.

Moscovici, S. (1984). The Phenomenon of Social Representations. R. Farr e S. Moscovici (Ed.), *Social Representations*. Londres: Academic Press.

Moscovici, S., e Hewstone, M. (1984). De la science au sense comum, S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale*, Paris, PUF.

Moscovici, S. (1985). Comment on Potter e Litton. *British Journal of Social Psychology*, 24, 91-92

Monteiro, M. B. (1984). *La Constrution Sociale de La Violence. Aproche Cognitive et Développementale*, Louvain, Université Catholique de Louvain (Tese de Doutoramento).

Mugny, G. e Caragatti, F. (1985). *L'Intelligence au Pluriel. Les Représentations Sociales de L'Intelligence et son Development*. Cousset: Del Val.

Muncie, J. e McLaughlin, E. (1996). *Dangerous Place: The Family as a Sity of Crime* (chap.5). *The Problem of Crime*. London: Sage Publications.

Poeschl, G. (1992). *L'Intelligence: un Concept à la Recherche d'un Sens*. Genève: Thèse de Doctorat de L'Université de Genève.

Santos, P.S. (1996). *Violência Familiar. Resumos das intervenções da XV Reunião Médico-Legal de Portugal*, Idanha-a-Nova.

Straus, M. e Colegas, (1980). *Violence in the Family*. Gelles, J.R.(ed.). *Family Violence*. Second Edition. London: Sage Library of social research.

Straus, M.B. (1990). *Abuse and Vitimization across the Life Span*. Baltimore and London: The Johns Hophins University Press.

Vala, J. (1981). Grupos Sociais e representação social da violência, *Psicologia*, 2, 329-342.

Vala, J. (1984). *La Production Sociale de La Violence – Representation et Comportaments*, Louvain, Université Catholique de Louvain (Tese de Doutoramento).

Vala, J. (1993). Representações Sociais: para uma Psicologia Social do Pensamento Social. J. Vala e M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social*. Lisboa: Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo 1

Escreve, por favor, 10 palavras que te vêm à cabeça, quando pensas em violência sobre as crianças.

- 1.- _____
- 2.- _____
- 3.- _____
- 4.- _____
- 5.- _____
- 6.- _____
- 7.- _____
- 8.- _____
- 9.- _____
- 10.- _____

Sexo:			
Menino <input type="checkbox"/>		Menina <input type="checkbox"/>	
Idade: _____		Habilitações: _____	
Onde vives?: Na Foz – Porto <input type="checkbox"/>			
No bairro da Pasteleira <input type="checkbox"/>			
Tens irmãos?: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se sim, quantos irmãos tens?: _____			
Os teus pais trabalham ?			
A mãe: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se sim, o que faz?: _____	
O pai Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		Se sim, o que faz?: _____	

Anexo 2

Sabendo o que se passa no mundo e na sociedade, pelas histórias de vida que conheces, escreve no máximo de 20 palavras, situações em que consideres que há violência sobre as crianças.

- 1.- _____
- 2.- _____
- 3.- _____
- 4.- _____
- 5.- _____
- 6.- _____
- 7.- _____
- 8.- _____
- 9.- _____
- 10.- _____
- 11.- _____
- 12.- _____
- 13.- _____
- 14.- _____
- 15.- _____
- 16.- _____
- 17.- _____
- 18.- _____
- 19.- _____
- 20.- _____

Sexo:			
Menino <input type="checkbox"/>		Menina <input type="checkbox"/>	
Idade: _____		Habilitações: _____	
Onde vives?: Na Foz – Porto <input type="checkbox"/>		No bairro da Pasteleira <input type="checkbox"/>	
Tens irmãos?: Sim <input type="checkbox"/>		Não <input type="checkbox"/>	Se sim, quantos irmãos tens?: _____
Os teus pais trabalham ?			
A mãe:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Se sim, o que faz?: _____
O pai	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Se sim, o que faz?: _____

Anexo 3

Escreva, por favor, 10 palavras que lhe vêm à mente, quando pensa em violência sobre as crianças.

- 1.- _____
- 2.- _____
- 3.- _____
- 4.- _____
- 5.- _____
- 6.- _____
- 7.- _____
- 8.- _____
- 9.- _____
- 10.- _____

Sexo:	
Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>
Idade: _____	Habilitações: _____
Onde vive?: Na Foz – Porto <input type="checkbox"/>	
No bairro da Pasteleira <input type="checkbox"/>	
Tem filhos?: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Se sim, quantos filhos tem?: _____
Profissão: _____	

Anexo 4

Sabendo o que se passa no mundo e na sociedade, pelas histórias de vida que conhece, enumere no máximo de 20 palavras, situações em que considere que há violência sobre as crianças.

- 1.- _____
- 2.- _____
- 3.- _____
- 4.- _____
- 5.- _____
- 6.- _____
- 7.- _____
- 8.- _____
- 9.- _____
- 10.- _____
- 11.- _____
- 12.- _____
- 13.- _____
- 14.- _____
- 15.- _____
- 16.- _____
- 17.- _____
- 18.- _____
- 19.- _____
- 20.- _____

Sexo:	
Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>
Idade: _____	Habilitações: _____
Onde vive?:	
Na Foz – Porto <input type="checkbox"/>	No bairro da Pasteleira <input type="checkbox"/>
Tem filhos?:	
Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Se sim, quantos filhos tem?: _____
Profissão: _____	

Anexo 5

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

A ideia que se faz dos comportamentos das crianças e dos pais variam de uma pessoa para outra. Gostaríamos de conhecer a tua opinião. Não há nem respostas boas nem respostas más. O que interessa é a tua opinião.

Para cada afirmação, pedimos-te que nos dê a tua opinião, fazendo uma cruz na rodinha que corresponde à tua resposta. É importante que faças, apenas, uma cruz numa das rodinhas de cada frase e que respondas a todas as questões, na ordem em que te são apresentadas.

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

SECÇÃO 1

Escolhemos, 8 frases que os adultos costumam dizer. Diz-nos se concordas ou discordas com cada uma, fazendo uma cruz na rodinha da resposta que escolheste.

Eis a escala de respostas:

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Não Discordo Não Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.-As crianças irão agradecer, mais tarde, aos pais que foram exigentes com elas

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

2.-As crianças precisam de obedecer aos pais para se sentirem seguras

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

3.- Uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

4.-As crianças choram muitas vezes sem motivo

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

5.-Algumas crianças precisam de um raspanete ou um abanão de vez em quando

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

6.-Hoje em dia, as crianças não respeitam os pais

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

7.-As crianças mentem facilmente

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

8.-As crianças não sabem quando devem parar

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:**SECÇÃO 2**

Algumas vezes, os pais batem na criança. Umas vezes os pais têm razão para bater e outras vezes não têm razão. Para cada situação, diz-nos se é correcto ou incorrecto que os pais batam nos filhos, fazendo uma cruz na rodinha que corresponde à tua resposta:

Eis a escala de respostas:

Totalmente incorrecto	Bastante incorrecto	Um pouco incorrecto	Nem incorrecto Nem correcto	Um pouco correcto	Bastante correcto	Totalmente correcto
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9.-A criança é desobediente

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

10.-A criança é muito difícil de aturar

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

11.-Os pais têm problemas mentais (problemas na cabeça)

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

12.-A criança merece que lhe batam

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

13.-Os pais enervam-se

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

14.-A criança provocou os pais

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

15.-Os pais são bêbedos(as)

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

16.-Os pais estão fartos (as) de abusos

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

Eis a escala de respostas:

Totamente incorrecto	Bastante incorrecto	Um pouco incorrecto	Nem incorrecto Nem correcto	Um pouco correcto	Bastante correcto	Totamente correcto
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17.-A criança é violenta

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

18.-A criança não compreende a não ser dessa maneira

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

19.-Os pais agem no interesse da criança

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

20.-A criança é irritável

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

21.-Os pais gostam da criança

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

22.-Os pais sofreram maus tratos quando eram também crianças

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

23.-Os pais não tem outra escolha, senão bater

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

24.-Os pais são violentos

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:**SECÇÃO 3**

Como sabes, os pais tem diferentes maneiras de educar e de dar atenção aos filhos. Em tua opinião são ou não violentos, os seguintes comportamentos que os pais têm para com os filhos. Marca uma cruz na rodinha que corresponde à tua resposta.

Eis a escala de respostas:

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Muito mais violento
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25.-Enfurecer-se contra a criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

26.-Dar bofetadas à criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

27.-Proibir sempre a criança de trazer amigos para casa

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

28.-Rir-se da forma como a criança se apresenta

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

29.-Dar à criança um sobrenome negativo

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

30.-Impedir a criança de falar com os vizinhos

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

31.-Criticar todos os amigos da criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

32.-Dar uma palmada à criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

Eis a escala de respostas:

Nada violento	Muito pouco violento	Muito pouco violento	Mais ou menos violento	Mais ou menos violento	Um pouco violento	Muito violento	Extremamente violento
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

33.-Dizer à criança que gostava de se ver livre dela

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

34.-Abanar ou empurrar a criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

35.-Ameaçar a criança que vão fazer-lhe mal

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

36.-Meter medo à criança atirando ou destruindo um objecto

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

37.-Criticar a criança em tudo o que ela faça

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

38.-Dizer à criança, que lamentam que tenha nascido

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

39.-Dar beliscões à criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

40.-Proibir à criança todas as actividades que não sejam escolares

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

41.-Partir, destruir ou deitar fora os brinquedos preferidos da criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

Eis a escala de respostas:

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremo violento
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

42.-Dizer à criança que nunca será ninguém na vida

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

43.-Dar ordens à criança a gritar

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

44.-Não ligar às boas notas da criança

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:**SECÇÃO 4**

As vezes os pais batem nos filhos, porque têm problemas ou porque há problemas na família. Diz-nos se consideras que é ou não possível que os seguintes problemas levem os pais a bater nos filhos. Marca uma cruz na rodinha que corresponde à tua resposta:

Eis a escala de respostas:

Totalmente impossível	Bastante impossível	Um pouco impossível	Nem impossível Nem possível	Um pouco possível	Bastante possível	Totalmente possível
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

45.- Os pais tiveram uma má educação

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

46.- Os pais estão cansados

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

47.- A família é pobre

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

48.- Os pais nunca tiveram família

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

49.- O pai e a mãe dão-se mal

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

50.- Os pais imitam o que vê na televisão

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

51.- Os pais são agressivos

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

Eis a escala de respostas:

Totalmente impossível	Bastante impossível	Um pouco impossível	Nem impossível Nem possível	Um pouco possível	Bastante possível	possível
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

52.- Os pais sentem-se sós

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

53.- A família não tem uma casa com boas condições

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

54.- Os pais exigem muito dos filhos

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

55.- Os pais não gostam dos filhos

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

56.- Os pais têm horários de trabalho prolongados

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

57.- Os pais são maus

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

58.- Os pais são divorciados

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

59.- Os pais são desempregados

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Obrigada, pela tua colaboração!

DADOS SOCIO DEMOGRÁFICOS:

Sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: _____

Local onde vives: _____

Ano escolar que frequentas: _____

Situação profissional dos teus pais:

O pai tem trabalho: Sim ☐ Não ☐A mãe tem trabalho: Sim ☐ Não ☐

O pai trabalha: O que faz? _____

A mãe trabalha: O que faz? _____

Tens irmãos ou irmãs: Sim ☐ Não ☐

Se sim, quantos são: _____

Anexo 6

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

A ideia que se faz dos comportamentos das crianças e dos pais variam de uma pessoa para outra. Gostaríamos de conhecer o seu ponto de vista como pai ou mãe. Não há nem respostas boas nem respostas más. O que interessa é a sua opinião pessoal.

Para cada afirmação, pedimos-lhe que nos dê a sua opinião, marcando com um círculo o número que corresponderá à sua resposta. É importante que marque apenas um círculo em cada frase apresentada, e que responda a todas as questões, na ordem em que são apresentadas.

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

SECÇÃO 1

Nesta secção, apresentamos diferentes afirmações que se ouvem acerca das crianças e dos pais. Pedimos que nos dê a sua opinião sobre cada frase.

Como pai ou mãe, até que ponto concorda ou discorda com cada afirmação?

(Marque um círculo no número que corresponde à sua opinião).

Eis a escala de resposta:

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

1.- As crianças vão-nos agradecer,
mais tarde, por termos sido severos
com elas

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

2.- As crianças precisam que haja
autoridade para se sentirem
em segurança

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

3.- Uma palmada no rabo,
nunca fez mal a ninguém

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

4.- As crianças choram muitas vezes
sem motivo

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

5.- Algumas crianças precisam de um
raspanete ou um abanão de vez em quando

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

6.- Hoje em dia, as crianças não
respeitam os pais

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

7.- As crianças mentem facilmente

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

8.- As crianças não sabem quando
devem parar

Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo um pouco	Nem Discordo nem Concordo	Concordo um pouco	Concordo bastante	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

SECÇÃO 2

Nesta secção, vamos apresentar-lhe uma situação e as razões que a podiam explicar. Vamos perguntar a sua opinião sobre cada uma dessas razões.

Esta é a situação: Um dos pais bate no(a) seu (sua) filho (a).

Pode haver muitas razões para explicar esta situação.

Como pai ou mãe, até que ponto julga aceitável ou inaceitável cada razão apresentada para explicar esta situação?

(Marque um círculo no número que corresponde à sua opinião).

Eis a escala de resposta:

Como pai ou mãe a razão apresentada é:

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

9.- A criança é desobediente

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

10.- A criança é muito difícil de aturar

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

11.- O pai/a mãe tem problemas mentais

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

12.- A criança merece que lhe batam

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

13.- O pai/a mãe enervam-se

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

14.- A criança provocou os pais

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

15.- O pai/a mãe é bêbedo(a)

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

16.- O pai/a mãe
está farto(a) de abusos

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

17.- A criança é violenta

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

18.- A criança não compreende
a não ser dessa maneira

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

19.- O pai/a mãe age
no interesse da criança

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

20.- A criança é irritável

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

21.- O pai/a mãe gosta
da criança

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

22.- O pai/a mãe sofreu
maus tratos quando era também
criança

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

23.- O pai/a mãe não tem outra
escolha, senão bater

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

24.- O pai/a mãe é
violento(a)

Totalmente inaceitável	Bastante inaceitável	Um pouco inaceitável	Nem inaceitável Nem aceitável	Um pouco aceitável	Bastante aceitável	Totalmente aceitável
1	2	3	4	5	6	7

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

SECÇÃO 3

Na relação entre os pais e os filhos, podemos observar diferentes formas de agir e diferentes maneiras de educar uma criança.

Nesta secção, pedimos a sua opinião sobre o que considera como um comportamento violento para com as crianças.

Enquanto pai ou mãe, até que ponto julga que cada um dos comportamentos apresentados é ou não um comportamento violento para com uma criança?

(Marque um círculo no número que corresponde à sua opinião)

Eis a escala de respostas:

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	---------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

25.- Enfurecer-se contra a criança

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

26.- Dar bofetadas à criança

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

27.- Proibir sempre a criança
de trazer amigos para casa

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

28.- Rir-se da forma como a criança
se apresenta

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

29.- Dar à criança um sobrenome
negativo

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

30.- Impedir a criança de falar
com os vizinhos

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

31.- Criticar todos os amigos
da criança

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

32.- Dar uma palmada
à criança

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

33.- Dizer à criança que gostava
de se ver livre dela

Nada violento 1	Muito pouco violento 2	Não muito violento 3	Mais ou menos violento 4	Um tanto violento 5	Muito violento 6	Extremamente violento 7
-----------------------	------------------------------	----------------------------	--------------------------------	---------------------------	------------------------	-------------------------------

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

34.- Abanar ou empurrar a criança

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

35.- Ameaçar a criança que
vão fazer-lhe mal

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

36.- Meter medo à criança
atirando ou destruindo
um objecto

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

37.- Criticar a criança em tudo
o que ela faz

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

38.- Dizer à criança, que
lamentam que tenha
nascido

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

39.- Dar beliscões à criança

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

40.- Proibir à criança
todas as actividades
que não sejam escolares

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

41.- Partir, destruir ou deitar
fora os brinquedos
preferidos da criança

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

42.- Dizer à criança que nunca
será ninguém na vida

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

43.- Dar ordens à criança a gritar

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

44.- Minimizar os sucessos escolares
da criança

Nada violento	Muito pouco violento	Não muito violento	Mais ou menos violento	Um tanto violento	Muito violento	Extremamente violento
1	2	3	4	5	6	7

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

SECÇÃO 4

As vezes os pais batem nos filhos porque têm problemas ou porque há problemas na família. Diga-nos se considera provável ou improvável que os seguintes problemas levem os pais a baterem nos filhos.

(Marque um círculo no número que corresponde à sua opinião)

Eis a Escala:

Totalmente improvável	Bastante improvável	Nem improvável nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6

45.- O pai/a mãe tiveram
uma má educação

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

46.- O pai/a mãe está cansado(a)

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

47.- A família é pobre

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

48.- O pai/a mãe nunca tiveram família

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

49.- O pai e a mãe dão-se mal

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

50.- Os pais são influenciados pela
televisão

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

51.- O pai e a mãe é agressivo(a)

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

52.- O pai/a mãe sente-se só

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

53.- A família não tem uma casa com
boas condições

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES:

54.- Os pais exigem muito dos filhos

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

55.- O pai/a mãe não gosta dos filhos

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

56.- Os pais têm horários de trabalho
prolongados

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

57.- O pai/a mãe é mau (má)

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

58.- Os pais são divorciados

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

59.- Os pais são desempregados

Totalmente improvável	Bastante improvável	Um pouco improvável	Nem improvável Nem provável	Um pouco provável	Bastante provável	Totalmente provável
1	2	3	4	5	6	7

Obrigada, pela sua colaboração!

DADOS SOCIO DEMOGRÁFICOS:

Sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: _____

local de residência: _____

Habilitações:

1ª classe ☐ 2ª classe ☐ 3ª classe ☐ 4ª classe ☐5º ano ☐ 6º ano ☐7º ano ☐ 8º ano ☐ 9º ano ☐ 10º ano ☐11º ano ☐ 12º ano ☐

Frequência universitária: ano _____ curso: _____

Licenciado(a): _____ curso: _____

Outras habilitações: Qual(is) _____

Situação profissional:

Desempregado(a) _____

Doméstica _____

Trabalhador(a): _____

Qual a profissão: _____

Estado civil: _____

Número de filhos: _____

Anexo 7 - 1.º Estímulo - Concepção de violência sobre as crianças Critério 10% do efectivo total ou por grupo

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
1	bater	37	19	18	1	36	18	19
2	fome	33	16	17	12	21	13	20
3	matar	29	14	15	0	29	12	17
4	usar droga	27	15	12	14	13	16	11
5	morte	25	10	15	1	24	8	17
6	pobreza	24	15	9	10	14	5	19
7	doenças	23	10	13	0	23	4	19
8	violar	23	12	11	8	15	13	10
9	abandonar	22	12	10	8	14	10	12
10	guerra	22	9	13	0	22	5	17
11	falta de educação	22	11	11	8	14	13	9
12	maltratar	20	8	12	8	12	14	6
13	tristeza	17	9	8	5	12	4	13
14	falta de comida	16	10	6	1	15	2	14
15	filhos	16	8	8	0	16	10	6
16	raptar	15	10	5	0	15	10	5
17	falta de referência familiar	15	7	8	0	15	1	14
18	lutar	14	9	5	0	14	7	7
19	violência	14	7	7	3	11	8	6
20	agressividade	13	10	3	7	6	7	6
21	abusar sexualmente	13	6	7	4	9	9	4
22	falta de amor	13	5	8	7	6	5	8
23	não dar medicamentos	13	8	5	0	13	3	10
24	negligenciar	13	5	8	1	12	5	8
25	crianças violentas	12	8	4	1	11	5	7
26	espancar	12	4	8	1	11	4	8
27	frio	12	5	7	1	11	3	9
28	falta de dinheiro	11	7	4	0	11	1	10
29	maldade	11	6	5	2	9	4	7
30	medo	11	5	6	8	3	3	8
31	dar pontapés	11	7	4	0	11	6	5
32	falta de habitação	11	4	7	0	11	1	10
33	alcoolismo	10	7	3	9	1	5	5
34	chorar	10	4	6	4	6	4	6
35	dor	10	1	9	7	3	3	7
36	falta de roupas	10	6	4	0	10	0	10
37	rejeitar	10	4	6	4	6	6	4
38	roubar	10	8	2	0	10	3	7
39	sida	10	2	8	0	10	6	4
40	dar socos	10	8	2	0	10	5	5
41	t.v.	10	6	4	9	1	3	7
42	pais agressivos	9	5	4	4	5	4	5
43	crime	9	3	6	7	2	2	7
44	magoar	9	5	4	0	9	3	6
45	obrigar a trabalhar	9	3	6	7	2	7	2
46	existir mau relacionamento entre os pais	8	4	4	6	2	2	6
47	não dar comida	8	1	7	0	8	5	3
48	dar porrada	8	7	1	1	7	8	0
49	prisão	8	2	6	5	3	3	5
50	prostituição	8	4	4	8	0	7	1
51	traumas	8	4	4	8	0	4	4
52	pobres	8	3	5	0	8	2	6

Anexo 7 - 1.º Estímulo - Concepção de violência sobre as crianças Critério 10% do efectivo total ou por grupo (continuação)

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMEENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
53	armas	7	5	2	0	7	3	4
54	casa	7	2	5	3	4	6	1
55	castigar	7	2	5	3	4	5	2
56	esfaquear	7	6	1	0	7	1	6
57	falta de brinquedos	7	5	2	0	7	0	7
58	perda dos pais	7	1	6	0	7	0	7
59	sofrimento	7	2	5	3	4	1	6
60	falta de informação	6	2	4	6	0	2	4
61	miséria	6	3	3	6	0	4	2
62	ameaçar	6	5	1	2	4	2	4
63	exigir muito dos filhos	6	4	2	3	3	2	4
64	desemprego	6	5	1	2	4	1	5
65	destruir	6	3	3	0	6	1	5
66	fazer diferenças entre os filhos	6	3	3	0	6	0	6
67	empurrar	6	1	5	1	5	3	3
68	família	6	2	4	5	1	3	3
69	instinto	6	5	1	4	2	3	3
70	mentir	6	1	5	0	6	0	6
71	minas	6	3	3	0	6	1	5
72	riqueza	6	2	4	5	1	1	5
73	solidão	6	4	2	4	2	2	4
74	tolerância	6	3	3	6	0	0	6
75	áfrica	5	5	0	1	4	0	5
76	estupidez	5	3	2	4	1	2	3
77	frustração	5	2	3	5	0	3	2
78	horror	5	2	3	4	1	0	5
79	ódio	5	2	3	4	1	3	2
80	perigo	5	3	2	0	5	3	2
81	revolta	5	2	3	5	0	0	5
82	torturar	5	3	2	1	4	1	4
83	falta de cultura	4	2	2	4	0	4	0
84	dar estaladas	4	2	2	0	4	1	3
85	não dar atenção	4	2	2	4	0	0	4
86	insegurança	4	3	1	3	1	0	4
87	mão	4	2	2	0	4	2	2
88	marcas	4	0	4	3	1	0	4
89	não amar Deus	4	0	4	0	4	0	4
90	não ter esperança	4	0	4	0	4	0	4
91	não rezar	4	0	4	0	4	0	4
92	não ter amigos	4	0	4	0	4	0	4
93	partir	4	2	2	0	4	1	3
94	crianças rebeldes	4	3	1	4	0	1	3
95	sêde	4	1	3	0	4	1	3
96	silêncio	4	1	3	4	0	1	3
97	stress	4	1	3	4	0	1	3

Anexo 7 - 2.º Estímulo - Situações de violência sobre as crianças Critério 10% do efectivo total ou por grupo

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMEIS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
1	abandonar	39	17	22	12	27	16	23
2	raptar	33	19	14	2	31	11	22
3	bater	33	18	15	3	30	21	12
4	matar	32	18	14	0	32	15	17
5	abusar sexualmente	31	13	18	10	21	15	16
6	violar	31	17	14	6	25	18	13
7	usar droga	30	14	16	15	15	11	19
8	guerra	29	14	15	12	17	7	22
9	roubar	29	18	11	0	29	17	12
10	magoar	27	15	12	2	25	11	16
11	fome	25	13	12	9	16	8	17
12	crianças violentas	25	15	10	1	24	7	18
13	falta de educação	25	12	13	8	17	17	8
14	filhos	25	16	9	4	21	14	11
15	crianças sem culpa	24	1	23	10	14	11	13
16	crianças a consumir droga	24	13	11	3	21	9	15
17	lutar	24	11	13	0	24	10	14
18	mentir	24	11	13	0	24	4	20
19	t.v.	24	14	10	13	11	10	14
20	exigir muito dos filhos	22	10	12	13	9	9	13
21	pobreza	22	10	12	15	7	8	14
22	morte	22	15	7	1	21	9	13
23	falta de referência familiar	22	10	12	7	15	3	19
24	solidão	22	10	12	10	12	7	15
25	violência	21	10	11	4	17	10	11
26	armas	21	14	7	0	21	8	13
27	existir mau relacionamento entre os pais	21	10	11	16	5	8	13
28	falta de comida	20	12	8	2	18	4	16
29	divórcio	20	11	9	19	1	4	16
30	horário de trabalho	20	14	6	19	1	8	12
31	crianças assassinadas	19	10	9	0	19	1	18
32	casa	19	7	12	5	14	4	15
33	escola	19	11	8	15	4	12	7
34	família	18	8	10	14	4	8	10
35	rejeitar	18	9	9	6	12	9	9
36	afogar	17	9	8	0	17	4	13
37	pedofilia	17	8	9	12	5	5	12
38	prostituição	17	9	8	16	1	8	9
39	sida	17	7	10	0	17	8	9
40	dar socos	17	11	6	0	17	5	12
41	obrigar a trabalhar	17	7	10	17	0	7	10
42	crianças deficientes	16	5	11	3	13	2	14
43	empurrar	16	10	6	0	16	2	14
44	esfaquear	16	13	3	0	16	7	9
45	dar pontapés	16	11	5	0	16	2	14
46	indiferença	15	5	10	8	7	6	9
47	minas	15	11	4	3	12	2	13
48	queimar	15	10	5	0	15	8	7
49	falta de estudos	15	7	8	2	13	3	12
50	atropelar	14	10	4	0	14	6	8
51	fazer diferenças entre os filhos	14	3	11	7	7	0	14
52	maldade	14	4	10	0	14	7	7
53	fazer rasteira	14	8	6	0	14	1	13
54	ter droga	13	10	3	6	7	10	3
55	falta de dinheiro	13	6	7	3	10	3	10
56	cair	13	11	2	0	13	2	11
57	doenças	13	7	6	1	12	3	10
58	falta de roupa	13	9	4	0	13	1	12
59	falta de habitação	13	8	5	2	11	1	12
60	maltratar	12	4	8	6	6	6	6
61	acidentes	12	7	5	0	12	5	7
62	armadilhas	12	7	5	0	12	0	12
63	bombas	12	6	6	0	12	2	10
64	não dar atenção	12	8	4	10	2	3	9
65	filmes	12	9	3	6	6	2	10
66	ladrão	12	6	6	0	12	5	7
67	falta de tempo	12	3	9	5	7	6	6
68	dar porrada	12	10	2	0	12	9	3
69	silêncio	12	0	12	11	1	7	5
70	stress	12	6	6	12	0	1	11
71	excessos	11	1	10	8	3	6	5
72	assaltar	11	7	4	1	10	9	2
73	cortar	11	6	5	0	11	3	8
74	espancar	11	5	6	2	9	6	5
75	falta de amor	11	5	6	6	5	4	7
76	injectar	11	10	1	0	11	10	1

Anexo 7 - 2.º Estímulo - Situações de violência sobre as crianças Critério 10% do efectivo total ou por grupo (continuação)

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
77	não ir à escola	11	5	6	2	9	4	7
78	rua	11	1	10	5	6	6	5
79	dar um tiro	11	8	3	0	11	1	10
80	pais matam filhos	10	7	3	0	10	5	5
81	aborto	10	0	10	6	4	1	9
82	ameaçar	10	3	7	3	7	2	8
83	dar cabeçadas	10	5	5	0	10	2	8
84	obrigar a mendigar	10	4	6	6	4	7	3
85	culpar	10	0	10	0	10	0	10
86	programas infantis	10	4	6	6	4	0	10
87	tolerância	10	6	4	10	0	0	10
88	tristeza	10	5	5	0	10	4	6
89	prender em casa	9	1	8	2	7	6	3
90	alcoolismo	9	3	6	8	1	3	6
91	falta de tempo	9	4	5	9	0	1	8
92	gritar	9	1	8	0	9	3	6
93	negligenciar	9	4	5	2	7	4	5
94	não dar comida	9	2	7	0	9	4	5
95	torturar	9	6	3	1	8	1	8
96	bébé	8	2	6	0	8	0	8
97	cataclismos da natureza	8	7	1	1	7	0	8
98	crime	8	3	5	3	5	2	6
99	envenenar	8	5	3	0	8	0	8
100	dar estaladas	8	5	3	0	8	1	7
101	expulsar	8	3	5	0	8	4	4
102	falta de diálogo	8	1	7	8	0	2	6
103	instinto	8	2	6	0	8	4	4
104	janela	8	4	4	0	8	1	7
105	medo	8	1	7	6	2	5	3
106	falta de brinquedos	8	3	5	0	8	4	4
107	pedras	8	7	1	0	8	3	5
108	tráfico de menores	8	5	3	5	3	5	3
109	riqueza	7	6	1	6	1	0	7
110	experiências violentas	7	1	6	6	1	4	3
111	amas	7	6	1	5	2	0	7
112	chicote	7	5	2	0	7	4	3
113	gravidez	7	1	6	0	7	6	1
114	irresponsabilidade	7	0	7	7	0	3	4
115	não ajudar	7	2	5	1	6	4	3
116	não deixar brincar	7	2	5	0	7	6	1
117	pau	7	7	0	0	7	7	0
118	suicídio	7	4	3	0	7	0	7
119	pais alcoólicos	6	5	1	5	1	5	1
120	pais agressivos	6	3	3	3	3	1	5
121	apalpar	6	6	0	0	6	6	0
122	desemprego	6	4	2	4	2	1	5
123	desvio	6	6	0	6	0	0	6
124	exclusão social	6	4	2	6	0	1	5
125	frio	6	3	3	0	6	0	6
126	fumar	6	3	3	0	6	4	2
127	terem as crianças insucesso	6	0	6	6	0	0	6
128	não ter amigos	6	3	3	0	6	0	6
129	polícia	6	4	2	0	6	0	6
130	problemas mentais	6	0	6	4	2	1	5
131	sêde	6	5	1	0	6	0	6
132	violência psicológica	6	3	3	6	0	4	2
133	violência verbal	6	4	2	4	2	5	1
134	pobres	6	2	4	0	6	2	4
135	dinheiro	5	4	1	1	4	5	0
136	atirar	5	3	2	0	5	0	5
137	carros	5	4	1	0	5	2	3
138	chorar	5	5	0	0	5	5	0
139	conflitos	5	2	3	3	2	4	1
140	criança desobediente	5	1	4	2	3	2	3
141	destruir	5	3	2	1	4	3	2
142	entregar filhos	5	1	4	0	5	4	1
143	ferro	5	5	0	0	5	2	3
144	fugir	5	2	3	0	5	0	5
145	incesto	5	4	1	5	0	0	5
146	insegurança	5	4	1	5	0	0	5
147	falta de higiene	5	2	3	4	1	2	3
148	monstros	5	3	2	0	5	0	5
149	perda dos pais	5	0	5	1	4	0	5
150	perigo	5	2	3	0	5	2	3
151	racismo	5	5	0	2	3	1	4

Anexo 7 - 2.º Estímulo - Situações de violência sobre as crianças Critério 10% do efectivo total ou por grupo (continuação)

NÚMERO	PALAVRAS	FREQUÊNCIAS	HOMENS	MULHERES	ADULTOS	CRIANÇAS	BAIRO SOCIAL	ZONA RESIDENCIAL
152	poderes	4	3	1	0	4	0	4
153	pais batem nas crianças	4	1	3	0	4	2	2
154	existir maus tratos sobre os filhos	4	2	2	4	0	0	4
155	arrancar cabelos	4	3	1	0	4	1	3
156	bairros	4	3	1	4	0	3	1
157	braços	4	2	2	0	4	1	3
158	cegar	4	3	1	0	4	3	1
159	dor	4	4	0	0	4	0	4
160	enforçar	4	3	1	0	4	0	4
161	esganar	4	4	0	0	4	0	4
162	falta de inteligência	4	0	4	0	4	0	4
163	feio	4	1	3	0	4	1	3
164	gozar	4	2	2	0	4	3	1
165	horário escolar	4	2	2	4	0	0	4
166	impotência	4	4	0	4	0	1	3
167	incompreensão	4	1	3	4	0	0	4
168	mão	4	4	0	0	4	4	0
169	morder	4	4	0	0	4	1	3
170	existir mau relacionamento familiar	4	0	4	4	0	4	0
171	prisão	4	1	3	0	4	1	3
172	sofrimento	4	4	0	1	3	1	3
173	violência física	4	2	2	4	0	3	1

Quadro 23 - Anexo 8

Correlação r de Pearson entre os factores possibilitadores da violência e as dimensões do MJVE. Média geral das dimensões

4.ª Secção		1.ª Secção		
Variáveis/escalas		Variáveis/escalas		
Factores pessoais e relacionais	Média: 4.03	Denegação das crianças	Papel educativo dos pais	Valorização da punição física
		Média: 4.29	Média: 5.33	Média: 5.46
		Correlação: .14	Correlação: .02	Correlação: -.05
Factores circunstanciais	Média: 4.08			
		Média: 4.29	Média: 5.33	Média: 5.46
		Correlação: .06	Correlação: -.08	Correlação: -.14
Factores estruturais (externos)	Média: 4.35			
		Média: 4.29	Média: 5.33	Média: 5.46
		Correlação: .01	Correlação: .73	Correlação: -.08
Pobreza	Média: 4.0250			
		Média: 4.29	Média: 5.33	Média: 5.46
		Correlação: -.17	Correlação: -.01	Correlação: -.26*

Correlação de r de Pearson entre os factores possibilitadores da violência e as dimensões do MJVE. Média geral das dimensões

4.ª Secção		2.ª Secção			
Variáveis/escalas		Variáveis/escalas			
Factores pessoais e relacionais	Média: 4.03	Causas inerentes às características das crianças	Causas inerentes às características dos pais	Causas inerentes ao papel parental	
		Média: 3.84	Média: 2.63	Média: 4.03	
		Correlação: .33**	Correlação: .22*	Correlação: -.12	
Factores circunstanciais	Média: 4.08				
		Média: 3.84	Média: 2.63	Média: 4.03	
		Correlação: .26*	Correlação: .15	Correlação: -.02	
Factores estruturais (externos)	Média: 4.35				
		Média: 3.84	Média: 2.63	Média: 4.03	
		Correlação: .23*	Correlação: .24*	Correlação: .16	
Pobreza	Média: 4.03				
		Média: 3.84	Média: 2.63	Média: 4.03	
		Correlação: .05	Correlação: .06	Correlação: .17	

* = p < 0.05

** = p < 0.01

*** = p < 0.001

Quadro 23 - Anexo 8 (continuação)

Correlação de r de Pearson entre os factores possibilitadores da violência e as dimensões do MJVE. Média geral das dimensões

4ª Secção		3ª Secção		
Variáveis/escalas		Variáveis/escalas		
Factores pessoais e relacionais	Intimidação Psicológica	Intimidação Física	Denegrir a auto-imagem da criança	
	Média: 5.40	Média: 5.07	Média: 4.25	
	Correlação: .48***	Correlação: .40***	Correlação: .40***	
Factores circunstanciais				
	Média: 5.40	Média: 5.07	Média: 4.25	
	Correlação: .43***	Correlação: .31**	Correlação: .36***	
Factores estruturais (externos)				
	Média: 5.40	Média: 5.07	Média: 4.25	
	Correlação: .13	Correlação: .11	Correlação: .04	
Pobreza				
	Média: 5.41	Média: 5.07	Média: 4.25	
	Correlação: .02	Correlação: .10	Correlação: -.06	
* = p < 0.05		** = p < 0.01		*** = p < 0.001

Variáveis	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	N.º Sujeitos	Rótulo da Variável
Estado civil	1.49	.50	1	2	80	Estado civil dos sujeitos
Geração	1.50	.50	1	2	80	Geração
Local de residência	1.50	.50	1	2	80	Local de residência dos sujeitos
Sexo	1.50	.50	1	2	80	Sexo dos sujeitos
Habilitações	2.54	2.13	1	8	80	Habilitações
N.º de filhos	2.78	1.57	0	8	80	N.º de filhos na família
Idade	23.89	14.76	9	51	80	Idade dos sujeitos
Profissão masculina	30.42	10.10	11	52	55	Profissão Masculina
Profissão feminina	37.24	12.33	21	63	58	Profissão Feminina

N.º de Observações válidas (listwise): 80						
Variáveis	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	N.º Sujeitos	Rótulo da Variável
Bêbedos	2.15	1.94	1	7	80	O pai/a mãe é bêbedo(s)
Pais violentos	2.39	2.03	1	7	80	O pai/a mãe é violento (a)
Problemas mentais	2.62	1.94	1	7	80	O pais têm problemas mentais
Bater	2.90	1.85	1	7	80	O pai/a mãe não tem outra escolha, senão bater
Não compreendem	3.29	1.80	1	7	80	A criança não compreende a não ser dessa maneira
Maus tratos	3.34	2.32	1	7	80	O pai/a mãe sofreu maus tratos quando era também criança
Merceu que lhe batessem	3.47	2.13	1	7	80	A criança merece que lhe batam
Imitar	3.48	2.10	1	7	80	Os pais são influenciados pela televisão
Abusos	3.58	1.85	1	7	80	O pai/a mãe está farto (a) de abusos
Sem referencia familiar	3.55	2.08	1	7	80	O pai/a mãe nunca tiveram família
Divórcio	3.59	2.07	1	7	80	Os pais são divorciados
Violenta	3.60	2.20	1	7	80	A criança é violenta
Solidão	3.63	1.90	1	7	80	O pai/a mãe sente-se só
Enervar	3.66	2.03	1	7	80	Os pais enervam-se
Irritável	3.70	2.04	1	7	80	A criança é irritável
Não gostar da criança	3.77	2.31	1	7	80	O pai/a mãe não gosta dos filhos
Dar palmada	3.92	1.80	1	7	80	Dar uma palmada à criança
Difícil de aturar	4.00	2.11	1	7	80	A criança é muito difícil de aturar
Desemprego	3.95	1.99	1	7	80	Os pais são desempregados
Pobre	4.03	1.65	1	7	80	A família é pobre
Não respeitam os pais	4.05	1.93	1	7	80	Hoje em dia, as crianças não respeitam os pais
Provocou	4.14	2.05	1	7	80	A criança provocou os pais
Pais maus	4.30	2.33	1	7	80	O pai/a mãe é mau (má)
Cansado	4.18	1.82	1	7	80	O pai/a mãe está cansado(a)

Anexo 9 (continuação)

Médias e desvio-padrão de todas as variáveis

N.º de Observações válidas (listwise): 80

Variáveis	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	N.º Sujeitos	Rótulo da Variável
Não sabem parar	4.27	1.75	1	7	80	As crianças não sabem quando devem parar
Pais dão-se mal	4.33	2.04	1	7	80	O pai e a mãe dão-se mal
Rir da apresentação	4.31	2.23	1	7	80	Rir-se da forma como a criança se apresenta
Choram	4.39	1.89	1	7	80	As crianças choram muitas vezes sem motivo
Mentem	4.46	1.84	1	7	80	As crianças mentem facilmente
Exigir muito dos filhos	4.44	1.61	1	7	80	Os pais exigem muito dos filhos
Casa sem condições	4.49	1.86	1	7	80	A família não tem uma casa com boas condições
Proibir	4.53	2.19	1	7	80	Proibir sempre a criança de trazer amigos para casa
Agressividade	4.56	2.13	1	7	80	O pai e a mãe é agressivo(a)
Horário de trabalho	4.61	1.63	1	7	80	Os pais têm horários de trabalho prolongados
Gostar da criança	4.79	2.45	1	7	80	O pai/a mãe gosta da criança
Má educação	4.69	1.91	1	7	80	O pai/a mãe tiveram uma má educação
Interesse	4.79	2.14	1	7	80	O pai/a mãe age no interesse da criança
Enfurecer	4.90	1.98	1	7	80	Enfurecer-se contra a criança
Desobediente	4.93	1.87	1	7	80	A criança é desobediente
Bofetada	4.96	1.93	1	7	80	Dar bofetadas à criança
Agradecer	5.04	1.96	1	7	80	As crianças vão-nos agradecer, mais tarde, o termos sido severos com elas
Impedir	5.04	1.99	1	7	80	Impedir a criança de falar com os vizinhos
Criticar	5.11	2.04	1	7	80	Criticar todos os amigos da criança
Sobrenome negativo	5.15	2.08	1	7	80	Dar à criança um sobrenome negativo
Dar ordens a gritar	5.24	1.67	1	7	80	Dar ordens à criança a gritar
Criticar tudo	5.31	1.92	1	7	80	Criticar a criança em tudo o que ela faça
Abanar e empurrar	5.34	1.97	1	7	80	Abanar ou empurrar a criança
Precisam raspanete	5.30	1.50	1	7	80	Algumas crianças precisam de um raspanete ou de um abanão de vez em quando
Proibir actividades	5.35	1.98	1	7	80	Proibir à criança todas as actividades que não sejam escolares
Ameaçar	5.48	1.95	1	7	80	Ameaçar a criança que vão fazer-lhe mal
Beliscões	5.40	1.95	1	7	80	Dar beliscões à criança
Lamentar	5.50	2.24	1	7	80	Dizer à criança, que lamentam que tenha nascido
Minimizar	5.55	2.02	1	7	80	Minimizar os sucessos escolares da criança
Partir	5.60	2.11	1	7	80	Partir, destruir ou deitar fora os brinquedos preferidos da criança
Não vão ser ninguém	5.61	2.07	1	7	80	Dizer à criança que nunca será ninguém na vida
Palmada	5.61	1.50	1	7	80	Uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém
Obedecer	5.63	1.75	1	7	80	As crianças precisam que haja autoridade para se sentirem em segurança
Ver-se livre dela	5.68	2.10	1	7	80	Dizer à criança que gostava de se ver livre dela
Meter medo	5.65	1.96	1	7	80	Meter medo à criança atirando ou destruindo um objecto

Anexo 10

Médias e desvio-padrão entre as variáveis dependentes e independentes

Variáveis Dependentes	Variáveis Independentes											
	Crianças		Adultos		Bairro Social		Zona Residencial		Homens		Mulheres	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
As crianças vão-nos agradecer, mais tarde, por termos sido severos com elas	5.7250	1.4674	4.3500	2.1668	5.4500	2.0500	4.6250	1.8072	4.7750	2.2587	5.3000	1.6045
As crianças precisam que haja autoridade para se sentirem seguras	6.0000	1.1323	5.2500	2.1454	5.7500	1.7650	5.5000	1.7394	5.3250	2.0304	5.9250	1.3660
Uma palmada no rabo, nunca fez mal a ninguém	5.1750	1.5500	6.0500	1.3195	5.8500	1.1886	5.3750	1.7348	5.4750	1.5357	5.5000	1.4632
As crianças choram muitas vezes sem motivo	4.7750	1.7612	4.0000	1.9480	4.7750	1.8185	4.0000	1.8947	4.1250	1.9505	4.6500	1.8053
Algumas crianças precisam de um raspanete ou um abanão de vez em quando	5.2000	1.5884	5.4000	1.4106	5.1500	1.5284	5.5000	1.4667	5.2250	1.6091	5.3750	1.3902
Hoje em dia, as crianças não respeitam os pais	4.1750	1.9066	3.9250	1.9662	4.4750	2.1121	3.6250	1.6438	3.6500	1.8740	4.4500	1.9209
As crianças mentem facilmente	5.0750	1.6391	3.8500	1.8474	4.8000	1.8025	4.1250	1.8001	4.2250	1.9544	4.7000	1.7127
As crianças não sabem quando devem parar	4.5550	1.5844	4.0000	1.8811	4.4250	1.9066	4.1250	1.5882	4.5500	1.9474	4.0000	1.5021
A criança é desobediente	5.7500	1.1929	4.1000	2.0730	4.8750	2.1506	4.9750	1.5764	4.5250	2.1123	5.3250	1.5256
A criança é muito difícil de aturar	4.9750	1.9675	3.0250	1.7901	4.1750	2.2519	3.8250	1.9727	3.7750	2.1302	4.2250	2.0938
O pai/a mãe tem problemas mentais	3.6500	2.0198	1.6000	1.1723	2.5500	2.0375	2.7000	1.8564	2.4500	1.8804	2.8000	2.0026
A criança merece que lhe batam	4.2250	1.9280	2.7250	2.0877	3.8500	2.0823	3.1000	2.1460	3.2250	2.1422	3.7250	2.1242
O pai/a mãe enervam-se	4.4250	1.9333	3.0000	1.9081	4.0250	2.1060	3.4000	1.9454	3.6250	2.0342	3.8000	2.0656
A criança provocou os pais	4.8250	1.9727	3.5250	1.9479	3.8250	2.1230	4.5250	1.9479	4.0500	2.2182	4.2250	1.9092
O pai/a mãe é bêbedo(a)	3.0750	2.2802	1.2250	.8002	2.0500	1.7387	2.2500	2.1334	2.2000	1.8397	2.3000	2.0406
O pai/a mãe está farto(a) de abusos	4.3750	1.6747	2.7750	1.6716	3.3500	1.0070	3.8000	1.6672	3.3000	1.8974	3.8500	1.7766
A criança é violenta	4.5250	2.1482	2.7000	1.9108	3.7500	2.3939	3.4750	2.0505	3.0750	1.9662	4.1500	2.3485
A criança não compreende a não ser dessa maneira	4.1750	1.6624	2.4000	1.4815	3.5000	1.8030	3.0750	1.8030	3.0750	1.9133	3.5000	1.6794
O pai/a mãe age no interesse da criança	5.0750	1.9133	4.5000	2.3315	5.2000	2.1388	4.3750	2.0840	4.6750	2.0500	4.9000	2.2395
A criança é irritável	4.8000	1.8003	2.6000	1.6455	3.9000	2.0854	3.5000	2.0000	3.1750	2.0567	4.2250	1.9280
O pai/a mãe gosta da criança	5.6750	2.1048	3.9000	2.4683	5.6000	2.1815	3.9750	2.4396	4.8000	2.4411	4.7750	2.4857
O pai/a mãe sofreu maus tratos quando era também criança	4.5500	2.0500	2.1250	1.9107	3.6500	2.3044	3.0250	2.3148	3.2750	2.4494	3.4000	2.2049
O pai/a mãe não tem outra escolha, senão bater	3.8500	1.7179	1.9500	1.4667	2.7250	1.7393	3.0750	1.9662	3.0250	1.9544	2.7750	1.7612
O pai/a mãe é violento(a)	3.3500	2.3250	1.4500	1.0610	2.7500	2.0350	2.0250	1.9805	2.3500	2.2020	2.4250	1.8659
Enfurecer-se contra a criança	5.0250	1.7757	4.7750	2.1778	4.0250	2.2702	5.7750	1.0975	5.0750	1.8949	4.7250	2.0630
Dar bofetadas à criança	4.8500	1.6726	5.0750	2.1767	4.2250	2.2813	5.7000	1.1140	5.0250	1.9544	4.9000	1.9322
Proibir sempre a criança de trazer amigos para casa	4.2500	2.0096	4.8000	2.3556	3.5000	2.1890	5.4000	1.9189	4.2000	2.4620	4.8500	1.8612
Rir-se da forma como a criança se apresenta	4.0250	1.9675	4.6000	2.4578	3.6250	2.1326	5.0000	2.1384	4.1250	2.3771	4.5000	2.0878
Dar à criança um sobrenome negativo	5.0500	1.8529	5.2500	2.3066	4.6250	2.2382	5.6750	1.7887	4.7000	2.4094	5.6000	1.5981

Anexo 10 (continuação)
Médias e desvio-padrão entre as variáveis dependentes e independentes

	Variáveis Independentes													
	Crianças				Adultos				Bairro Social				Zona Residencial	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Impedir a criança de falar com os vizinhos	4.9250	1.8451	5.1500	2.1430	4.5250	2.1482	5.5500	1.6929	4.6250	2.3170	4.6250	2.3170	5.4500	1.5183
Criticar todos os amigos da criança	5.1500	1.8474	5.0750	2.2462	4.4400	2.2397	5.8250	1.5506	4.8000	2.1979	4.8000	2.1979	5.4250	1.8521
Dar palmada à criança	4.6500	1.5779	3.2000	1.7276	3.8500	2.0198	4.0000	1.5889	3.9250	1.6701	3.9250	1.6701	3.9250	1.9400
Dizer à criança que gostava de se ver livre dela	5.5750	1.7670	5.6500	2.3485	5.0250	2.5063	6.2000	1.2850	5.3750	2.1446	5.3750	2.1446	5.8500	1.9813
Abanar e empurrar a criança	5.4250	1.8659	5.2500	2.0970	4.8750	2.3336	5.8000	1.4178	5.0500	2.1477	5.0500	2.1477	5.6250	1.7641
Ameaçar a criança que vão fazer-lhe mal	5.5750	1.8521	5.3750	2.2036	4.8750	2.3986	6.0750	1.3471	5.0750	2.3026	5.0750	2.3026	5.8750	1.6359
Meter medo à criança atirando ou destruindo um objecto	5.6500	1.7910	5.6500	2.1310	5.1000	2.3729	6.2000	1.2237	5.3000	2.3664	5.3000	2.3664	6.0000	1.3775
Criticar a criança em tudo o que ela faz	5.3750	1.5138	5.2500	2.2730	4.6000	2.2736	5.0250	1.1206	4.9500	2.0749	4.9500	2.0749	5.6750	1.7005
Dizer à criança, que lamentam que tenha nascido	5.5750	1.6700	5.7750	2.4230	4.9000	2.6292	6.2000	1.5850	5.3750	2.1446	5.3750	2.1446	5.8500	1.9813
Dar beliscões à criança	5.4250	1.6154	5.3750	2.2610	4.7750	2.3259	6.0250	1.2297	5.1500	2.1189	5.1500	2.1189	5.6500	1.7621
Proibir à criança todas as actividades que não sejam escolares	5.3000	1.5884	5.4000	2.3293	4.7757	2.2925	5.9250	1.4212	5.0252	2.1660	5.0252	2.1660	5.6759	1.7451
Partir, destruir ou deitar fora os brinquedos preferidos da criança	5.7000	1.8564	5.5000	2.3534	4.9250	2.4847	6.2750	1.3772	5.2750	2.3423	5.2750	2.3423	5.9250	1.8171
Dizer à criança que nunca será ninguém na vida	5.6000	1.7512	5.6500	2.3485	5.0250	2.5063	6.2250	1.2504	5.4000	2.1340	5.4000	2.1340	5.8500	1.9813
Dar ordens à criança a gritar	5.5000	1.4322	4.9750	1.8603	4.6750	1.9792	5.8000	1.0427	5.1250	1.8562	5.1250	1.8562	5.3500	1.4772
Minimizar os sucessos escolares da criança	5.5500	2.0121	5.5500	2.0500	5.0250	2.3587	6.0750	1.4669	5.1250	2.3445	5.1250	2.3445	5.9750	1.5440
O pai/a mãe tiveram uma má educação	4.8500	1.7621	4.5250	2.0505	4.1250	2.0279	5.2544	1.6133	4.3500	2.1726	4.3500	2.1726	5.0250	1.5440
O pai/a mãe está cansado(a)	4.0500	1.8390	4.3000	1.8145	3.3500	1.9553	5.0000	1.2195	4.0250	1.9052	4.0250	1.9052	4.3250	1.7451
A família é pobre	3.8000	1.5558	4.2500	1.7357	3.6750	1.5254	4.3750	1.7200	3.7500	1.6447	3.7500	1.6447	4.3000	1.6361
O pai/a mãe nunca tiveram família	3.5000	2.1001	3.6000	2.0854	3.1750	2.2359	3.8750	1.8836	3.1500	2.0323	3.1500	2.0323	3.9500	2.0248
O pai e mãe dão-se mal	4.1500	1.9421	4.5000	2.1364	3.4750	2.1121	5.1750	1.5671	4.2258	2.0567	4.2258	2.0567	4.4250	2.0367
Os pais são influenciados pela televisão	3.6250	2.2684	3.3250	2.0430	2.8750	2.1145	4.0750	1.9267	2.9500	1.9735	2.9500	1.9735	4.0000	2.1122
O pai e a mãe é agressivo(a)	4.4500	2.0121	4.6750	2.2689	3.5500	2.2526	5.5750	1.4302	4.3000	2.4411	4.3000	2.4411	4.8250	1.7670
O pai/a mãe sente-se só	3.9250	1.9267	3.3250	1.8451	3.2250	1.9280	4.0250	1.8044	3.6750	1.9531	3.6750	1.9531	3.5750	1.8659
A família não tem uma casa com boas condições	4.5000	1.8674	4.4750	1.8809	4.6000	1.8920	4.3750	1.8493	4.3000	1.8974	4.3000	1.8974	4.6754	1.8312
Os pais exigem muito dos filhos	4.5500	1.5183	4.3250	1.7005	4.0000	1.7246	4.8750	1.3623	4.4000	1.7803	4.4000	1.7803	4.4750	1.4320
O pai/a mãe não gosta dos filhos	4.0500	2.2412	3.5000	2.3643	3.0750	2.3026	4.4750	2.1121	3.5250	2.3203	3.5250	2.3203	4.0250	2.2925
Os pais têm horários de trabalho prolongados	4.8000	1.4711	4.4250	1.7815	4.6500	1.9421	4.5750	1.2788	4.6250	1.6281	4.6250	1.6281	4.6000	1.6610
O pai/a mãe é mau (má)	4.6250	2.2267	3.9750	2.4124	3.7000	2.4200	4.9000	2.0976	4.050	2.5110	4.050	2.5110	4.5500	2.1058
Os pais são divorciados	4.0500	2.0248	3.1250	2.0405	3.1750	1.9986	4.0000	2.0878	3.3500	2.1430	3.3500	2.1430	3.8250	1.9986
Os pais são desempregados	3.8000	2.0026	4.1000	1.9846	3.4750	2.1121	4.4250	1.7525	3.7000	2.0656	3.7000	2.0656	4.2000	1.8974

ERRATA

	Em vez de se ler	Deve ler-se
Pg 26	$(C = f(P \rightarrow M))$	$(C = f(P \overset{\leftarrow}{\rightarrow} M))$
Pg 26	$(C \leftrightarrow M \leftrightarrow P)$	$(C \overset{\leftarrow}{\leftrightarrow} M \overset{\rightarrow}{\leftrightarrow} P)$
Pg 36	citados na página 17	citados na página 23
Pg 38	estudo principal (cap.4)	estudo principal (cap.5)
Pg 68	quatro grandes dimensões	três grandes dimensões